



ALFAGUARDIA

H.G. Wells

A Máquina do Tempo





H. G. Wells

A Máquina do Tempo

Tradução, prefácio e notas
Braulio Tavares

© The Literary Executors of the Estate of HG Wells

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Objetiva Ltda.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

The Time Machine

Capa

Victor Burton

Imagem de capa

Peter Dazeley/Getty Images

Revisão

Rita Godoy

Bruno Correia

Leonardo Alves

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W48m

Wells, H. G.

A máquina do tempo [recurso eletrônico] / H. G. Wells ; tradução, prefácio e notas Bráulio Tavares. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2011.

recurso digital

Tradução de: The time machine

Formato: ePub

Requisitos do sistema:

Modo de acesso:

88p. ISBN 978-85-7962-055-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Tavares, Bráulio, 1950-. II. Título.

10-5722. CDD: 823

CDU: 821.111-3

Prefácio

A Máquina do Tempo é um desses casos de obra literária que originam um subgênero — no caso, o das histórias de viagens no Tempo, que hoje já não pertencem apenas à ficção científica, mas se ramificaram por toda parte. Alfred Jarry, Jorge Luis Borges e Kurt Vonnegut Jr. são alguns dos muitos autores que passaram pela porta aberta por Wells, embora Borges, bem ao seu modo, desdenhasse o uso de uma máquina e preferisse “um sonho ou um tapete mágico” para o deslocamento temporal.

Nesse aspecto, Borges era um pré-vitoriano, porque tanto o livro de Wells quanto o próprio autor eram produto da mentalidade industrial que produziu desde a locomotiva à bicicleta, desde o automóvel à metralhadora, desde o balão e o avião à fotografia e o cinema. Máquinas eram sinônimo de independência, individualismo e controle. Como meios de transporte (que Julio Verne explorou extensamente), eram uma afirmação do homem sobre o Espaço e, conseqüentemente, sobre o Tempo (“a volta ao mundo em oitenta dias”).

Inúmeros ensaístas já apontaram a coincidência de ser 1895 o ano deste livro de Wells e o da invenção do cinema pelos irmãos Lumière. Duas máquinas do tempo que brotaram de um mesmo caldo cultural de ideias, dois sintomas de um fim de século em que o homem começou a se sentir capaz de acelerar o Tempo, retardá-lo, fixá-lo, fazê-lo retroceder. Quando o Viajante no Tempo, no romance de Wells, lamenta não ter levado consigo uma Kodak, temos um breve choque de anacronismo, porque pensamos na Kodak como uma contemporânea nossa, e não de Wells; mas é justamente o contrário.

A história da ficção científica considera o livro de Wells um marco pelo fato de pela primeira vez a viagem no Tempo deixar de depender dos recursos fantasistas clássicos (um sonho, uma visão, uma poção mágica, uma hibernação prolongada, um transporte involuntário por meios desconhecidos) para instituir, modernistamente, a possibilidade de um mecanismo controlado pelo passageiro, que pode assim deslocar-se na direção que quiser, parando onde bem entender, e retornando ao ponto de partida quando lhe for conveniente. Um automóvel para viajar no Tempo, em outras palavras. Relendo a obra, no entanto, constatamos que seu caráter inovador repousa menos no hardware (a máquina em si, cujo modo de funcionamento não é explicado em momento algum) do que no software: a cuidadosa (e em certa medida falaciosa) argumentação do Viajante no Tempo sobre as quatro dimensões e a possibilidade de alguém se deslocar na quarta com a mesma facilidade com que se desloca nas outras três.

Wells é de um laconismo espantoso quanto ao que faz sua máquina se deslocar no

Tempo. Qual a fonte de energia? De que maneira o mecanismo desprende sua matéria da “seta do Tempo”? Tudo que sabemos é que tem alavancas, para impulsioná-lo rumo ao Futuro ou ao Passado, além de “um mostrador para registrar os dias, outro para os milhares de dias, outro para milhões, e outro para milhares de milhões”. Não é de admirar que Julio Verne protestasse com irritação contra a literatura de Wells: “Ele inventa!” Verne se recusaria a sugerir uma máquina cujo funcionamento não pudesse ser explicado de modo satisfatório.

A máquina de Wells, contudo, é de uma natureza literária diferente do submarino do Capitão Nemo ou do balão do dr. Ferguson. Sua descrição lembra menos um veículo do que um objeto decorativo ou artístico, como uma caixinha de música ou um ovo Fabergé. A adaptação cinematográfica de George Pal (1960) recriou essa máquina (com design de William Ferrari) transformando-a numa espécie de trenó metálico, com um painel de controle, um assento e, num detalhe ausente do livro, um enorme disco rotatório por trás do assento, disco que se põe a girar quando a máquina é acionada. É um dos mais belos artefatos do cinema *steampunk* e reforça o sentido art nouveau, ornamental e puramente estético do engenho imaginado por Wells. Não é um maquinismo utilitário, é uma obra de arte com peças mecânicas.

Se o hardware é puramente artístico, é na explicação teórica que Wells dá sua maior contribuição para o gênero que está sendo criado, através da clássica exposição do Viajante no Tempo na seção 1 do livro. Wells deve seus argumentos, entre outras fontes (ele cita, num detalhe factual, jornalístico, as conferências matemáticas de Simon Newcomb), a dois clássicos da chamada proficção científica. O primeiro é *Flatland, a Romance of Many Dimensions*, de Edwin A. Abbott (1884), em que a discussão sobre seres vivendo em duas, três ou mais dimensões proporciona uma base para a especulação feita em 1895 por Wells. O outro são os *Scientific Romances* de Charles H. Hinton, publicados entre 1884-1886 e depois reunidos num livro do qual Jorge Luis Borges, num prefácio, afirma: “Wells não o menciona, mas o primeiro capítulo de seu admirável pesadelo, *A Máquina do Tempo*, invencivelmente sugere que não apenas o conhecia mas que também o estudou, para seu deleite e o nosso.”

Depois que Wells nos acostumou a ver o Tempo como uma quarta dimensão, a ficção científica passou décadas glosando esse mote. O Tempo foi espacializado de todas as maneiras, com as viagens dos “crononautas” sendo descritas em forma de deslocamentos de um ponto ao longo de uma linha reta. O exemplo mais extremo dessa tendência é o romance de Isaac Asimov *O Fim da Eternidade* (1955), em que a viagem ao longo dos séculos é efetuada numa espécie de elevador, o que dá ao Tempo a aparência de um gigantesco arranha-céu em que os viajantes, como ascensoristas, se deslocam num túnel vertical:

Girou a alavanca de impulso na outra direção. O mostrador de energia subiu de novo, e desta vez o temporômetro moveu-se rapidamente para o tempo-abaixo ao longo da linha dos

Séculos.

Tempo-abaixo, tempo-abaixo... 99.983... 99.972... 99.959...

Harlan mais uma vez mudou a alavanca de posição. Tempo-acima de novo. Lentamente. Bem lentamente.

Então, 99.985... 99.993... 99.997... 99.998... 99.999... 100.000...

(O Fim da Eternidade, Ed. Aleph, São Paulo, 2007.)

Asimov formata o seu Tempo a partir de uma visão linear que descende diretamente da de Wells em *A Máquina do Tempo*. Essa mesma visão linear produziu metáforas geométricas como as bifurcações temporais, os laços ou loops provocados pelo retorno de um personagem ao próprio passado, o conceito de tempos (ou universos) paralelos e incomunicáveis. O Tempo passou décadas sendo descrito por elementos básicos da geometria.

O livro de Asimov também é a ilustração de um paradoxo talvez inevitável nas histórias de viagem no Tempo: quanto mais a narrativa vai e vem no Tempo, mais ela tem de se prender a um espaço restrito. O Viajante da obra de Wells circula por apenas alguns quilômetros em torno do local de origem de sua casa, no subúrbio londrino de Richmond. Não obstante, seus juízos a respeito do mundo do futuro são abrangentes, fazendo generalizações sobre a Humanidade como se o que acontecia à beira do Tâmesa estivesse ocorrendo igualmente na Ásia, na América e em toda parte. Há uma boa dose de anglocentrismo ou eurocentrismo nisso, semelhante ao que ocorre em *A Guerra dos Mundos* (1898), em que a invasão marciana se concentra nos arredores do local onde o próprio Wells morava na época.

Esse centralismo geográfico, no entanto, deve-se tanto a questões literárias quanto a comodismo cultural. Quando na década de 1990 William Gibson negociava os direitos de seu *Neuromancer* (1984) para a criação de um game, os roteiristas perguntavam-lhe sobre o entorno do Sprawl (o conglomerado urbano onde ocorre a ação do romance), e Gibson respondia: “Não tenho a menor ideia do que estaria ocorrendo em Cleveland ou qualquer outro lugar, pensei apenas na história que estava contando.” Escritores como Julio Verne ou J. R. R. Tolkien têm mentalidade sistematizante, catalográfica e sentem-se na obrigação de cobrir todas as áreas da realidade que imaginaram. Escritores de temperamento intuitivo e visionário como Wells e Gibson preocupam-se menos com essas filigranas de verossimilhança e jogam-se por inteiro na história a ser contada, como se somente ela importasse.

O livro de Wells tem também um aspecto metalinguístico que nem sempre é observado. Na seção 5, o Viajante no Tempo comenta:

Esta, devo adverti-los, foi a teoria que formulei naquele momento. Eu não dispunha de um providencial cicérone, como ocorre em geral nos romances de Utopia.

A literatura utópica do século XIX geralmente projetava um indivíduo numa sociedade futura ou distante, e lhe apresentava um habitante local para servir-lhe de guia. Este recurso conferia à obra um caráter didático, explicativo. A aventura que havia era uma aventura peripatética, uma aula de História ao longo de um passeio ilustrativo. Wells despreza esse recurso e joga seu Viajante num futuro desconhecido e cheio de ameaças, entregue aos seus próprios recursos e contando apenas consigo mesmo para interpretar o que vê. Com *A Máquina do Tempo*, a literatura utópica e futurista foi se transferindo do âmbito dos diálogos filosóficos para o dos romances de aventuras.

Wells tinha um lado utopista que ele desenvolveu em numerosas obras de não ficção. Assumiu o papel de reformador do mundo e envolveu-se com a política, reconhecendo as limitações da palavra escrita, mas sabendo tirar partido de suas vantagens. Poucos escritores de ficção científica (e poucos escritores em geral) terão sido tão populares em vida e tão respeitados por políticos e chefes de Estado. Como pensador, oscilou a vida inteira entre um impulso reformador e didático e um impulso *dark* que o levava a ver o futuro da Humanidade com certa frieza e pessimismo, atitude que se manifesta, de diferentes maneiras, em seus principais livros: *A Máquina do Tempo*, *A Ilha do Dr. Moreau*, *O Homem Invisível*, *A Guerra dos Mundos* etc.

Ao caminhar pelos relvados do mundo dos Elois, o Viajante no Tempo se pergunta: “E se naquele intervalo a nossa raça tivesse perdido sua aparência humana e se transformado em algo inumano, hostil e esmagadoramente poderoso?” Pascal dizia que o silêncio eterno dos espaços infinitos o amedrontava; Wells, mais pé no chão, teme algo mais concreto que o silêncio, teme uma Presença. Em *A Guerra dos Mundos* ele mostra o nosso planeta sendo observado e estudado a distância por “intelectos vastos, frios e hostis”. Seus livros são mais pessimistas que os de Verne, mas existe neles uma alegria imaginativa, um entusiasmo fabulatório que Verne só exibiu ocasionalmente. Verne, apesar de suas numerosas qualidades, soa muitas vezes como um mestre-escola; Wells é acima de tudo um contador de histórias.

Aos 29 anos, H. G. Wells deu ao *scientific romance* (termo então usado na Grã-Bretanha para designar o que hoje chamamos de ficção científica) um conceito básico (o Tempo como uma dimensão linear do Espaço), um artefato (a máquina de viajar no tempo), a noção de paradoxo (a flor trazida do futuro; como disse Borges, “a contraditória flor cujos átomos agora ocupam outros lugares e ainda não se combinaram”). Como outros livros minúsculos e duradouros (*O Médico e o Monstro* de Stevenson, *O Coração das Trevas* de Conrad, *A Volta do Parafuso* de James etc.), vale pelas imagens essenciais que produziu e que não se esgotaram até hoje.

Braulio Tavares

A Máquina do Tempo

1

O Viajante no Tempo (pois convém que ele seja designado desta forma) estava a nos explicar um assunto dos mais recônditos. Seus olhos cinzentos e brilhantes cintilavam, e seu rosto, em geral pálido, estava cheio de cor e de animação. O fogo ardia, e a luz das lâmpadas incandescentes se refletia nos lírios de prata, fazendo faiscar as bolhas que luziam em nossas taças de cristal. Nossas cadeiras, um modelo patenteado por ele próprio, pareciam nos abraçar e nos envolver, mais do que receber o peso dos nossos corpos. Havia em tudo aquela repousante atmosfera de pós-jantar, quando os pensamentos vagueiam à vontade, livres das barreiras da precisão. E foi deste modo que ele nos propôs sua ideia, reforçando cada ponto com o dedo em riste, enquanto nós, preguiçosamente sentados, admirávamos o fervor e a imaginação com que ele expunha seu novo paradoxo.

— Acompanhem-me com atenção, porque precisarei ir de encontro a uma ou duas ideias de aceitação universal. A geometria que vocês aprenderam na escola, por exemplo, se fundamenta num equívoco.

— Não acha que essa é uma premissa muito audaciosa? — inquiriu Filby, um indivíduo de cabelo ruivo, que gostava de polemizar.

— Não lhes peço que aceitem nada, se acharem que não há base para tanto. Em breve irão todos concordar com as minhas premissas. Todos sabem, imagino, que uma linha geométrica, uma linha de espessura igual a zero, não tem existência real. Estudaram isso, não é? Assim como um plano geométrico também não existe. Tais coisas são meras abstrações.

— Sem dúvida — disse o Psicólogo.

— Do mesmo modo, um cubo que possua apenas altura, largura e profundidade não pode ter uma existência real.

— Nesse ponto eu discordo — disse Filby. — É claro que um corpo sólido como esse existe. Todas as coisas reais...

— Sim, é o que todos acham. Mas espere um pouco. Será que existe um cubo

instantâneo?

— Não entendi — disse Filby.

— Será que um cubo que não dure por algum tempo pode ter uma existência real?

Filby ficou pensativo.

— Parece-me claro — disse o Viajante no Tempo — que qualquer objeto real deve se estender em *quatro* direções: ele deve ter Altura, Largura, Espessura e... Duração. Mas devido a uma limitação natural dos nossos sentidos, que já explicarei, temos uma tendência a desprezar este último aspecto. Existem na verdade quatro dimensões, três que constituem os três planos do Espaço, e uma dimensão adicional, o Tempo. Temos, no entanto, uma tendência que nos faz estabelecer uma distinção irreal entre as três primeiras dimensões e a última, porque nossa consciência se move de maneira intermitente em uma direção só, ao longo desta última, do começo ao fim das nossas vidas.

— Isso — disse um rapaz muito jovem, fazendo esforços espasmódicos para reacender seu charuto na chama da lâmpada —, isso é... bem claro, sem dúvida.

— Pois bem, é impressionante como isso sempre passa despercebido — continuou o Viajante no Tempo, num assomo pouco usual de cordialidade. — É a isso que nos referimos quando falamos de uma Quarta Dimensão, embora muitas pessoas que falam sobre a Quarta Dimensão não tenham ideia do que seja. É apenas uma outra maneira de encarar o Tempo. *Não existe diferença entre o Tempo e qualquer das outras três dimensões do Espaço, exceto o fato de que nossa consciência se desloca ao longo dele.* Mas alguns tolos enxergam esta ideia às avessas. Já ouviram o que se diz por aí a respeito da Quarta Dimensão?

— *Eu* não ouvi — disse o Prefeito de Província.

— É muito simples. O Espaço, tal como é concebido pelos nossos matemáticos, teria três dimensões, que podem ser chamadas de Altura, Largura e Espessura, e pode ser sempre definido com referência a três planos, cada um em ângulo reto relativamente aos demais. Mas alguns filósofos têm se perguntado por que *três* dimensões especificamente; por que não haveria uma outra direção, em ângulo reto com as demais? E chegaram mesmo a tentar construir uma geometria de Quatro Dimensões. O professor Simon Newcomb fez uma conferência a esse respeito na New York Mathematical Society há cerca de um mês.¹ Vocês sabem que numa superfície plana, que tem apenas duas dimensões, podemos representar a figura de um sólido tridimensional, e por analogia ele imagina que é possível representar em modelos de três dimensões um objeto que na realidade possua quatro — basta encontrar a perspectiva correta para reproduzi-lo. Entendem?

— Creio que sim — disse o Prefeito de Província; e, franzindo as sobrancelhas, mergulhou num estado de profunda introspecção, movendo os lábios como se recitasse palavras mágicas. — Sim, creio que entendo agora — repetiu depois de algum tempo, enquanto seu rosto assumia uma fugaz expressão de triunfo.

— Bem, não me importo de revelar a vocês que há algum tempo venho trabalhando nesse conceito de Geometria de Quatro Dimensões. Alguns dos resultados a que cheguei são

interessantes. Por exemplo, aqui está o retrato de um homem aos oito anos de idade, outro aos quinze, outro aos dezessete, outro aos vinte e três e assim por diante. Todos eles representam secções, por assim dizer, de um ser quadridimensional, que é uma coisa fixa e inalterável.

“Os cientistas”, prosseguiu o Viajante no Tempo, depois de uma pausa necessária para a assimilação de tudo aquilo, “sabem muito bem que o Tempo é apenas uma espécie de Espaço. Aqui está um diagrama científico bastante popular, um registro meteorológico. Esta linha que estou traçando com meu dedo mostra o movimento do barômetro. Ontem ele estava nesta altura, ontem à noite caiu até aqui, esta manhã subiu de novo, e continuou fazendo uma subida suave até aqui. Concordam comigo que o mercúrio não descreveu essa linha em nenhuma das dimensões do Espaço que conhecemos? Mas também não há dúvida de que essa linha foi traçada, e somos forçados a concluir que isso se deu ao longo da Quarta Dimensão.

— Mas — disse o Médico, com o olho fixo nos carvões da lareira —, se o Tempo é de fato apenas uma quarta dimensão do Espaço, por que motivo ele é, e sempre tem sido, visto de maneira diferente? E por que não podemos nos mover no Tempo com a mesma liberdade com que nos movemos nas outras dimensões do Espaço?

O Viajante no Tempo sorriu.

— Tem certeza de que nos movemos livremente no Espaço? Podemos ir para a direita e a esquerda, para a frente e para trás, com razoável liberdade de movimentos, e o homem sempre tem procedido assim. Concordo que temos liberdade de nos mover em duas dimensões. Mas, o que me diz de para cima e para baixo? A gravitação nos impõe um limite.

— Não exatamente — disse o Médico. — Existem os balões.

— Mas antes dos balões, salvo por alguns pulos espasmódicos e as irregularidades da superfície da terra, o homem não tem liberdade para se deslocar verticalmente.

— Ainda assim, pode mover-se um pouco para cima e para baixo.

— Muito mais facilmente para baixo do que para cima.

— E não podemos nos mover no Tempo, não podemos nos afastar do momento presente.

— Meu caro senhor, é justamente aí que se engana. É justamente aí que o mundo inteiro tem se enganado. Estamos o tempo todo nos afastando do momento presente. Nossa existência mental, que é imaterial e não tem dimensões, está percorrendo a dimensão do Tempo a uma velocidade uniforme, do berço ao túmulo. Do mesmo modo como estaríamos viajando para baixo se começássemos nossa existência a cem quilômetros acima da superfície da Terra.

— Mas essa é a grande dificuldade — interrompeu o Psicólogo. — *Podemos* nos mover em todas as direcções do Espaço, mas não podemos fazer o mesmo no Tempo.

— Esse é o germen da minha grande descoberta. Vocês erram em afirmar que não podemos nos mover no Tempo. Por exemplo, se estou recordando de maneira muito vívida um incidente qualquer, eu retorno àquele instante em que ele sucedeu, minha mente se ausenta, como costumamos dizer, e por alguns instantes está de volta ao passado. Claro que

não temos como permanecer lá durante muito tempo, assim como um selvagem ou um animal não pode permanecer muito tempo a dois metros acima do solo. Mas um homem civilizado consegue se safar bem melhor do que um selvagem nesse aspecto. Ele pode vencer a força da gravidade através de um balão, e por que motivo não pode imaginar que um dia será capaz de acelerar ou interromper seu deslocamento ao longo da dimensão do Tempo, ou mesmo retornar e viajar no sentido contrário?

— Ora, *isso*... — começou Filby — tudo isso é uma...

— Por que não? — insistiu o Viajante no Tempo.

— É contra a razão — disse Filby.

— Que razão? — perguntou o Viajante no Tempo.

— É possível provar com palavras que o preto e o branco são iguais — disse Filby —, mas você nunca vai me convencer.

— Talvez não — disse o Viajante no Tempo. — Mas agora vocês começam a perceber o objetivo das minhas investigações sobre a Geometria das Quatro Dimensões. Tempos atrás eu tive uma vaga ideia para a construção de uma máquina...

— Para viajar no Tempo! — exclamou o Rapaz Muito Jovem.

— Para viajar não importa em que direção do Espaço e do Tempo, de acordo com a vontade do seu piloto.

Filby limitou-se a dar uma gargalhada.

— Mas já tenho uma confirmação experimental — disse o Viajante no Tempo.

— Seria algo muitíssimo conveniente para um historiador — sugeriu o Psicólogo. — Ele poderia voltar ao passado e checar a veracidade dos relatos sobre a Batalha de Hastings, por exemplo.

— Não acha que iria atrair muito as atenções? — perguntou o Médico. — Nossos ancestrais não eram muito tolerantes para com anacronismos.

— Seria possível aprender grego dos próprios lábios de Homero e de Platão — refletiu o Rapaz Muito Jovem.

— E neste caso não conseguiria sequer entrar na universidade. Os eruditos alemães já melhoraram muito a língua grega.

— Além disso, há o futuro — disse o Rapaz Muito Jovem. — Imagine só. Um homem poderia investir todo o seu dinheiro, deixar que os juros se acumulassem, e ir buscá-los lá adiante!

— E encontrar uma sociedade — disse eu — de bases estritamente comunistas.

— Ora, de todas as teorias extravagantes... — começou o Psicólogo.

— Sim, também me pareceu, e é por isso que nunca comentei algo com ninguém até...

— Confirmação experimental! — exclamei. — Você vai tentar experimentar *isso*?

— A experiência! — exclamou Filby, que começava a demonstrar cansaço.

— Vejamos a sua experiência, em todo caso — disse o Psicólogo —, embora tudo isso não passe de uma balela, como vocês sabem.

O Viajante no Tempo sorriu para todos nós. Em seguida, ainda sorridente, e com as

mãos enfiadas nos bolsos da calça, caminhou devagar para fora da sala, e escutamos o som dos seus chinelos afastando-se no longo corredor que dava para o seu laboratório.

O Psicólogo virou-se para nós.

— Fico imaginando o que ele tem para nos mostrar.

— Algum dos seus truques de prestidigitação — disse o Médico, e Filby começou a nos contar uma história sobre um mágico que vira em Burslem, mas antes que tivesse concluído a parte introdutória o Viajante no Tempo voltou à sala, e sua narrativa ruiu por terra.

O objeto que o Viajante no Tempo trazia em suas mãos era uma estrutura reluzente de metal, pouco maior que um relógio de tamanho médio, e de feitura muito delicada. Algumas de suas partes eram de marfim, e outras, de uma substância cristalina e transparente. E agora tenho que ser muito explícito, porque o que se seguiu — a menos que aceitemos a explicação dada por ele próprio — foi algo absolutamente inexplicável. Ele puxou uma das mesinhas octogonais que havia na sala e a trouxe para perto da lareira, com duas das pernas pousadas sobre o tapete. Sobre essa mesa ele depositou o mecanismo. Então puxou para perto uma cadeira e se sentou. O único outro objeto sobre a mesinha era uma pequena lâmpada, cuja luz caía de cheio sobre o modelo. Havia em torno de nós talvez uma dúzia de velas, duas em candelabros de bronze sobre o console da lareira, e outras em castiçais, de modo que a sala estava brilhantemente iluminada. Eu estava sentado numa poltrona baixa próxima ao fogo, a qual puxei para a frente, de modo que fiquei quase entre o Viajante no Tempo e o fogo. Filby estava sentado atrás dele, olhando por cima do seu ombro. O Médico e o Prefeito de Província o observavam de perfil pelo lado direito, e o Psicólogo pelo lado esquerdo. O Rapaz Muito Jovem estava de pé por trás do Psicólogo. Todos estávamos atentos. Parecia-me incrível que um truque, por mais bem-concebido e bem-executado que fosse, pudesse iludir a todos nós em tais circunstâncias.

O Viajante no Tempo olhou para nós, depois para o mecanismo.

— E então? — disse o Psicólogo.

— Este pequeno modelo — disse o Viajante no Tempo, pousando os cotovelos sobre a mesinha e segurando o aparelho com ambas as mãos — é apenas um protótipo da minha máquina de viajar através do Tempo. Podem perceber que tem uma aparência curiosa, e que essa barra rebrilha de maneira estranha, como se fosse meio irreal. — Ele apontou com o dedo. — Além disso, aqui está uma alavanca, e aqui está outra.

O Médico levantou-se de sua cadeira e veio observar o mecanismo mais de perto.

— É muito benfeito — disse ele.

— Levei dois anos para fabricá-lo — replicou o Viajante no Tempo. Depois que todos imitaram a ação do Médico, ele continuou: — Agora, quero que entendam com clareza que esta alavanca, empurrada para a frente, faz a máquina se deslocar para o futuro, e a outra produz o efeito contrário. Este selim é o assento em que um viajante no tempo pode se instalar. Agora, vou empurrar a alavanca, e a máquina vai partir. Vai desaparecer: vai mergulhar no futuro e desaparecer. Olhem bem para ela. Olhem para a mesa também e

certifiquem-se de que não existe nenhum truque. Não quero desperdiçar o meu protótipo e depois ouvir alguém dizer que sou um charlatão.

Houve um minuto de pausa, talvez. O Psicólogo pareceu a ponto de dirigir-me a palavra, mas mudou de ideia. Então o Viajante no Tempo aproximou seu dedo da pequena alavanca.

— Não — disse ele — dê-me aqui sua mão.

Virando-se para o Psicólogo, segurou sua mão e pediu-lhe para estender o dedo indicador. E foi assim que o próprio Psicólogo enviou o protótipo da Máquina do Tempo em sua interminável viagem. Todos nós vimos a alavanca se movendo. Tenho certeza absoluta de que não houve nenhum truque. Houve um sopro de vento, e a luz da lâmpada agitou-se. Uma das velas sobre o console da lareira apagou-se, e a pequena máquina girou sobre si própria, tornou-se indistinta, ficou com uma aparência fantasmagórica durante um segundo talvez, como um torvelinho vertiginoso de bronze e marfim, e então sumiu — desapareceu! A não ser pela lâmpada, a mesa estava vazia.

Todos ficamos em silêncio durante um minuto. Então Filby pediu que diabos o levassem.

O Psicólogo recuperou-se da sua estupefação e, rapidamente, agachou-se para olhar embaixo da mesinha. O Viajante no Tempo gargalhou com bom humor.

— E então? — perguntou ele, num tom que imitava a voz do Psicólogo. E, ficando de pé, foi até o console da lareira, apanhou um vidro cheio de tabaco e começou a encher o cachimbo, de costas para nós.

Entreolhamo-nos.

— Olhe aqui — disse o Médico —, você está falando sério? Acredita mesmo que essa maquininha está viajando pelo Tempo?

— Certamente — disse o Viajante no Tempo, curvando-se para acender nas chamas da lareira uma pequena mecha, que usou para acender o cachimbo. Virou-se para encarar o Psicólogo. (O qual, para mostrar que estava com pleno controle dos nervos, puxou do bolso um charuto e tentou acendê-lo sem cortar a ponta.) — E, além disso, eu tenho uma máquina em tamanho grande quase pronta, lá dentro — ele indicou a direção do laboratório — e, quando tudo estiver em ordem, pretendo fazer essa viagem eu mesmo.

— Você afirma que aquela máquina viajou para o futuro? — perguntou Filby.

— Para o futuro ou para o passado; não tenho certeza de qual dos dois.

Depois de uma pausa, o Psicólogo teve uma ideia.

— Deve ter ido para o passado, se é que foi para algum lugar — disse ele.

— Por quê? — perguntou o Viajante no Tempo.

— Porque eu presumo que ela não tenha se movido no espaço, e, se ela viajou para o futuro, ainda estaria aqui, uma vez que viajou ao longo deste momento.

— Mas — observei —, se ela tivesse viajado para o passado, estaria visível no momento em que entramos nesta sala; e na quinta-feira passada, quando nos reunimos aqui; na quinta-feira anterior, e assim por diante.

— Objeções bastante sérias — comentou o Prefeito de Província, com um ar de imparcialidade, virando-se para o Viajante no Tempo.

— Nem um pouco — respondeu ele, e, virando-se para o Psicólogo, prosseguiu: — Vamos, pense. *O senhor* pode explicar. É uma presença abaixo do limiar, sabe... Uma presença diluída.

— Claro que sim — disse o Psicólogo, num tom destinado a nos tranquilizar. — É uma questão muito simples dentro da Psicologia. Eu devia ter pensado nisso. É algo bem claro, e que resolve de maneira cabal esse paradoxo. Não podemos avistar a máquina pelo mesmo motivo que nos impede de avistar os raios de uma roda que gira, ou uma bala que atravessa o ar. Se ela está viajando através do Tempo cinquenta ou cem vezes mais rápido que nós, se ela atravessa um minuto enquanto nós atravessamos um segundo, a impressão produzida por ela será sem dúvida de apenas 1/50 ou um centésimo da que produziria caso não estivesse viajando no Tempo. Isso me parece claro. — Ele passou a mão através do espaço onde a máquina estivera. — Veem?...

Ficamos sentados, olhando a mesa vazia por um minuto ou mais. Então o Viajante no Tempo nos perguntou o que achávamos.

— No momento isso soa bastante plausível — disse o Médico. — Mas espere até amanhã. Espere até que nosso bom senso retorne no dia seguinte.

— Gostariam de ver a Máquina do Tempo propriamente dita? — perguntou o Viajante no Tempo. E em seguida, empunhando a lâmpada, ele nos conduziu ao longo do corredor comprido e cheio de correntes de ar, até o seu laboratório. Guardo uma lembrança vívida da luz bruxuleante, da sua cabeça estranha e larga vista em silhueta, da dança das sombras, e de como nós todos o seguimos, perplexos mas ainda incrédulos, e como no laboratório contemplamos uma versão em tamanho maior do pequeno mecanismo que tínhamos visto desaparecer diante dos nossos olhos. Partes da máquina eram feitas de níquel, outras de marfim, e partes tinham sido limadas ou serradas em blocos de cristal de rocha. O engenho parecia estar completo, mas as duas barras de aspecto cristalino e forma retorcida ainda estavam pousadas sobre a mesa de trabalho, por entre algumas folhas de papel cobertas de desenhos, e dei um passo para observá-las mais de perto. Pareciam ser de quartzo.

— Olhe aqui — disse o Médico —, está mesmo falando sério? Ou isso é um truque, como o fantasma que nos mostrou no Natal passado?

— Com essa máquina — disse o Viajante no Tempo, erguendo a lamparina — eu pretendo explorar o Tempo. Fui claro? Nunca falei tão sério em toda a minha vida.

Nenhum de nós soube o que responder.

Meu olhar cruzou com o de Filby por cima do ombro do Médico, e ele me piscou o olho, solenemente.

Acho que naquela ocasião nenhum de nós acreditou seriamente na Máquina do Tempo. A verdade é que o Viajante no Tempo era um desses indivíduos que são inteligentes demais para poderem contar com nossa credulidade. Nunca achávamos que percebíamos suas intenções por inteiro; sempre suspeitávamos da existência de alguma reticência sutil, de alguma esperteza de emboscada, por trás de sua lúcida franqueza. Se tivesse sido Filby a nos mostrar o protótipo e explicar a teoria, nas mesmas palavras usadas pelo Viajante no Tempo, teríamos demonstrado, por ser *ele*, muito menos ceticismo. Teríamos, em suma, entendido suas razões: um açougueiro seria capaz de entender Filby. Mas no temperamento do Viajante no Tempo havia mais do que um simples traço de extravagância, e desconfiávamos dele. Coisas que teriam feito a fama de homens menos hábeis pareciam, em suas mãos, meros truques. É um erro fazermos as coisas de um modo aparentemente muito fácil. Pessoas sérias que costumavam levá-lo a sério nunca estavam totalmente seguras a respeito do seu procedimento; tinham a vaga suspeita de que depositar suas reputações de bons avaliadores de pessoas no julgamento que fizessem sobre ele seria como encher uma creche com porcelanas caras. Assim, creio que nenhum de nós comentou qualquer coisa sobre viagens no Tempo durante o intervalo entre aquela quinta-feira e a seguinte, embora as estranhas possibilidades sugeridas por aquela ideia ficassem circulando em nossas mentes: sua plausibilidade, ou seja, o caráter incrível de sua demonstração prática, as curiosas possibilidades de anacronismo e de total confusão que ela nos sugeria. Da minha parte, eu me preocupava com o truque do protótipo. Lembro que discuti o assunto com o Médico, que encontrei na sexta-feira no Linnaean.² Ele afirmou ter visto algo semelhante em Tübingen, e chamou minha atenção de modo especial para a vela que se apagara durante a demonstração. Mas como o truque tinha sido realizado, isso ele não sabia explicar.

Na quinta-feira seguinte, fui novamente até Richmond — acho que eu era um dos convivas mais constantes à casa do Viajante no Tempo — e, tendo chegado mais tarde, encontrei quatro ou cinco homens já reunidos em sua sala. O Médico estava de pé diante da lareira com uma folha de papel numa mão e o relógio na outra. Olhei em volta, procurando o Viajante no Tempo, e o Médico falou:

— São sete e meia agora. Que tal se fizéssemos servir o jantar?

— Onde está...? — perguntei, dando o nome do nosso anfitrião.

— Ah, você acaba de chegar? Bem, é estranho. Ele teve um compromisso do qual não pôde se safar. Pediu-me neste bilhete para fazer servir o jantar às sete, caso não retornasse.

Disse que explicaria tudo quando chegasse.

— Seria uma pena desperdiçarmos essa refeição — disse o Editor de um conhecido jornal; e diante disso o Médico tocou a sineta.

O Psicólogo era o único conviva, além de mim e do Médico, que tinha comparecido ao jantar da semana anterior. Os demais eram Blank, o Editor a quem me referi; um certo Jornalista; e outro homem, que eu não conhecia: um indivíduo tímido e tranquilo, de barba, e que, pelo menos ao que pude observar, não disse uma só palavra durante a noite inteira. Depois que nos sentamos à mesa para jantar, surgiram algumas especulações sobre a ausência do Viajante no Tempo, e eu sugeri, meio de brincadeira, que ele talvez estivesse viajando pelo Tempo. O Editor me pediu que explicasse o que queria dizer com aquilo, e o Psicólogo concordou em fazer um relato morno do “engenhoso paradoxo” e do “truque” que tínhamos testemunhado na semana anterior. Estava no meio de sua explanação quando a porta que dava para o corredor se abriu, devagar e sem ruído. Eu estava de frente para ela e fui o primeiro a avistá-lo.

— Olá! — exclamei —, até que enfim! — A porta se abriu por completo, e o Viajante no Tempo surgiu à nossa frente. Soltei uma exclamação de surpresa.

— Meu Deus! O que aconteceu?! — gritou o Médico, que o avistou depois de mim. E todos na mesa se viraram para a porta.

Ele estava com uma aparência espantosa. Seu paletó estava sujo, empoeirado, e com as mangas cobertas de manchas de grama; o cabelo estava em desalinho, e pareceu-me mais grisalho do que antes, fosse por estar coberto de terra ou por ter de fato perdido a cor. Seu rosto estava mortalmente pálido, o queixo apresentava um corte escuro, parcialmente cicatrizado; estava com uma expressão de extremo abatimento e cansaço, como se tivesse passado por um grande sofrimento. Por um instante ele hesitou no umbral, como que ofuscado pelo brilho das luzes. Então entrou na sala, mancando de um modo que eu só vira em pessoas que estavam com as solas dos pés feridas. Ficamos olhando-o em silêncio, esperando que dissesse alguma coisa.

Ele não pronunciou uma palavra sequer, mas caminhou pesadamente até a mesa e fez um gesto na direção do vinho. O Editor encheu uma taça com champanhe e a estendeu para ele. Ele a esvaziou, o que pareceu fazer-lhe bem, porque então relanceou os olhos ao redor da mesa, e uma sombra do seu velho sorriso perpassou pelo seu rosto.

— O que diabos aconteceu?! — perguntou o Médico.

O Viajante no Tempo não pareceu escutá-lo.

— Não quero perturbá-los — disse ele, articulando com dificuldade as palavras. — Estou bem. — Ele deteve-se, estendeu a taça para servir-se de mais vinho e o bebeu de um só trago. — Muito bom — disse. Seus olhos ficaram mais brilhantes, e um pouco de colorido fez-se visível no seu rosto. Seu olhar passeou pelos nossos rostos com uma expressão embotada de assentimento e depois vagueou pela sala aquecida e acolhedora. Então ele falou de novo, como se tivesse alguma dificuldade em escolher as palavras. — Vou tomar um banho e trocar de roupa, e então voltarei aqui para explicar algumas coisas...

Deixem um pouco desse pernil para mim. Estou faminto por um pedaço de carne.

Ele olhou para o Editor, que era um visitante raro em sua residência, e lhe perguntou se estava tudo bem. O Editor começou a formular uma pergunta, mas ele o interrompeu:

— Falarei sobre isso daqui a pouco — disse. — Estou... meio estranho. Estarei aqui em um minuto.

Ele pousou o copo e caminhou para a porta que levava à escada do pavimento superior. Notei mais uma vez o modo como mancava e o som abafado de seus passos sobre o assoalho, e, erguendo-me na cadeira, olhei os seus pés enquanto ele se afastava. Vi que estava calçando apenas um par de meias rasgadas e manchadas de sangue. Então a porta se fechou às suas costas. Tive um impulso de segui-lo, mas logo me lembrei do quanto ele detestava qualquer interferência nos seus atos. Durante um minuto, talvez, meus pensamentos vaguearam sem direção. Então ouvi o Editor comentando em voz alta:

— Estranho Comportamento de um Renomado Cientista — disse ele, fazendo um comentário em forma de manchete de jornal, como era seu costume. Isso trouxe minha atenção de volta à mesa do jantar.

— Do que se trata, afinal? — perguntou o Jornalista. — Ele andou se fantasiando de mendigo amador? Não estou entendendo nada. — Olhei para o Psicólogo e vi estampados no seu rosto os mesmos pensamentos que eu tinha. Pensei no Viajante no Tempo mancando, subindo com dificuldade as escadas. Não acho que alguém mais tenha percebido isso.

O primeiro a se recobrar inteiramente de sua surpresa foi o Médico, que tocou a sineta — o Viajante no Tempo não gostava que os criados ficassem na sala durante a refeição — e pediu que servissem um prato quente. Diante disso, o Editor voltou a empunhar seus talheres com um grunhido, e o Homem Silencioso o imitou. Retomamos nosso jantar interrompido, e a conversação voltou a fluir, pontilhada por exclamações e pausas de perplexidade; e então a curiosidade do Editor pareceu elevar-se em alguns graus.

— Será que o nosso amigo decidiu complementar seus rendimentos varrendo as ruas? — inquiriu ele. — Ou está tendo fases delirantes, como Nabucodonosor?

— Tenho certeza de que isso está relacionado com a tal Máquina do Tempo — comentei e retomei o relato que o Psicólogo tinha começado a fazer sobre os acontecimentos da semana anterior. Os novos convivas mostraram-se claramente incrédulos, e o Editor fez algumas objeções.

— Ora, afinal, o que é viajar no tempo? Um homem não pode emporcalhar as roupas rolando em cima de um paradoxo, não acham? — E então, à medida que se acostumava mais com aquela ideia, recorreu à caricatura. Não se vendiam escovas para roupas no Futuro?! O Jornalista, por sua vez, mostrou-se igualmente incrédulo e juntou-se ao Editor na fácil tarefa de cobrir o assunto de ridículo. Os dois pertenciam àquele novo tipo de jornalistas — indivíduos jovens, alegres, cheios de irreverência.

— Nosso Correspondente Especial no Dia de Depois de Amanhã relata que... — estava dizendo, ou melhor, bradando o Jornalista, quando o Viajante no Tempo retornou. Estava usando um traje normal para a ceia, e nada em seu aspecto, salvo sua aparência

emaciada, denotava aquela mudança que nos provocara tal espanto.

— Vou lhe ser franco — disse o Editor com uma gargalhada —, esse pessoal andou me dizendo que você estava viajando pela semana que vem! Diga-nos algo sobre o destino do pobre Rosebery,³ por favor! Vai nos cobrar quanto por essa matéria?

O Viajante no Tempo sentou-se, sem dar uma palavra, no lugar que lhe fora reservado. Tinha um sorriso tranquilo, como era seu hábito.

— Onde está o carneiro? — perguntou. — Mal vejo a hora de enterrar meu garfo novamente num pedaço de carne.

— Queremos a história! — bradou o Editor.

— Que se dane a história — disse o Viajante no Tempo. — Primeiro quero comer alguma coisa. Não direi uma palavra enquanto não tiver proteínas circulando em minhas artérias. Ah, obrigado. E o sal, também.

— Uma palavra apenas — falei. — Você andou viajando pelo tempo?

— Sim — disse ele, com a boca cheia e assentindo com a cabeça.

— Posso pagar-lhe um xelim por página por um relato em primeira mão — disse o Editor.

O Viajante no Tempo empurrou sua taça na direção do Homem Silencioso, fazendo-a retinir com uma pancadinha da unha. O Homem Silencioso, que não tirava os olhos do seu rosto, teve um pequeno sobressalto e encheu a taça de vinho. O resto do jantar transcorreu num clima pouco confortável. Quanto a mim, perguntas vinham de vez em quando aos meus lábios, e ousou dizer que o mesmo acontecia com os outros. O Jornalista tentou aliviar a tensão contando anedotas de Hettie Potter.⁴ O Viajante no Tempo permaneceu concentrado no seu jantar e demonstrou um apetite digno de um morador de rua. O Médico fumou um cigarro enquanto o observava com os olhos semicerrados. O Homem Silencioso parecia ainda mais desajeitado do que lhe era habitual e ingeria champanhe com uma regularidade e determinação que traíam seu nervosismo. Por fim o Viajante no Tempo empurrou o prato, afastando-o, e voltou a nos encarar.

— Acho que devo pedir desculpas — disse ele —, mas eu estava simplesmente faminto. Tive uma experiência espantosa. — Ele pegou um charuto e cortou a ponta. — Mas vamos para o salão de fumar. É uma história longa demais para ser contada em volta de pratos sujos.

E, tocando a sineta, nos conduziu para o aposento ao lado.

— Vocês contaram a Blank, Dash e Chose sobre a máquina? — ele me perguntou, enquanto se acomodava numa poltrona, nomeando os três novos convivas.

— Mas a coisa toda não passa de um paradoxo — disse o Editor.

— Não posso argumentar hoje à noite. Não me incomodo de contar-lhes minha história, mas não vou discuti-la. Direi tudo que me aconteceu, se estiverem interessados em me ouvir, mas não aceitarei interrupções. Preciso contar tudo. Preciso muito. Muitas coisas parecerão mentira, mas, que seja. É tudo verdade, cada palavra, mesmo assim. Eu estava em meu laboratório às quatro da tarde, e desde então... desde então vivi oito dias, dias que

nenhum ser humano já viveu! Estou esgotado, mas não conseguirei dormir enquanto não narrar a vocês tudo que se passou. Depois poderei dormir. Mas, sem interrupções! Combinado?

— Combinado — disse o Editor, e todos ecoamos: — Combinado. E com isso o Viajante no Tempo principiou sua história, do modo que se segue. A princípio ele estava sentado em sua poltrona e falava como um homem esgotado pela fadiga. Depois, pouco a pouco foi se animando. Quando transcrevi seu relato, pude sentir a insuficiência da pena e do papel e, acima de tudo, a minha própria incapacidade para transmitir a substância do que foi dito. Vocês lerão estas páginas, imagino, com toda atenção; mas não poderão ver, no círculo brilhante da pequena lâmpada, o rosto branco e sincero do homem que contava a história, e não poderão ouvir as inflexões de sua voz. Não poderão saber como sua expressão acompanhava cada peripécia da narrativa! Na maior parte, nós, que o escutávamos, estávamos mergulhados na sombra, porque as velas do salão de fumar não tinham sido acesas, e somente a face do Jornalista e as pernas do Homem Silencioso, dos joelhos para baixo, estavam iluminadas. A princípio nós nos entreolhávamos, mas depois de algum tempo deixamos de fazê-lo e ficamos fitando apenas o rosto do Viajante no Tempo.

— Expliquei a alguns de vocês, na quinta-feira passada, o princípio da minha Máquina do Tempo, e mostrei a máquina propriamente dita, ainda incompleta, no meu laboratório. Ela está lá de volta, agora, se bem que um pouco desgastada pela viagem. Uma das alavancas de marfim está rachada, e um apoio de bronze está deformado, mas o resto dela está em boas condições. Eu esperava concluí-la até a sexta-feira; mas naquele dia, ao finalizar a montagem, descobri que uma das barras de níquel estava uma polegada mais curta e tive que fazer outra, de modo que não finalizei o trabalho todo senão esta manhã. Foi às dez horas da manhã de hoje que a primeira Máquina do Tempo começou sua carreira. Fiz uma revisão geral, apertei todos os parafusos, pus mais uma gota de óleo na alavanca de quartzo e me acomodei no assento. Creio que um suicida, ao encostar na testa uma pistola, sente a mesma curiosidade que eu experimentei naquele instante: o que iria acontecer em seguida?... Tomei numa mão a alavanca de acelerar e na outra mão a de parar. Empurrei a primeira e logo em seguida a segunda. Tive a impressão de que oscilava, e logo em seguida aquela sensação de estar caindo que nos ocorre nos pesadelos; olhando em volta, vi o laboratório do mesmo modo que estava um instante atrás. Teria acontecido algo? Por um momento suspeitei que minha mente tinha me pregado alguma peça, mas então meus olhos pousaram no relógio. No instante anterior, parecia-me que ele marcava um ou dois minutos após as dez horas; agora, eram quase três e meia!

“Respirei fundo, cerrei os dentes, segurei com ambas as mãos a alavanca de acelerar e empurrei-a para a frente. O laboratório à minha volta tornou-se indistinto e escuro. A sra. Watchett entrou e atravessou, aparentemente sem me ver, na direção da porta que dá para o jardim. Ela deve ter levado cerca de um minuto para cruzar o aposento, mas aos meus olhos pareceu disparar como um foguete. Empurrei a alavanca até o fim. A noite surgiu como o desligar de uma lâmpada, e um instante depois o dia seguinte amanheceu. O laboratório estava cada vez mais indistinto, cada vez mais nebuloso. A noite seguinte surgiu, negra, e depois outro dia, e outra noite, e dias, e noites, cada vez mais depressa. Um murmúrio vertiginoso pressionava meus ouvidos, e minha mente foi sendo tomada por uma estranha confusão.

“Temo que não me seja possível transmitir com precisão as peculiares sensações que nos produz a viagem no Tempo. São muito desagradáveis. Ela nos produz uma sensação semelhante à que nos dá uma montanha-russa — a de um movimento irresistível para a frente! E o tempo inteiro eu sentia o mesmo pressentimento de uma colisão iminente. Quando

fui ganhando mais velocidade, a sucessão dos dias e das noites se assemelhava ao bater de uma imensa asa negra. A imagem difusa do laboratório pareceu se desvanecer à minha volta, e eu via o sol cruzando velozmente o céu, saltando através dele de minuto em minuto, e cada minuto correspondia a um dia inteiro. Tive a impressão de que meu laboratório tinha sido destruído e que eu me encontrava agora ao ar livre. Tive também a impressão de me ver cercado por andaimes, mas a essa altura já me deslocava rápido demais para ter plena consciência do movimento ao meu redor. O mais vagaroso dos caracóis arrastava-se rápido demais para que eu pudesse vê-lo. A sucessão coruscante de luz e treva era excessivamente dolorosa para os meus olhos. Na escuridão intermitente, vi a lua girando sobre si mesma e passando de nova a cheia, e tive um leve vislumbre do carrossel girante das estrelas. Por fim, à medida que avancei mais e aumentei minha velocidade, a pulsação do dia e da noite transformou-se numa luz acinzentada e constante; a cor do céu fixou-se num azul profundo, uma cor esplendorosa como a do princípio do crepúsculo; o sol virou uma faixa fulgurante, um arco de fogo cortando o espaço; a lua, uma faixa quase translúcida que flutuava de um lado para o outro; e eu não avistava mais as estrelas, a não ser um círculo mais brilhante que de vez em quando reluzia no azul.

“A paisagem era vaga e enevoada. Eu estava ainda no flanco dessa colina em que fica minha casa, e a encosta se erguia sobre mim, cinzenta e difusa. Vi árvores que brotavam e desapareciam como jatos de vapor: num instante eram marrons, depois verdes, e cresciam, espalhavam seus ramos, estremeciam e definhavam. Vi enormes edifícios que se erguiam, vagos e esplêndidos, e sumiam como num sonho. Toda a superfície da terra parecia ter mudado, dissolvendo-se e escorrendo sob os meus olhos. Os minúsculos ponteiros dos mostradores que registravam minha velocidade giravam mais e mais depressa. Por fim, notei que o cinto dourado do sol estava oscilando para um lado e para o outro, de solstício em solstício, em um minuto ou ainda menos que isso; portanto, meu avanço era à razão de um ano por minuto; e de minuto em minuto vi a neve espalhar sua brancura sobre o mundo e evaporar-se, e ser substituída pelo verde brilhante e passageiro da primavera.

“As sensações desagradáveis do início eram menos intensas, agora. Fundiram-se umas às outras, deixando em seu lugar apenas uma euforia histórica. Percebi uma oscilação lateral da máquina, cuja razão fui incapaz de entender. Mas minha mente estava muito confusa para poder se deter nessa questão e, com uma espécie de loucura se apossando do meu espírito, precipitei-me cada vez mais depressa rumo ao futuro. A princípio eu não tinha intenção de parar, não pensava em nada senão nessas sensações para mim inéditas. Mas logo uma nova série de impressões brotou na minha mente, uma certa curiosidade acompanhada por temor, que acabaram por tomar conta de mim. Pensei: que estranhos progressos da humanidade, que maravilhosos avanços sobre a nossa civilização rudimentar não se revelariam aos meus olhos quando eu me dispusesse a observar esse mundo difuso que flutuava e desaparecia diante dos meus olhos! Vi arquiteturas majestosas e esplêndidas erguendo-se diante de mim, construções mais maciças do que qualquer edifício do nosso tempo, e que ainda assim me pareciam feitas apenas de luz e névoa. Vi um verde mais

luxuriante espalhar-se pelos flancos da colina e permanecer ali sem qualquer interferência do inverno. Mesmo sob o véu de confusão que me envolvia, a terra parecia muito bela. E então surgiu em minha mente o desejo de parar.

“O perigo que eu corria era o de encontrar algum objeto material no lugar que eu e a máquina ocupávamos. Enquanto eu continuasse a viajar a toda velocidade através do tempo, isso tinha pouca importância; eu estava, por assim dizer, desintegrado, e atravessava como um vapor os interstícios da matéria que atravessasse aquele local. Deter-me, no entanto, significaria misturar-me, molécula a molécula, com qualquer coisa que pudesse se encontrar ali, resultando num contato tão íntimo dos meus átomos com os do tal obstáculo que o resultado seria uma intensa reação química — talvez uma devastadora explosão —, cujo resultado seria arremessar a mim mesmo e ao meu aparelho para fora de todas as dimensões possíveis — para o Desconhecido. Essa possibilidade me ocorrera várias vezes durante o tempo em que estava construindo a máquina, mas eu a aceitara então de bom grado, como um risco inevitável — um desses riscos que um homem não pode fazer nada a não ser enfrentá-lo. Agora que não podia de fato evitar esse perigo, eu não via mais a questão com tamanho bom humor. A verdade é que, imperceptivelmente, a absoluta estranheza de toda aquela situação, o nauseante oscilar e sacolejar da máquina, acima de tudo, e a sensação de queda prolongada, tudo isso tinha me deixado com os nervos tensos. Disse a mim mesmo que nunca poderia parar, e numa reação petulante decidi parar naquele mesmo momento. Como um idiota impaciente, puxei a alavanca, e o mecanismo foi jogado para cima, e eu me vi projetado numa cambalhota em pleno ar.

“Um som ensurdecador de trovão ribombou nos meus ouvidos. Devo ter ficado atordoado por alguns instantes. Um granizo inclemente estava caindo à minha volta, e eu estava sentado num solo fofo, ao lado da minha máquina, que havia capotado. Tudo ainda tinha aquela mesma tonalidade cinza, mas aos poucos o barulho em meus ouvidos ia desaparecendo. Olhei em redor. Eu estava no que parecia ser um pequeno relvado num jardim, cercado por arbustos de rododendros, e reparei que seus botões em tonalidades malva e púrpura estavam caindo ao chão, atingidos pela chuva de granizo. As pedrinhas de gelo chocavam-se com a máquina e ricocheteavam, formando como que uma nuvem à sua volta, e se espalhavam pelo chão como fumaça. Logo percebi que estava encharcado até os ossos. ‘Bela hospitalidade’, falei, ‘para um homem que viajou anos incontáveis para encontrar vocês’.

“Logo considerei que estava sendo idiota em me deixar molhar daquele modo e me pus de pé, olhando em todas as direções. Uma figura colossal, aparentemente esculpida em alguma pedra esbranquiçada, erguia sua forma indistinta, além dos rododendros, através da névoa criada pelo granizo. Mas todo o resto daquele mundo permanecia invisível.

“É difícil descrever minhas sensações naquele momento. Quando as colunas de granizo foram se tornando mais esparsas, avistei melhor aquela imagem branca. Era imensa, porque uma bétula prateada chegava apenas até o seu ombro. Feita em mármore branco, sua forma lembrava algo como uma esfinge alada,⁵ mas suas asas, ao invés de se erguerem

verticalmente de ambos os lados, estavam abertas para os lados, de modo que ela dava a impressão de estar planando no ar. O pedestal me pareceu ser de bronze e estava coberto de azinhavre. O rosto dela, por acaso, estava voltado na minha direção; seus olhos cegos pareciam estar me observando; e havia uma tênue sombra de sorriso em seus lábios. Estava muito desgastada pelo tempo, e isso provocava uma desagradável impressão de doença. Fiquei olhando-a durante algum tempo, meio minuto talvez, ou meia hora. Ela parecia estar mais próxima ou mais distante conforme a chuva de granizo se tornava mais espessa ou mais rarefeita. Por fim consegui afastar meus olhos daquela imagem por um instante e constatee que a cortina de granizo esgarçava-se cada vez mais, e que o céu começava a clarear, com a promessa da chegada do sol.

“Voltei a olhar para aquela figura branca, agachada, e então toda a temeridade da minha viagem se fez presente no meu espírito. O que poderia aparecer ali quando aquela cortina de névoa desaparecesse? O que teria acontecido aos homens daquele tempo? E se a crueldade tivesse se transformado num culto entre eles? E se naquele intervalo a nossa raça tivesse perdido sua aparência humana e se transformado em algo inumano, hostil e esmagadoramente poderoso? Talvez eu parecesse a eles um animal selvagem de um mundo remoto, tornado ainda mais horrendo e repulsivo devido à nossa semelhança — uma criatura bestial que deveria ser morta de imediato.

“A essa altura eu já começara a avistar outras enormes estruturas — grandes edificações com intrincados parapeitos e colunas altíssimas, e uma encosta coberta de árvores, cada vez mais visível com o amainar da tempestade. Fui tomado de pânico. Corri de volta para a Máquina do Tempo e lutei para recolocá-la de pé. Nesse momento os raios do sol começaram a se filtrar por entre a tormenta. Logo aquela chuva acinzentada diminuiu e foi varrida para longe como se fosse o manto esgarçado de um fantasma que se afasta. No alto, no azul intenso de um céu de verão, farrapos de nuvens de cor acastanhada se desfaziam no espaço. Os grandes edifícios diante de mim podiam agora ser vistos de maneira clara e distinta, brilhando ainda úmidos da tormenta, e ornamentados de branco pelo granizo ainda não derretido que se acumulava em suas passarelas. Eu me sentia como que nu, naquele mundo estranho. Sentia-me como talvez um pássaro pode se sentir em pleno ar, sabendo que o falcão paira sobre ele e em breve dará seu mergulho. Meu medo cresceu até uma intensidade frenética. Parei para recobrar a respiração, cerrei meu dentes, e mais uma vez agarrei a máquina com toda a minha energia, forçando os punhos e os joelhos. Ela acabou cedendo ao meu esforço desesperado e voltou à posição normal. O movimento brusco me atingiu no queixo. Com uma mão pousada sobre o selim e a outra sobre uma alavanca, fiquei parado, arquejando, pronto para assumir novamente minha posição.

“Mas assim que recuperei essa minha opção para uma fuga às pressas, recobrei também a coragem. Passei a observar com mais curiosidade e menos receio aquele mundo do futuro remoto. Numa abertura circular, bem elevada, na parede da edificação mais próxima, vi um grupo de figuras trajando vestes ricas e finas. Já tinham me avistado, e seus rostos estavam voltados na minha direção.

“Então ouvi vozes que se aproximavam. Através dos arbustos que cercavam a Esfinge Branca vi as cabeças e os ombros de homens que corriam. Um deles emergiu numa alameda que conduzia diretamente para o pequeno relvado em que eu me encontrava com minha máquina. Era um indivíduo pequeno, com talvez um metro e trinta de altura, vestido numa túnica roxa, presa na cintura por um cinto de couro. Sandálias ou borzeguins — não pude distinguir com clareza — calçavam seus pés; suas pernas estavam nuas até os joelhos, e a cabeça estava descoberta. Ao reparar nesse detalhe, percebi pela primeira vez o quanto o clima era quente.

“A primeira impressão que tive dele foi a de um indivíduo muito bonito e de aspecto gracioso, mas indescritivelmente frágil. Seu rosto afogueado lembrou-me a beleza dos tísicos, da qual tanto se ouve falar. Quando o avistei, readquiri toda a confiança e afastei minhas mãos da máquina.”

— Um momento depois estávamos face a face, eu e aquela criatura frágil do mundo do futuro. Ele veio direto até mim e riu, olhando-me nos olhos. A primeira coisa que me chamou a atenção, de imediato, foi a ausência de qualquer sinal de medo. Então ele virou-se para os outros dois que estavam se aproximando e lhes dirigiu a palavra num idioma estranho, muito delicado e fluido.

“Outras pessoas foram chegando, e daí a pouco eu estava cercado por um grupo de oito ou dez daquelas criaturas. Um deles falou comigo. Veio-me à cabeça, curiosamente, a impressão de que minha voz seria muito áspera e profunda para os ouvidos deles. Balancei negativamente a cabeça e, apontando para meus ouvidos, repeti este gesto. Ele deu um passo à frente, hesitou e então tocou na minha mão. Comecei a sentir como que pequenos tentáculos, muito suaves, correndo pelas minhas costas e meus ombros. Todos eles queriam se certificar de que eu era real. Nada daquilo me pareceu alarmante; na verdade, havia algo naquelas pessoas belas e minúsculas que inspirava confiança — uma gentileza cheia de graça, uma descontração infantil. Além disso, tinham uma aparência tão frágil que eu era capaz de me imaginar jogando-os em todas as direções como se fossem pinos de boliche. Mas tive que fazer um movimento rápido para adverti-los quando vi suas pequenas mãos róseas apalpando a Máquina do Tempo. Aliviado, pois não era tarde demais, pensei num perigo que até então não me havia ocorrido e, estendendo o braço sobre o painel, desenrosquei as pequenas alavancas que punham a máquina em funcionamento, guardando-as em meu bolso. Voltei-me novamente para eles, pensando em como estabelecer algum tipo de comunicação.

“Observando mais de perto suas feições, comecei a perceber algumas peculiaridades daquele tipo de beleza que lembrava as porcelanas de Dresden. Seus cabelos, uniformemente encaracolados, eram cortados rente à altura do pescoço e das faces; nos rostos não havia a mais leve sugestão de pelos, e suas orelhas eram curiosamente pequenas. As bocas também eram minúsculas, com lábios muito vermelhos e finos, e seus queixos terminavam em ponta. Os olhos eram grandes e suaves; e — isso pode parecer egoísmo da minha parte — tive a impressão de não perceber neles o tipo de interesse que deveriam ter pela minha pessoa.

“Como não faziam muito esforço para se comunicar comigo, mas limitavam-se a me cercar, sorrindo e conversando na sua fala macia e cheia de arrulhos, decidi iniciar o diálogo. Apontei para a Máquina do Tempo e para mim mesmo. Então, depois de hesitar um

momento pensando em como indicar o Tempo, aponte para o sol. Logo um rapazinho de estranha beleza, com um traje de quadrados roxos e brancos, imitou o meu gesto e me surpreendeu ao imitar o som de um trovão.

“Por um momento aquilo me deixou abalado, embora o sentido do seu gesto fosse bastante claro. A questão que veio de súbito à minha mente foi: aquelas criaturas não seriam, talvez, um bando de loucos? Vocês não podem avaliar o quanto isso me desconcertou. Vejam, eu sempre supus que os habitantes do ano 802 mil e tantos estariam incrivelmente avançados, em relação a nós, em conhecimentos, em arte, em tudo. E de repente um deles me fez uma pergunta de quem tem o mesmo nível intelectual de uma criança de cinco anos — perguntava-me, na verdade, se eu tinha vindo do sol num trovão! Fui forçado a aceitar o juízo que formara, mas deixei em suspenso, ao ver suas roupas, seus membros pequenos e frágeis, suas feições sem força. Uma onda de desapontamento cruzou minha mente. Por um instante, achei que tinha construído a Máquina do Tempo em vão.

“Eu assenti, aponte para o sol e fiz uma imitação tão vívida de uma trovoada que eles se assustaram. Recuaram alguns passos e fizeram reverências. Então um veio rindo na minha direção, segurando um colar de belas flores que eram totalmente desconhecidas para mim, e o colocou em volta do meu pescoço. A ideia foi recebida com aplausos e gritos melódiosos; e logo estavam todos correndo para lá e para cá, colhendo flores e rindo enquanto as jogavam sobre mim, até que me vi quase sufocado. Quem nunca as viu não pode imaginar as flores delicadas e maravilhosas que anos incontáveis de cultivo tinham produzido. Então um deles pareceu sugerir que o seu novo brinquedo fosse colocado em exibição no edifício mais próximo, e assim fui conduzido para além da Esfinge de mármore branco, que durante todo aquele tempo pareceu estar rindo da minha perplexidade, e levado até um vasto prédio cinzento, de pedra desgastada. Ao caminhar entre eles, voltou à minha mente a lembrança das minhas confiantes previsões sobre uma posteridade composta por pessoas profundamente sérias e intelectuais.

“O prédio tinha uma entrada enorme e era todo de dimensões colossais. Minha atenção se voltava, naturalmente, para o grupo crescente de jovens e para os enormes portões abertos que se escancaravam diante de mim, sombrios e misteriosos. Minha impressão geral sobre o mundo que eu avistava por sobre suas cabeças era de um terreno coberto por uma rede irregular de belos arbustos floridos, algo como um imenso jardim, descuidado, mas sem ervas daninhas. Vi um grande número de estranhas flores brancas na extremidade de compridas hastes, flores cujo diâmetro teria cerca de trinta centímetros. Cresciam desordenadamente, como se fossem flores não cultivadas, por entre os arbustos de diferentes formatos, mas, como já disse, não as examinei muito de perto naquela ocasião. A Máquina do Tempo foi deixada para trás no relvado deserto, por entre os rododendros.

“O portão de entrada do prédio tinha um arco ricamente talhado, mas é claro que não pude observar esse detalhe muito de perto, embora, ao cruzá-la, me viesse à mente uma certa sugestão de velhas decorações fenícias, e eu ficasse com a impressão de algo muito danificado e desgastado pelo mau tempo. No portão, vieram ao nosso encontro vários outros

jovens vestindo roupas de cores vistosas, e assim entramos, eu vestido em meus surrados trajes do século XIX, com uma aparência bem grotesca, coberto por grinaldas de flores, e cercado por uma multidão irrequieta de trajes coloridos e membros nus, de pele muito branca, num torvelinho melodioso de risadas e de fala cantante.

“O portão de entrada dava acesso a um salão de dimensões igualmente colossais, forrado de painéis cor de madeira. O teto estava indistinto entre as sombras, e as janelas, parcialmente cobertas de vitrais de lâminas coloridas e reluzentes, deixavam passar uma luz atenuada. O piso era feito de grandes blocos de algum metal muito duro e muito branco; não eram ladrilhos nem placas, e sim blocos, e estavam tão desgastados (pelo ir e vir de gerações de pessoas, imaginei) que os trajetos mais habituais eram visíveis pelos sulcos produzidos no metal. Transversalmente em relação ao aposento havia mesas, em grande quantidade, feitas de placas de pedra polida, a uma altura de menos de meio metro do chão e sobre as quais se viam pilhas e pilhas de frutos. Em alguns deles reconheci uma espécie de framboesa e laranja hipertrofiadas, mas os restantes eram-me estranhos.

“Entre as mesas estavam espalhadas almofadas em grande número, em que meus acompanhantes se sentaram, convidando-me por gestos para fazer o mesmo. Com uma graciosa falta de cerimônia, começaram a comer os frutos com as mãos, jogando as cascas, os talos e tudo o mais em aberturas redondas que havia na parte lateral das mesas. Não hesitei em seguir seu exemplo, porque me sentia sedento e faminto. Ao fazê-lo, pude observar mais à vontade o salão.

“O que mais chamou minha atenção foi o seu aspecto arruinado. As janelas com vitrais, que exibiam motivos geométricos, tinham vidros quebrados em muitos lugares, e as cortinas que pendiam na parte inferior das paredes estavam cobertas de poeira espessa. Meu olho também percebeu uma rachadura no canto da mesa de mármore mais próxima. O efeito geral do aposento, não obstante, era de um ambiente rico e pitoresco. Naquele momento havia cerca de duzentas pessoas comendo no recinto, e a maioria delas, sentadas tão perto de mim quanto lhes era possível, me observavam com interesse, com seus olhinhos minúsculos brilhado por sobre as frutas que devoravam. Todas elas vestiam aquele mesmo tecido sedoso, que dava a impressão de ser macio e muito resistente.

“Frutas, aliás, eram toda a sua dieta. Essas criaturas do futuro eram rigidamente vegetarianas, e durante o tempo em que estive com elas, a despeito de alguns acessos de apetite carnívoro, tive que me adaptar ao seu sistema. De fato, vim a saber depois que cavalos, gado, carneiros, cães, todos esses animais estavam tão extintos quanto o Ictiossauro. Mas as frutas eram deliciosas; uma delas, em particular, cuja safra parecia coincidir com o tempo que ali passei, uma fruta granulosa dentro de uma casca de três lados, era especialmente deliciosa e tornou-se a minha preferida. A princípio fiquei perplexo diante de frutas tão estranhas, e das flores que vi, mas depois comecei a perceber sua função ali.

“Mas eu estava narrando minha refeição de frutas no futuro distante. Assim que consegui satisfazer em parte o meu apetite, decidi aprender tanto quanto pudesse da língua

falada por aquela nova humanidade que descobrira. Sem dúvida esse tinha de ser o próximo passo. As frutas me pareceram um bom ponto de partida e, segurando uma delas, eu comecei a fazer uma série de sons e de gestos interrogativos. Tive grande dificuldade em me fazer entender. A princípio, meus esforços foram recebidos com olhares de surpresa ou com riso incontrolável, mas depois de algum tempo uma jovem de cabelos claros pareceu compreender minha intenção e repetiu um nome. Tiveram que conversar longamente entre si para explicar o que havia, e minhas primeiras tentativas de reproduzir as sonoridades esquisitas de sua linguagem causaram uma enorme divertimento entre eles. Eu me sentia, no entanto, como um professor cercado de crianças e insisti; depois de algum tempo tinha em meu poder, pelo menos, um certo número de substantivos. Passei em seguida para os pronomes demonstrativos, e até o verbo “comer”. Mas era um trabalho lento, e eles logo se cansaram e começaram a se furtar às minhas indagações, de modo que decidi, pois não me restava escolha, deixar que me dessem suas lições em pequenas doses, quando estivessem dispostos. Mas foram muito poucas doses, como logo constatei, porque nunca conheci pessoas mais indolentes ou que se fatigassem com mais facilidade.

“Houve um aspecto curioso que não tardei a descobrir sobre os meus anfitriões: a sua falta de interesse. Ao me verem, corriam na minha direção com gritos de espanto, como as crianças, mas também como as crianças logo paravam de me examinar e saíam vagando em busca de outra distração. Assim que encerramos a refeição e as primeiras tentativas de conversa, percebi pela primeira vez que quase todos os que tinham me cercado de início já tinham ido embora. É estranho, também, como eu próprio perdi o interesse por aquelas criaturas. Assim que minha fome foi saciada, cruzei o portão de volta ao exterior banhado de sol. Durante todo o tempo eu ia encontrando mais daquelas pessoas do futuro, que me seguiam a certa distância, riam e conversavam sobre mim, e, depois de uma saudação amistosa, deixavam-me novamente entregue a mim mesmo.

“Um entardecer calmo se espalhava pelo mundo quando emergi do grande salão, e toda a paisagem estava iluminada pelo brilho cálido que emanava do sol poente. No início, tudo me deixava confuso. Tudo era tão radicalmente diferente do mundo que eu conhecia — até mesmo as flores. O grande edifício de onde eu acabara de sair estava situado ao lado de um extenso vale em que corria um rio, mas o Tâmis tinha se afastado, talvez, pouco mais de um quilômetro de sua posição atual. Decidi escalar o alto de uma elevação situada a dois quilômetros de distância, de onde eu pudesse ter uma visão mais ampla do nosso planeta no ano 802.701 da Era Cristã. Por que era esta a data que os pequenos mostradores da minha máquina indicavam após minha chegada.

“Enquanto caminhava, eu permanecia atento a qualquer elemento que pudesse ajudar a explicar a condição de esplendor arruinado em que eu encontrara aquele mundo, porque não havia dúvida de que ele estava em ruínas. Na subida da colina, por exemplo, havia enormes massas de granito ligadas por vigas de alumínio, um vasto labirinto de paredes vertiginosas e ruínas desmoronadas, entre as quais se viam montes de plantas com formato de pagodes; urtigas, talvez, mas com folhas de um admirável marrom, e que não queimavam

ao serem tocadas. Aquilo era sem dúvida o que restava de alguma vasta estrutura, construída para fins que me escapavam. Naquele lugar eu viria a ter, em outro momento, uma experiência das mais estranhas — os primeiros sinais de uma descoberta mais estranha ainda —, mas falarei disso quando for apropriado.

“Tomado por uma ideia súbita, olhei em volta, de um terraço onde parei para descansar, e percebi que não havia casas à vista. Aparentemente, as residências individuais, e talvez o próprio conceito de lar, tinham desaparecido. Aqui e ali por entre os gramados viam-se edifícios com proporções de palácios, mas a casa e a casinha de campo, que são características tão marcantes da nossa paisagem inglesa, tinham sumido.

“‘Comunismo’, murmurei comigo mesmo.

“E logo em seguida veio-me outra ideia. Olhei para a meia dúzia de pequenos tipos que me acompanhava. Percebi então que todos tinham o mesmo modelo de vestimenta, as mesmas feições sem pelos e os mesmos membros rechonchudos e um pouco efeminados. Pode parecer estranho, talvez, que eu não tivesse notado isso desde o começo, mas tudo era muito estranho. Agora, vejo tudo com muita clareza. Tanto nas vestimentas quanto em todas as diferenças de textura e de comportamento que hoje distinguem os sexos entre si, aquelas pessoas do futuro eram idênticas. E as crianças pareciam miniaturas de seus pais. Avaliei naquela oportunidade que as crianças do futuro eram extremamente precoces, pelo menos do ponto de vista físico, e descobri mais tarde abundantes comprovações dessa minha opinião.

“Vendo a maneira descontraída e tranquila com que eles viviam sua vida, achei que essa semelhança entre os sexos era, afinal de contas, algo previsível. A força do homem e a suavidade da mulher, a instituição da família e a diferenciação de ofícios eram meras necessidades práticas de uma época em que predominava o esforço físico. Quando a população é equilibrada e abundante, criar muitos filhos torna-se um mal e não uma bênção para o Estado; quando a violência é rara e as crianças estão seguras, há menos necessidade — na verdade, não há necessidade alguma — de uma família eficiente, e a especialização dos sexos para prover as necessidades dos filhos desaparece. Já vemos sinais disso em nosso próprio tempo, e naquela idade futura o fenômeno tinha se instaurado de vez. Isso, preciso lembrar-lhes, foi uma especulação que me ocorreu naquele momento. Depois, constatei o quanto a realidade era diversa.

“Enquanto meditava sobre o assunto, minha atenção foi atraída para uma bela construção, de tamanho relativamente pequeno, como se fosse um poço coberto por uma cúpula. Pensei sem muita atenção o quanto era esquisito que ainda se usassem poços, e depois retomei o fio das minhas especulações. Não havia grande edifício no trajeto até o topo da elevação, e como minha disposição para caminhar era extraordinária, acabei sendo deixado a sós pela primeira vez. Com uma estranha sensação de liberdade e de aventura, fiz um derradeiro esforço rumo ao topo da colina.

“Lá, encontrei um assento de metal amarelado que não reconheci, corroído em alguns pontos por uma ferrugem de tom róseo, e meio coberto por um musgo suave; os suportes para os braços eram moldados em forma de cabeças de grifos. Sentei-me ali e tive uma visão

panorâmica do nosso velho mundo à luz daquele pôr do sol. Era uma paisagem tão agradável e bela quanto qualquer outra que eu já tivesse visto. O sol já descera atrás do horizonte, e o oeste estava todo banhado em ouro chamejante, cortado por barras horizontais de roxo e vermelho. Lá embaixo estava o vale do Tâmis, onde o rio se sobressaía como uma fita de aço polido. Já falei sobre os grandes palácios que vi espalhados por entre aqueles relvados, alguns deles em ruínas, outros ainda habitados. Aqui e ali erguia-se uma imagem branca ou prateada, por entre os jardins abandonados da terra; aqui e ali divisava-se a abrupta linha vertical de alguma cúpula ou obelisco. Não havia sebes, nenhum sinal de limites de propriedades, nenhuma evidência de atividade agrícola; a terra inteira tinha se tornado um jardim.

“Observando dali as coisas à minha volta, fui interpretando ao meu modo o que avistava, e era assim que tudo se apresentava ao meu espírito naquele entardecer. (Depois vim a compreender que tinha descoberto apenas uma meia-verdade — ou apenas um vislumbre de uma faceta da verdade.)

“Tive a impressão de estar encontrando a humanidade na sua fase de lento declínio. Aquele pôr do sol me levou a pensar no crepúsculo da própria espécie humana. Pela primeira vez comecei a perceber uma consequência bizarra dos esforços sociais nos quais estamos mergulhados em nossa época. E não obstante, é uma consequência bastante lógica. A força é um resultado da necessidade; a segurança conduz ao enfraquecimento. O esforço para melhorar as condições de vida — o verdadeiro processo civilizatório que torna a vida cada vez mais segura — tinha avançado até atingir o clímax. Cada triunfo conjunto da humanidade sobre a Natureza tinha sido logo seguido por outro. Coisas que hoje não passam de sonhos tinham se transformado em projetos que alguém levou a cabo. E o resultado era aquele!

“Afinal de contas, a saúde e a agricultura de hoje estão ainda num estágio rudimentar. A ciência do nosso tempo conseguiu enfrentar apenas um pequeno número das enfermidades humanas, mas, mesmo assim, expande suas conquistas de maneira firme e contínua. Nossa agricultura e nossa horticultura destroem algumas plantas aqui e ali, e cultivam um número elevado de plantas saudáveis, deixando que a maioria das demais encontre o melhor equilíbrio possível. Introduzimos melhoramentos em nossas plantas e animais favoritos — e são muito poucos — gradualmente, por reprodução seletiva; aqui e acolá um pêssago mais saboroso, ou uma uva sem caroço, ou uma flor maior e mais perfumada, ou uma raça de gado que mais nos convém. Nós os melhoramos gradualmente, porque nossos ideais são vagos e ainda experimentais, e nosso conhecimento limitado; e porque a Natureza, também ela, é tímida e reage devagar às nossas mãos desajeitadas. Algum dia tudo isso será mais bem-organizado e dará resultados melhores. Esse é o rumo para onde flui a corrente, apesar de refluxos ocasionais. O mundo inteiro será inteligente, educado e cooperativo; as coisas caminharão cada vez mais rápidas em nosso esforço para subjugar a Natureza. No fim, iremos reajustar o equilíbrio da vida animal e vegetal, com sabedoria e cuidado, de uma maneira que satisfaça nossas necessidades humanas.

“Esse ajustamento deve ter sido concretizado, e muito bem-concretizado; realizado

para todo o sempre, no espaço de Tempo que minha máquina percorreu. O ar estava livre de mosquitos, a terra sem ervas daninhas e sem fungos; por toda parte havia frutas, flores belas e perfumadas; borboletas cintilantes esvoaçavam por toda parte. O ideal da medicina preventiva tinha sido realizado. As doenças foram extintas. Não vi sinais de qualquer doença contagiosa durante a minha permanência ali. E irei lhes contar mais adiante como mesmo os processos de putrefação e decomposição tinham sido profundamente afetados por essas mudanças.

“Também tinham se conquistado triunfos na área da organização social. Porque eu via a humanidade abrigada em construções esplêndidas, vestida com exuberância, e até então não os vira envolvidos em nenhum trabalho que requeresse esforço. Não havia sinais de lutas sociais ou econômicas. As lojas, a propaganda, o tráfego, todo o comércio que constitui a parte mais visível do nosso mundo, tudo isso desaparecera. Era natural que, naquele crepúsculo dourado, eu tivesse a impressão de um paraíso social. As dificuldades produzidas pelo crescimento populacional tinham sido resolvidas, pensei, e o crescimento da população tinha sido sustado.

“Mas com essa mudança de condições vem, inevitavelmente, a necessidade de adaptação às novas condições produzidas pelas mudanças. Qual é, a menos que nossa ciência biológica seja uma montanha de erros, a causa da inteligência e do vigor da raça humana? Uma vida livre enfrentando condições adversas, condições nas quais os indivíduos ativos, fortes e sagazes sobrevivem, e os fracos são condenados; condições que premiam a capacidade dos homens para o esforço conjunto e solidário, além do autocontrole, da paciência, da capacidade de decidir. E a instituição da família, e as emoções que ali são geradas, o ciúme, a ternura pelos filhos, a devoção dos pais, tudo isso é justificado e explicado pela presença de perigos que ameaçam os mais jovens. E agora, onde estão esses perigos? Há um sentimento crescente, e que irá crescer ainda mais, contra o ciúme conjugal, contra a dedicação exclusiva à maternidade, contra as paixões de qualquer espécie; coisas desnecessárias agora e que nos deixam desconfortáveis. São resíduos da vida primitiva e se tornam dissonâncias na vida refinada e agradável de hoje.

“Pensei na delicadeza física daquelas pessoas, na sua falta de inteligência, e nas ruínas que via por toda parte; isso aumentou a minha crença numa conquista total da Natureza. Porque após a batalha vem a quietude. A humanidade tinha sido forte, enérgica e inteligente, e havia usado essa vitalidade exuberante para alterar as condições do mundo em que vivia. E agora vinha a reação do mundo que tinha sido alterado.

“Sob essas novas condições ideais de conforto e segurança, aquela energia inquieta que entre nós se converte em força acabava se transformando em fraqueza. Mesmo em nossa própria época certas tendências e desejos, que em algum momento foram necessários à nossa sobrevivência, tornam-se uma fonte constante de fracassos. A coragem física e o amor pela guerra, por exemplo, não servem de muita coisa — podem até trazer graves prejuízos — ao homem civilizado. E num estado de perfeito equilíbrio das condições físicas e da segurança, o poder intelectual, assim como a força física, estaria sem função. Calculei que há anos sem

conta tinha deixado de existir ali qualquer risco de guerra ou de violência pessoal, qualquer perigo de ataques de animais selvagens, nenhuma doença grave a requerer uma constituição forte, nenhuma necessidade de trabalhos braçais. Para uma vida assim, os fracos eram tão capacitados quanto os fortes, e nem podiam mais ser chamados de fracos. Eram até mais bem-capacitados, pois os fortes seriam perturbados por uma energia para a qual não havia uso. Não havia dúvida de que a beleza peculiar dos edifícios que eu via era o resultado dos derradeiros impulsos dessa energia na humanidade, energia agora desnecessária, depois que ela repousava numa harmonia perfeita com as condições ambientes: o último florescer do triunfo que resultou na paz definitiva. Tem sido sempre esse o destino da energia humana em condições de perfeita segurança: derivar para a arte e o erotismo, e depois para a languidez e a decadência.

“Mesmo o impulso da arte não duraria para sempre e estava quase extinto naquele Tempo de que fui testemunha. Adornar-se com flores, dançar, cantar à luz do sol: era tudo o que tinha sobrado do espírito artístico. E mesmo isso estava condenado a desaparecer, no fim, dando lugar a uma complacente inatividade. Mantemo-nos sempre afiados quando somos submetidos ao esmeril da dor e da necessidade, e agora me parecia que esse mecanismo fatídico tinha finalmente sido despedaçado!

“Enquanto fiquei ali, na escuridão crescente, pensei que com essa simples teoria eu havia decifrado o enigma daquele mundo, decifrado todo o segredo daquele povo tão simpático. Talvez as medidas que eles tinham desenvolvido para conter a explosão populacional tivessem funcionado além do previsto, tendo como resultado a diminuição da população, ao invés de mantê-la estacionária. Isso explicaria as ruínas abandonadas. Minha teoria era bastante simples, bastante plausível — como aliás acontece com a maior parte das teorias equivocadas!”

— Enquanto permaneci ali, meditando sobre esse triunfo perfeito do engenho humano, a lua cheia, amarelada e rotunda, surgiu no leste, por entre irradiações de luz prateada. As minúsculas silhuetas tinham parado de cruzar o vale lá embaixo; uma coruja esvoaçou perto, silenciosa, e o frio da noite me produziu um estremecimento. Decidi descer de volta e procurar um local onde pudesse dormir.

“Olhei para o edifício que já tinha visitado. Então meus olhos vaguearam até a figura da Esfinge Branca em seu pedestal de bronze, tornando-se mais visível à medida que o luar brilhava mais forte. Eu podia ver a bétula prateada em contraste com ela. Havia um arbusto de rododendros, tornado escuro pelo pálido luar, e ali estava o pequeno relvado. Olhei para o relvado novamente. Uma dúvida incômoda gelou o meu bem-estar. ‘Não’, disse eu firmemente para mim mesmo, ‘não era aquele relvado’.

Mas *era*, sim, aquele relvado. Porque era para ele que estava virado o rosto esbranquiçado e quase leproso da Esfinge. Podem imaginar o que senti quando tive certeza? Não, não podem... A Máquina do Tempo tinha desaparecido!

“Numa fração de segundo, como uma chicotada que me atingisse o rosto, senti a possibilidade de me extraviar da minha época, de ser deixado indefeso naquele mundo novo e estranho. Esse pensamento me aturdiu com a força de um impacto físico. Eu podia senti-lo apertando minha garganta e me sufocando a respiração. No instante seguinte, arrebatado pelo terror, eu estava descendo a colina a toda corrida e em grandes saltos. A certa altura caí para a frente e arranhei meu rosto; não perdi meu tempo estancando o sangue, mas pus-me de pé novamente e corri, corri, sentindo o líquido quente escorrendo pelo rosto e pelo queixo. Durante todo o tempo que corria eu dizia a mim mesmo: ‘Eles só a afastaram um pouco, colocaram-na embaixo dos arbustos.’ Ainda assim, continuei a correr com todas as minhas forças. Durante todo o tempo, com aquela certeza que às vezes surge de um medo excessivo, eu sabia que era tolice tentar me tranquilizar daquela forma, sabia, instintivamente, que a máquina tinha sido levada e estava fora do meu alcance. Minha respiração já estava se tornando dolorosa. Acho que cobri a distância entre o alto da colina até o pequeno relvado, que seria de uns três quilômetros, em dez minutos. E não sou mais um jovem. Amaldiçoei a mim mesmo em altos brados, enquanto corria, por ter sido tão idiota e tão confiante a ponto de me descuidar da máquina, e com isso desperdicei boa parte do meu fôlego. Gritei, mas ninguém me respondeu. Nem uma só criatura parecia mover-se naquele mundo banhado pelo luar.

“Quando cheguei ao relvado, meus piores temores se concretizaram. Não havia o menor sinal da máquina. Senti-me quase desfalecer quando avistei o espaço vazio junto aos arbustos. Corri em volta, desesperado, como se ela pudesse estar escondida em algum recanto, até que me detive, agarrando os cabelos com ambas as mãos. Diante de mim erguia-se a Esfinge, sobre seu pedestal de bronze, branca, reluzente, leprosa, à luz da lua nascente. Parecia sorrir zombando da minha desgraça.

“Eu podia ter procurado me consolar pensando que aquelas criaturinhas tinham levado a máquina para algum lugar seguro, para me ajudar, se não tivesse certeza de sua incapacidade física e intelectual para tanto. Isso era o que mais me inquietava: a sensação de algum poder até agora insuspeito, através de cuja intervenção meu veículo desaparecera. No entanto, de uma coisa eu tinha certeza: a menos que alguém em outra época pudesse ter produzido uma duplicata perfeita, ela não poderia ter se movido no tempo. O encaixe das alavancas — depois lhes mostrarei como funciona — impedia que qualquer pessoa pudesse fazê-la funcionar, depois que as alavancas fossem removidas. Ela tinha sido levada e estava oculta em algum lugar — no espaço. Mas... onde poderia estar?

“Acho que devo ter entrado em pânico. Lembro-me de ter corrido de um arbusto para outro, em redor da Esfinge, assustando um animal de pelo branco que, ao luar, imaginei ser um veado de pequeno porte. Lembro-me também de mais tarde, nessa mesma noite, ter açoitado os arbustos com os punhos cerrados, até que meus dedos ficassem cobertos de sangue, cortados pelos galhos. Então, soluçando, raivoso, com a mente em desespero, caminhei para o grande edifício de pedra que ficava próximo. O grande salão estava deserto e silencioso. Escorreguei no chão irregular e caí sobre uma das mesas de mármore, quase fraturando o queixo. Risquei um fósforo e atravessei por entre as cortinas a que já me referi.

“Ali encontrei outro salão coberto de almofadas, sobre as quais dormiam cerca de vinte pessoas. Não duvido que tenham achado essa minha segunda aparição bastante estranha, surgido da escuridão, fazendo estardalhaço e assustando-os com um fósforo aceso — porque eles tinham perdido a memória do que eram fósforos. ‘Onde está minha Máquina do Tempo?’, esbravejei como uma criança contrariada, agarrando-os e sacudindo de um em um. Deve ter lhes parecido algo fora do comum. Alguns deles riram, outros fizeram uma expressão amedrontada. Quando os vi de pé ao meu redor, ocorreu-me que eu estava fazendo a coisa mais tola que era possível nas circunstâncias, ao tentar reviver neles a sensação do medo. Porque, a julgar pelo seu comportamento durante o dia, o medo era algo que devia estar completamente esquecido.

“Joguei fora o fósforo num gesto brusco e, derrubando um deles que estava no meu caminho, cruzei aos trambolhões a sala de refeições e saí de volta ao lado de fora, sob o luar. Ouvi pequenos gritos de terror e o ruído dos seus pezinhos minúsculos correndo e tropeçando numa e noutra direção. Não lembro do que devo ter feito durante o tempo em que a lua percorreu o céu. Suspeito que o que me enlouquecia era a natureza inesperada da minha perda. Eu me sentia inapelavelmente separado da minha própria espécie — um animal estranho solto num mundo desconhecido. Devo ter vagueado para lá e para cá, chorando e

gritando contra Deus e o Destino. Tenho a recordação de um terrível cansaço à medida que aquela longa noite de desespero se esvaía; de ter procurado mais de uma vez em mais de um lugar impossível; de percorrer ruínas enluradas, tocando estranhas criaturas naquelas sombras espessas; e, por fim, de deixar-me cair na grama diante da Esfinge e chorar com um absoluto desalento. Só me restava a miséria. Adormeci e quando acordei era dia claro; um casal de pardais saltitava na grama, ao alcance da minha mão.

“Sentei-me, sentindo o clima agradável daquela manhã e tentando lembrar como tinha ido parar ali, e por que motivo estava possuído por uma tamanha sensação de abandono e de desespero. Então as coisas se aclararam em minha mente. À luz do dia, eu me senti mais razoável e pude encarar de frente a situação. Percebi a tolice do meu pânico da noite anterior e pude raciocinar com clareza. Vamos admitir o pior, pensei. Digamos que a máquina esteja perdida, ou destruída. Preciso ter calma e paciência, acostumar-me a essas pessoas, ter uma ideia precisa de como se efetuou a minha perda e tentar conseguir os materiais e as ferramentas necessárias, de modo que me seja possível construir outra. Essa era minha única esperança, talvez, mas era melhor do que o desespero. E, afinal de contas, aquele era um mundo belo e curioso.

“Mas era provável que a máquina tivesse sido apenas levada embora. Eu precisaria manter a calma e paciência, encontrar seu esconderijo e recuperá-la, fosse pela força ou pela esperteza. Com essa resolução, pus-me de pé e olhei em volta, imaginando onde poderia me lavar. Sentia-me cansado, entrevado e sujo. O clima agradável daquela manhã despertou em mim a necessidade de limpeza. Eu tinha exaurido minhas emoções. Na verdade, enquanto me desincumbia de minha missão, não pude deixar de pensar sobre as violentas emoções da noite anterior. Fiz um exame cuidadoso da grama daquele pequeno relvado. Perdi algum tempo fazendo perguntas fúteis, da melhor maneira que podia, às pessoas que se aproximaram. Todos olharam com estranheza os meus gestos; alguns ficaram impassíveis, outros acharam que era um gracejo e riram de mim. Tive que fazer um esforço enorme para manter minhas mãos afastadas dos seus rostos risonhos. Era um impulso tolo, mas o demônio produzido pelo medo e pela raiva cega era difícil de controlar e esforçava-se para tirar partido da minha perplexidade. A grama, porém, foi uma boa conselheira. Encontrei um profundo sulco escavado nela, mais ou menos a meio caminho entre o pedestal da Esfinge e as marcas dos meus pés no ponto onde, após minha chegada, eu tinha conseguido com grande esforço desvirar a máquina capotada. Havia outros sinais da sua remoção, como algumas estranhas pegadas semelhantes às que eu imaginava serem produzidas por uma preguiça. Isso conduziu minha atenção para o pedestal. Era, como já falei, feito de bronze. Não era um simples bloco, mas cheio de ornamentos com painéis emoldurados de ambos os lados. Bati com os nós dos dedos nesses; o pedestal era oco. Examinando os painéis com mais cuidado, percebi que eles não eram uma só peça com as molduras. Não havia maçanetas ou buracos de fechadura visíveis, mas possivelmente os painéis, se eram de fato portas, podiam ser abertos pelo lado de dentro. Uma coisa era bastante clara à minha mente. Não era preciso muito esforço para deduzir que minha Máquina do Tempo estava agora no interior daquele

pedestal. Como tinha ido parar lá era outra questão.

“Nisso, vi as cabeças de duas pessoas vestidas de roupas alaranjadas, que vinham ao meu encontro por entre os arbustos e sobre macieiras floridas. Sorri para eles e fiz um gesto, chamando-os. Eles se aproximaram e, apontando para o pedestal de bronze, tentei transmitir-lhes o meu desejo de que o abrissem para mim. Mas mal esbocei o primeiro gesto, eles reagiram de uma maneira estranha. Não sei como descrever para vocês a reação deles. Suponhamos que um de vocês empregasse um gesto grosseiro e impróprio diante de uma mulher de sentimentos delicados — ela iria se comportar exatamente daquele modo. O casal afastou-se de mim como se eu tivesse lhes dirigido o pior insulto possível. Depois, tentei o mesmo com um rapaz de aparência suave, obtendo exatamente o mesmo resultado. De certo modo, sua atitude me fez ficar envergonhado de mim mesmo. Mas, como podem entender, eu desejava a Máquina do Tempo acima de qualquer outra coisa e tentei mais uma vez convencê-lo. Quando ele me deu as costas e se afastou, como os outros, perdi a paciência. Com três saltos o alcancei, agarrei-o pela dobra de tecido em volta do pescoço e comecei a arrastá-lo na direção da Esfinge. Então vi todo o horror e a repugnância que se estamparam em seu rosto e larguei-o.

“Mas eu ainda não me considerava derrotado. Esmurrei os painéis de bronze com os punhos cerrados e tive a impressão de ouvir alguma coisa mover-se lá dentro — na verdade, julguei ouvir o som de uma risada abafada —, mas podia ser um engano de minha parte. Então fui buscar uma grande pedra na margem do rio e bati com ela até achatar um friso na decoração e o azinhavre se descascar em flocos ressequidos. As criaturinhas deviam ter ouvido as pancadas no raio de um quilômetro em cada direção, mas nenhuma delas se aproximou. Avistei um grupo numa colina, olhando furtivamente para mim. Por fim, suado e fatigado, sentei-me para observar o local. Mas eu estava inquieto demais para ficar somente olhando durante muito tempo; sou demasiado ocidental para longas contemplações. Posso trabalhar num problema durante anos, mas ficar inativo durante vinte e quatro horas é algo completamente diferente.

“Levantei-me depois de algum tempo e comecei a andar sem rumo através dos arbustos, indo mais uma vez na direção da colina. ‘Paciência’, falei comigo mesmo. ‘Se quiser a máquina de volta, deixe a Esfinge em paz. Se eles quiserem tomar a máquina, de nada vai adiantar amassar seus painéis de bronze. Se não quiserem, vai tê-la de volta assim que conseguir pedi-la. Ficar sentado no meio de tantas coisas desconhecidas e diante de um enigma como este é tempo perdido. O resultado disso será a loucura. Encare este mundo. Aprenda como ele funciona, observe-o, tenha cuidado para não tirar conclusões precipitadas sobre seu significado. Em seu devido tempo, as pistas aparecerão.’ Então, o lado humorístico da situação me ocorreu: pensei nos anos que tinha estudado e trabalhado duro para viajar ao futuro, e agora minha ansiedade não era senão ir embora dali. Eu tinha criado para mim mesmo a mais complicada e a mais inapelável armadilha já construída por um homem. Embora a ironia fosse às minhas próprias custas, não pude deixar de gargalhar.

“Ao percorrer novamente o grande palácio, tive a impressão de que as criaturinhas

me evitavam. Pode ter sido imaginação minha, ou pode ter tido algo a ver com minha tentativa de arrombar as portas de bronze. De qualquer modo, tive quase certeza de que procuravam se manter afastadas. Tomei cuidado, portanto, para não demonstrar preocupação e evitar persegui-las, e dentro de um ou dois dias as coisas voltaram à normalidade. Fiz alguns progressos, conforme me foi possível, no aprendizado de sua língua e explorei mais o ambiente em torno. A menos que alguma sutileza maior tivesse me escapado, tive a impressão de que sua linguagem era excessivamente simples e se compunha quase exclusivamente de substantivos e verbos. Devia haver poucos termos abstratos, se é que havia algum; e muito pouco uso de linguagem figurada. Suas frases eram em geral muito simples, de duas palavras, e eu não conseguia transmitir-lhes, ou receber, nada senão as proposições mais elementares. Tomei a decisão de relegar a segundo plano, por enquanto, o problema da Máquina do Tempo e o mistério das portas de bronze, até que meu conhecimento da língua me permitisse abordar o assunto de maneira mais natural. Mas um sentimento, que vocês compreenderão, me manteve preso num círculo de umas poucas milhas em torno daquele meu local de chegada.

“Até onde eu podia observar, o mundo reproduzia toda a exuberante riqueza natural do vale do Tâmis. De toda colina que eu escalava era possível avistar a mesma abundância de edifícios esplêndidos, em incontáveis variações de materiais e de estilo; os mesmos agrupamentos espessos de coníferas, as mesmas árvores cobertas de flores e de samambaias. Aqui e acolá avistava-se o brilho prateado da água, e mais além o solo se elevava em colinas azuladas e ondulantes, para confundir-se depois com a própria cor serena do céu. Um detalhe singular, que acabou por atrair minha atenção, foi a presença de alguns poços circulares, alguns deles, ao que me pareceu, extremamente profundos. Um deles estava situado no caminho de acesso à colina que eu escalara em meu primeiro passeio exploratório. Como os demais, tinha as bordas reforçadas com um bronze curiosamente trabalhado e havia por cima uma pequena cúpula que o protegia da chuva. Sentado à borda desses poços, eu espreitava aquele tubo de escuridão sem perceber nenhum reflexo de água lá no fundo, nem qualquer outra coisa que refletisse a chama de um fósforo aceso. Em todos eles, contudo, era-me possível escutar o mesmo barulho, um *tum-tum-tum* surdo e ritmado como o de um grande mecanismo, e descobri também, observando a chama do fósforo, que uma corrente de ar permanente fluía para dentro do poço. Joguei num deles um farrapo de papel e vi que, em vez de descer flutuando lentamente, ele foi sugado de uma vez só e desapareceu lá nas profundezas.

“Depois de algum tempo, passei a fazer uma relação entre aqueles poços e as altas torres postadas aqui e acolá sobre as encostas, porque na extremidade delas eu avistava aquela mesma tremulação de ar quente que avistamos às vezes numa praia, num dia de sol escaldante. Juntando uma coisa com a outra, tive a nítida visão de um extenso sistema de ventilação subterrânea, cuja verdadeira utilidade era-me difícil de imaginar. A princípio tendi a associá-lo a algum tipo de instalação sanitária para aquele povo. Uma ideia óbvia, mas que estava completamente equivocada.

“E agora tenho que admitir que fiquei sabendo muito pouco a respeito dos esgotos, das campanhas, dos meios de transportes e outros serviços públicos durante minha permanência no futuro. Tenho lido visões de Utopias e relatos sobre os tempos futuros, e em todos existe uma proliferação de detalhes sobre construções, costumes sociais e assim por diante. Mas, embora tais detalhes sejam muito fáceis de obter quando o mundo inteiro está contido na imaginação do escritor, eles são totalmente inacessíveis a um viajante de fato, o qual se vê, como eu me via ali, projetado dentro desse modo. Imaginem que história um negro da África Central contaria em sua tribo após passar algum tempo em Londres! O que ficaria ele sabendo a respeito das companhias ferroviárias, dos movimentos sociais, dos cabos de telefone e de telégrafo, das empresas de entrega de encomendas, dos serviços postais e assim por diante? No entanto, qualquer um de nós, pelo menos, explicaria todos esses detalhes a ele com a maior boa vontade. Mesmo as coisas que viesse a conhecer não lhe seria fácil fazer com que seus amigos compreendessem ou acreditassem. Pensem, então, como é pequena a distância que separa esse negro e um homem branco do nosso tempo, comparada à distância entre mim e os habitantes da Idade de Ouro! Eu tinha a consciência de que muito do que contribuía para o meu conforto permanecia oculto aos meus olhos, mas, salvo por uma impressão geral de organização automatizada, temo que não posso fazer com que percebam a diferença.

“Com relação aos sepultamentos, por exemplo, não vi nenhum indício da presença de um crematório, nem nada que lembrasse túmulos. Ocorreu-me que talvez eles pudessem estar situados em algum local além do raio de minhas explorações. De qualquer modo, essa foi uma das questões que formulei deliberadamente para mim mesmo, e minha curiosidade ficou a princípio inteiramente insatisfeita nesse ponto. O fato me intrigava e me levou a observar outro detalhe, que me deixou ainda mais perplexo: não havia praticamente nenhum velho ou enfermo no meio daquele povo.

“Devo confessar que as minhas primeiras teorias, sobre uma civilização automatizada e uma Humanidade decadente, não se sustentaram por muito tempo. No entanto, nenhuma outra me ocorria. Vou explicar minhas dúvidas. Os vários palácios que explorei eram meros locais de habitação, com grandes refeitórios e numerosos aposentos de dormir. Não vi ali nem máquinas nem instrumentos de qualquer espécie. Contudo, aquelas pessoas trajavam roupas de belos tecidos que de tempos em tempos precisariam ser substituídas, e suas sandálias, embora pouco enfeitadas, davam mostras de um artesanato em metal bastante sofisticado. Tais coisas tinham de ser produzidas em algum lugar, mas as pequenas criaturas não exibiam nenhum sinal de talento criativo. Passavam o tempo inteiro brincando, alegres, banhando-se no rio, fazendo amor de maneira brincalhona, comendo frutas e dormindo. Eu não entendia como aquele mundo era mantido em funcionamento.

“E mais uma vez me voltava à mente a questão da Máquina do Tempo: algo, que eu não imaginava o que fosse, a havia arrastado para o interior oco da Esfinge Branca. *Por quê?* Juro pela minha vida que não fazia ideia. Havia também aqueles poços sem água, aquelas torres de ar quente... Uma pista qualquer estava faltando. Eu sentia... como posso

explicá-lo? Suponham que vocês encontram uma inscrição na qual algumas frases são num inglês claro e correto, misturadas a outras com palavras e até mesmo letras absolutamente desconhecidas? Bem, no terceiro dia de minha permanência, era assim que se apresentava aos meus olhos o mundo do ano 802.701!

Naquele dia, também, fiz uma amizade, por assim dizer. Aconteceu que, enquanto eu observava um grupo de criaturinhas banhando-se numa lagoa rasa formada pelo rio, uma moça sofreu uma câibra e acabou sendo arrastada pelas águas. A correnteza era rápida naquele local, mas não a ponto de ameaçar um nadador de moderada capacidade. Vocês terão uma ideia da deficiência emocional dessas criaturas se eu lhes disser que nenhum deles fez a menor tentativa de ir em socorro da garota que se afogava ali, diante dos seus olhos. Quando percebi o que se passava, despi-me apressadamente e, me movendo pela água em um ponto rio abaixo, alcancei-a e a trouxe para a margem em segurança. Uma massagem logo a deixou recuperada, e fiquei satisfeito em ver que ela estava bem, antes de afastar-me. Eu tinha ficado com uma impressão tão negativa da sua espécie que não esperei qualquer gratidão da parte dela; mas nisso, entretanto, eu me equivocava.

“Isso aconteceu pela manhã. À tarde, encontrei a garota, ou pelo menos era assim que eu a via, quando retornava de uma das minhas explorações, e ela me recebeu com gritos de prazer, presenteando-me com uma guirlanda de flores, que evidentemente fizera pensando apenas em mim. Aquele gesto arrebatou minha imaginação. Era bem possível que eu estivesse me sentindo deprimido. De qualquer modo, fiz o melhor que pude para demonstrar minha gratidão pelo presente. Logo estávamos sentados sob uma arcada de pedra, envolvidos numa conversa que consistia basicamente em sorrisos de parte a parte. Os carinhos daquela criatura me tocavam como o teriam feito os de uma criança. Oferecíamos flores um ao outro, ela beijava minhas mãos, eu fazia o mesmo com as suas. Tentei conversar com ela e acabei descobrindo que se chamava Weena, nome que, embora eu não soubesse seu significado, me pareceu bastante apropriado. Este foi o princípio de uma estranha amizade que durou por uma semana e que acabou... como falarei depois.

“Ela era como uma criança. Queria estar ao meu lado o tempo todo. Seguia-me por toda parte, e na minha excursão seguinte doeu-me ver o quanto ela se cansara e ter que deixá-la para trás, por fim, exausta e me chamando num tom lamentoso. Mas os problemas do mundo tinham de ser enfrentados. Eu não tinha viajado até o futuro (disse eu a mim mesmo) para me dedicar a um pequeno flerte. E no entanto seu desespero quando eu a abandonava era enorme, seus protestos na hora da despedida eram frenéticos, e no cômputo geral sua devoção me trazia conforto e problemas em igual medida. Não obstante, ela representava para mim uma fonte de bem-estar. Eu pensara que era uma simples afeição infantil que a fazia se apegar a mim, e até ser tarde demais não me dei conta claramente do mal que fazia quando a abandonava, nem entendi senão muito tarde o que ela significava para mim. Porque, simplesmente por me dedicar afeto, e por me mostrar com seus modos fúteis e frágeis o quanto se preocupava comigo, aquela criaturazinha fazia com que, ao voltar para as proximidades da Esfinge Branca, eu me sentisse quase como que voltando para casa;

e assim que eu chegava ao alto da colina, já começava a procurar com os olhos sua silhueta miudinha, vestida de branco e dourado.

“Foi através dela, também, que eu aprendi que o medo não tinha sido extinto naquele mundo. Ela era bastante corajosa durante o dia e tinha uma estranha confiança em mim, porque certa vez, num impulso bobo, fiz trejeitos ameaçadores contra ela, que se limitou a rir. Mas temia a escuridão, temia as sombras, temia tudo que fosse escuro. As trevas eram a única coisa que a amedrontava. Era uma reação estranhamente intensa, e me deixava meditativo, observando-a. Descobri então, entre outras coisas, que aquelas criaturas sempre se reuniam nos grandes edifícios depois do escurecer e sempre dormiam em grupos. Aproximar-se deles sem levar alguma luz era provocar um tumulto de apreensão. Nunca encontrei um deles do lado de fora após o anoitecer, assim como nunca vi nenhum dormindo sozinho. No entanto, eu era tão obtuso que não dei atenção ao que esses receios pareciam me ensinar, e a despeito da inquietação de Weena, insistia em dormir longe daquela multidão de gente.

“Isso a deixava muito perturbada, mas por fim sua estranha afeição por mim prevalecia, e por cinco das noites de nossa convivência, incluindo a última de todas, ela dormiu com a cabeça aninhada em meus braços. Mas minha narrativa começa a me escapar quando passo a falar de Weena. Deve ter sido na véspera do dia em que a salvei no rio que, perto do amanhecer, eu despertei de um sono agitado, no qual sonhava que estava me afogando e que anêmonas marinhas apalpavam meu rosto com seus moles tentáculos. Acordei com um sobressalto e com a estranha impressão de que algum animal acinzentado tinha acabado de fugir do aposento. Tentei dormir de novo, mas me sentia inquieto e desconfortável. Era aquela hora cinzenta e enevoada quando as coisas começam a emergir das trevas, quando tudo é descolorido e nítido, e ainda assim é irreal. Levantei-me e caminhei até o grande salão, e dali para as lajes da parte fronteira do palácio. Como não tinha escolha, resolvi aproveitar o tempo da melhor maneira e assistir ao nascer do sol.

“A lua estava se pondo; os últimos clarões do luar e o primeiro brilho pálido da alvorada se misturavam, produzindo uma meia-luz de tom lívido. Os arbustos eram negros, o chão um cinza-escuro, o céu era sem cores e lúgubre. Olhando para a colina, julguei estar vendo fantasmas. Ali, várias vezes, enquanto esquadrihava a encosta, vi figuras esbranquiçadas. Por duas vezes julguei discernir uma criatura solitária, de aparência simiesca, correndo encosta acima a grande velocidade; e depois, perto das ruínas, vi um grupo de três carregando um corpo escuro. Moviam-se às pressas. Não consegui ver para onde se dirigiam. Pareciam sumir entre os arbustos. A luz do amanhecer era muito imprecisa, como vocês podem compreender. Eu estava tomado por aquela sensação de frio e incerteza que se apossa de nós ao amanhecer; e duvidei dos meus olhos.

“À medida que o céu foi ficando mais brilhante ao Leste, e a luz do dia fez as coisas brilharem com cores fortes mais uma vez, voltei a examinar a paisagem, mas não vi qualquer sinal dos vultos brancos. Eram criaturas da meia-luz. ‘Devem ser fantasmas’, murmurei; ‘imagino de que época’. Porque me veio à lembrança, divertindo-me, uma curiosa ideia de

Grant Allen.⁶ Se cada geração que morre deixar fantasmas, disse ele, o mundo acabará com uma superpopulação deles. A julgar por essa teoria, sua quantidade seria inimaginável no ano 802.701, e ver três ou quatro de uma só vez não seria nenhuma façanha. Mas o gracejo não me sossegou por completo, e durante toda a manhã fiquei pensando naqueles vultos, até que o mergulho no rio para salvar Weena os afastou de minha lembranças. Acabei por associá-los, de modo impreciso, ao animal branco que eu tinha afugentado em minha primeira busca frenética pela Máquina do Tempo. Mas Weena era um tema muito mais agradável para ocupar meus pensamentos — embora os vultos misteriosos estivessem destinados a ocupá-los de maneira muito mais fatídica.

“Acho que já falei o quanto o clima daquela Idade de Ouro era notavelmente mais quente que o atual. Não sei a que atribuí-lo. Talvez o sol tivesse se tornado mais quente, ou a terra estivesse mais próxima dele. Usualmente, presumimos que o sol deverá esfriar gradualmente no futuro remoto. Mas as pessoas que desconhecem especulações como as do jovem Darwin⁷ esquecem que os planetas devem mais cedo ou mais tarde ser atraídos de volta para o astro em volta do qual giram. À medida que tais catástrofes ocorram, o sol deverá arder com energia renovada, e podia ser que algum dos planetas internos já tivesse tido esse destino. Fosse qual fosse a razão, o fato é que o sol dali parecia muito mais quente do que o nosso.

“Bem, numa manhã bastante quente — a quarta que eu passava ali, acho — procurei proteger-me da luz e do calor abrigando-me numas ruínas colossais próximas do grande edifício onde eu costumava comer e dormir; e ali ocorreu um fato estranho. Escalando os montes de alvenaria, encontrei uma galeria estreita, cuja extremidade, bem como as janelas laterais, estava bloqueada por blocos de concreto desmoronados. Em contraste com a luz intensa do lado de fora, aquele local me pareceu de uma escuridão impenetrável. Entrei às apalpadelas, porque a mudança brusca da luz para a escuridão fazia com que pontos de luz colorida dançassem diante dos meus olhos. De súbito parei, estupefato. Um par de olhos, luminosos devido ao reflexo da luz do dia lá fora, me observava no meio das trevas.

“Senti o medo instintivo e antigo que temos diante dos animais selvagens. Cerrei os punhos e encarei firmemente aqueles olhos chamejantes. Tinha medo de dar-lhes as costas. Pensei na absoluta sensação de segurança que aquela humanidade parecia experimentar, mas logo recordei o seu estranho terror diante da escuridão. Dominando o medo, dei um passo à frente e falei. Reconheço que minha voz estava esganiçada e pouco segura. Estendi a mão e toquei em algo macio. No mesmo instante os olhos saltaram para o lado e algo passou correndo junto de mim. Virei-me, com o coração aos pulos, e vi uma pequena figura semelhante a um gorila, com a cabeça abaixada de modo peculiar, correndo pelo espaço banhado de sol às minhas costas. O ser esbarrou num bloco de granito, cambaleou, e instantes depois tinha desaparecido entre as sombras embaixo de uma pilha de ruínas.

“Minha lembrança do que vi é, sem dúvida, imperfeita, mas notei que a criatura era de um branco cadavérico e tinha olhos grandes, cinza-avermelhados, e cabelos longos, da cor do linho, tanto na cabeça quanto nas costas. Mas, como eu disse, fugiu rápido demais

para que eu pudesse vê-lo com clareza. Não posso dizer sequer se ele corria de quatro, ou se tinha apenas os membros superiores pendidos. Depois de um instante de espera, persegui-o por dentro daquele bloco de ruínas. A princípio não o encontrei, mas depois de algum tempo na escuridão avistei a abertura circular de um daqueles poços de que já falei, semiencoberta por uma coluna desmoronada. Um pensamento súbito me ocorreu. Será que aquela Coisa tinha descido poço abaixo? Acendi um fósforo e, olhando para baixo da abertura, vi uma criatura branca, pequena, que descia pelo poço e me fitava com olhos grandes e brilhantes à medida que se afastava. Senti um calafrio. Aquilo parecia tanto com uma aranha humana! Estava descendo rapidamente ao longo do poço, e só então notei pela primeira vez a presença de degraus metálicos fixos à parede interna, que serviam de apoio para mãos e pés, formando uma espécie de escada. Então a chama queimou meus dedos e o fósforo me escapou, apagando-se durante a queda; quando acendi outro, o monstrinho já tinha desaparecido nas profundezas.

“Não sei por quanto tempo me debrucei e contemplei o fundo daquele poço. Levei algum tempo para poder me convencer de que a coisa que eu tinha avistado era humana. Mas, pouco a pouco, a verdade ficou clara: o Homem não havia se mantido como uma espécie única, mas tinha se ramificado em dois animais diferentes: as crianças graciosas do Mundo Superior não eram os únicos descendentes de nossa geração, mas aquela Coisa desbotada, obscena e noturna, que fugira diante dos meus olhos, era também herdeira de todas as eras da espécie humana.

“Lembrei-me das torres que emitiam ar aquecido, e da minha hipótese sobre um sistema subterrâneo de ventilação. Comecei a desconfiar da verdadeira função que exerciam. E qual seria, pensei, a posição daquele Lêmur dentro do meu conceito de uma organização social perfeitamente equilibrada? Como se relacionava ele com a serenidade indolente dos belos habitantes do Mundo Superior? O que haveria oculto ali, nas profundezas dos túneis? Sentei à borda do poço, dizendo a mim mesmo que, em todo caso, não havia o que temer, e que deveria descer por aquela abertura para encontrar a solução dos meus problemas. E ainda assim, eu sentia um medo terrível de fazê-lo! Enquanto eu hesitava, dois belos habitantes do Mundo Superior vieram correndo, envolvidos em seus folguedos amorosos, na direção da sombra em que eu me abrigava. O macho perseguia a fêmea, atirando-lhe flores.

“Os dois pareceram contrariados ao me ver apoiado na pilastra caída e olhando para dentro do poço. Ao que parece, era considerado de mau gosto dar atenção àquelas aberturas, porque, quando apontei para lá e tentei formular uma pergunta em sua língua, eles ficaram ainda mais inquietos e me deram as costas. Mas todos tinham mostrado interesse pelos meus fósforos, e comecei a riscar alguns para diverti-los. Depois, tentei de novo perguntar-lhes sobre o poço, mas novamente não tive resultado. Afastei-me com a intenção de ir ao encontro de Weena e ver se conseguia extrair dela alguma informação. Mas minha mente já estava em pleno tumulto; minhas hipóteses e minhas impressões iam se reorganizando numa configuração nova. Agora eu tinha uma pista sobre a finalidade dos poços, das torres de ventilação, e sobre o mistério dos fantasmas, para não falar da possibilidade de uma

explicação sobre os painéis de bronze e o desaparecimento da Máquina do Tempo! E começou a me ocorrer uma possível solução para o problema econômico que até então me deixara perplexo.

“Eis minha nova hipótese. Era bastante claro que essa segunda espécie humana tinha vida subterrânea. Havia três circunstâncias, em especial, que me levavam a crer que suas raras aparições na superfície eram o resultado de uma prolongada adaptação à vida no subsolo. Em primeiro lugar, havia o tom descorado tão frequente em animais que vivem quase sempre nas trevas, como os peixes esbranquiçados das cavernas de Kentucky, para dar só um exemplo. Depois, aqueles olhos enormes, capazes de refletir a luz, são características de animais noturnos, como a coruja e o gato. E por fim, sua visível desorientação à luz do sol, aquela fuga às pressas mas desajeitada rumo à escuridão, e a posição peculiar em que a criatura mantinha a cabeça quando exposta ao sol — tudo aquilo reforçava a teoria de uma extrema sensibilidade de suas retinas.

“A terra por baixo dos meus pés devia, então, estar toda perfurada por túneis, e esse espaço era o habitat da nova raça. A presença de torres de ventilação e de poços nas encostas das colinas — por toda parte, na verdade, com exceção do vale por onde corria o rio — mostrava como essas ramificações eram extensas. Era natural supor, portanto, que nesse Mundo Inferior artificial eram executados todos os trabalhos necessários à sobrevivência da raça que habitava a superfície. Essa noção era tão plausível que a aceitei de imediato, e passei a considerar o modo *como* teria se dado essa separação da espécie humana em duas. Atrevo-me a pensar que vocês irão prever como se desenvolveu essa minha teoria, embora eu próprio viesse a verificar sem demora que ela também estava longe de exprimir toda a verdade.

“Primeiro, tomando como base os problemas de nossa própria época, pareceu-me claro como a luz do dia que a chave para tudo era o aumento gradual da distância social, meramente circunstancial, que existe entre o Capitalista e o Operário. Sem dúvida isso parecerá grotesco a vocês — e extremamente improvável! — e ainda assim hoje mesmo, em nossa época, existem aspectos que confirmam esse fato. Existe uma tendência a utilizar o subsolo para os aspectos menos ornamentais de nossa civilização: existe o Sistema Metropolitano em Londres, por exemplo, com as novas ferrovias elétricas, os trens subterrâneos,⁸ os escritórios e restaurantes alojados no subsolo, e eles não param de se multiplicar. Evidentemente, pensei, essa tendência se acentuou de tal forma que a indústria perdeu o seu direito de existência ao ar livre. Ou seja: ela teve que ir mais e mais fundo, em fábricas subterrâneas cada vez maiores, num ambiente em que os trabalhadores eram forçados a passar cada vez mais tempo, até que, no fim... Mesmo hoje, um operário do East End não vive em condições tão artificiais que se vê praticamente sem direito a acesso à superfície natural da terra?

“Por outro lado, a tendência manifestada pelos ricos por uma vida cada vez mais exclusivista — devida, sem dúvida, ao refinamento crescente de sua educação, e ao alargamento do golfo entre eles e a violência rude dos mais pobres — faz com que porções

consideráveis da superfície da terra estejam sendo isoladas em seu benefício. Nos arredores de Londres, por exemplo, talvez metade das mais belas zonas campestres tenha o acesso proibido a intrusos. E esse mesmo distanciamento — devido à duração e ao custo elevado da educação superior, e às crescentes oportunidades e tentações para hábitos dispendiosos por parte dos ricos — fará com que o contato entre as classes e a ascensão social através do casamento, que no presente têm retardado a estratificação social da nossa espécie, sejam cada vez menos frequentes. E assim, teremos no final, habitando a superfície, os Ricos, vivendo uma existência em busca de prazeres, conforto e beleza; e no subsolo os Pobres, os Trabalhadores que se adaptam cada vez mais às condições do seu trabalho. Uma vez enclausurados ali, eles teriam que pagar impostos, que não seriam poucos, para manter a ventilação de suas cavernas; se se recusassem, morreriam de fome ou seriam sufocados até o pagamento dos débitos. Os que tivessem inclinação para o desespero e a rebeldia acabariam morrendo; e, no fim, seria alcançado um equilíbrio permanente, com os sobreviventes tornando-se tão bem adaptados às condições da vida subterrânea, e tão satisfeitos com ela, quanto os indivíduos do Mundo Superior estariam com a sua. Aos meus olhos, a beleza refinada de uns e a palidez doentia dos outros era uma consequência natural desse processo.

“O grande triunfo da humanidade com que eu havia sonhado tomou assim uma conformação diferente em minhas ideias. Não fora o triunfo da educação moral e da cooperação entre todos que eu imaginara. Em vez disso, o que eu via era uma verdadeira aristocracia, munida de ciências avançadas e aperfeiçoando até sua conclusão lógica o sistema industrial de hoje. Seu triunfo não tinha sido apenas sobre a Natureza, mas sobre a Natureza e sobre os seus próprios semelhantes. Esta, devo adverti-los, foi a teoria que formulei naquele momento. Eu não dispunha de um providencial cicerone, como ocorre em geral nos romances de Utopia. Minha explicação pode estar completamente equivocada, embora eu ainda ache que é a mais plausível. Mas, mesmo nessas condições, o equilíbrio alcançado pela civilização já deveria há muito tempo ter deixado para trás o seu ponto mais alto e rumava agora para a decadência. A segurança excessiva em que viviam os habitantes do Mundo Superior os conduziu a um lento processo de degeneração, fazendo com que diminuíssem em tamanho, em força e em inteligência. O que teria se passado com os habitantes dos subterrâneos eu ainda não conseguia supor, mas, pelo que eu vira dos Morlocks — este, a propósito, era o nome pelo qual essas criaturas eram designadas —, achava que a modificação da forma humana tinha sido ainda mais profunda do que ocorrera com os Eloi, a bela raça com que eu já entrara em contato.

“Então, comecei a ter pensamentos inquietantes. Por que os Morlocks tinham levado consigo minha Máquina do Tempo? Porque eu já estava certo de que haviam sido eles. Por que também, já que os Eloi eram os patrões, não foram capazes de trazer-me a máquina de volta? E por que motivo tinham tanto medo do escuro? Passei a interrogar Weena a esse respeito, como já falei, porém mais uma vez me vi frustrado. A princípio ela não entendia minhas perguntas, e depois se recusou a respondê-las. Tremia como se a simples menção daquele assunto fosse insuportável. Quando insisti, talvez com certa rudeza, ela desatou a

chorar. Foram aquelas as únicas lágrimas, além das minhas, que vi durante minha permanência na Idade de Ouro. Quando as vi, parei de imediato meu interrogatório sobre os Morlocks e ocupei-me unicamente em remover dos olhos de Weena aqueles sinais de nossa herança humana. Logo ela estava outra vez sorrindo e batendo palmas ao me ver solenemente acender um fósforo.”

— Pode parecer-lhes estranho, mas passaram-se dois dias antes que eu me dispusesse a seguir essa pista recém-descoberta, e segui-la da única maneira adequada. Eu experimentava uma repugnância instintiva diante daqueles corpos lívidos. Tinham aquela mesma cor descorada dos vermes e das coisas que vemos preservadas em álcool nos museus de zoologia. E eram repulsivamente frios ao toque. Talvez meu nojo se devesse em grande parte à simpatia que eu sentia pelos Eloi, cujo asco pelos Morlocks eu passei a compreender.

“Na noite seguinte, não dormi bem. Provavelmente minha saúde estava um pouco abalada. Eu me sentia oprimido pela perplexidade e pela dúvida. Uma ou duas vezes fui tomado de pânico sem razão aparente. Lembro-me de ter me arrastado sem fazer ruído para dentro do grande salão em que os Eloi dormiam — naquela noite Weena estava na companhia deles — e me sentido mais seguro pela sua presença. Ocorreu-me então que dentro de poucos dias a lua seria nova, as noites ficariam mais escuras, e se tornariam mais numerosas as aparições daquelas desagradáveis criaturas do Mundo Inferior, aqueles lêmures albinos, aquela nova praga que substituíra as antigas. E durante aqueles dois dias experimentei a inquietação perpétua de alguém que está se furtando a cumprir um dever inescapável. Eu sabia que só poderia recuperar minha Máquina do Tempo se tivesse a ousadia de enfrentar os mistérios subterrâneos. E ainda assim não conseguia encará-los. Se tivesse alguém para me acompanhar, seria diferente. Mas eu me sentia terrivelmente só, e a simples ideia de descer na escuridão daquele poço me horrorizava. Não sei se entenderão meus sentimentos, mas o fato é que eu não me sentia em segurança um instante sequer.

“Foi essa inquietação, essa insegurança, talvez, que me fez ir cada vez mais longe em minhas explorações ao ar livre. Indo na direção do sudoeste, rumo às elevações que são hoje chamadas de Combe Wood, avistei a distância, na direção da atual Banstead, uma vasta estrutura verde, de aspecto diferente de todas que eu vira até então. Era maior do que qualquer palácio ou ruína que eu conhecesse, e sua fachada tinha um quê de oriental: o acabamento apresentava o brilho e o matiz verde pálido, com reflexos verde-azulados, de um certo tipo de porcelana chinesa. Essa diferença de aspecto sugeria uma diferença de função, e tive o impulso de explorá-lo melhor. Mas o dia já estava bem adiantado, e eu havia chegado ali através de uma rota longa e cansativa; portanto, deixei a exploração para o dia seguinte e voltei para o aconchego e as carícias da pequena Weena. Na manhã seguinte, contudo, percebi com clareza que minha curiosidade para com o Palácio de Porcelana Verde era um truque de autossugestão, para me ajudar a adiar mais uma vez uma experiência que eu

temia. Resolvi descer ao subsolo sem mais perda de tempo, e pela manhã me encaminhei para o poço nas proximidades das ruínas de granito e alumínio.

“A pequena Weena corria ao meu lado. Dançava à minha volta até chegarmos ao poço, mas quando me viu debruçando-me sobre a borda e olhando as profundezas, pareceu estranhamente desconcertada. ‘Adeus, minha pequena Weena’, falei, erguendo-a e beijando-a; e depois de colocá-la de volta no chão tateei abaixo do parapeito à procura dos ganchos metálicos. Um pouco às pressas, confesso, antes que visse minha coragem se esvair! A princípio ela me olhou espantada. Depois, soltando um grito lamentoso, correu para mim e começou a puxar-me com suas mãozinhas. Acho que sua intervenção só fez aumentar minha determinação de ir em frente; empurrei-a para longe, até com certa violência, e no momento seguinte estava descendo pela boca do poço. Ainda vi seu rosto desesperado junto ao parapeito e sorri para tranquilizá-la. Depois precisei dar atenção àqueles degraus metálicos aos quais me agarrava.

“Tive que descer um poço de uns duzentos metros de profundidade. Precisava me segurar às barras presas à parede interna do poço, e como elas haviam sido instaladas tendo em mente uma criatura menor e mais leve do que eu, logo me senti cheio de câibras e de fadiga. E não apenas fadiga! Uma das barras cedeu de repente ao meu peso e quase me precipitou na escuridão lá embaixo. Por um instante fiquei pendurado apenas por uma das mãos, e daí em diante não me arrisquei mais a parar para descansar. Embora meus braços e minhas costas estivessem cheios de dores, continuei aquela descida íngreme tão rápido quanto podia. Olhando para o alto, vi a abertura do poço, o minúsculo disco azul, no qual se avistava uma estrela, enquanto a cabeça da pequena Weena se projetava, redonda e escura. Lá embaixo, o som ritmado de um mecanismo fazia-se ouvir cada vez mais alto e mais opressivo. Tudo, a não ser aquele pequeno disco azul, era de uma escuridão completa, e quando olhei de novo para cima, Weena tinha desaparecido.

“Eu estava vivendo um desconforto mortal. Cheguei a pensar em subir novamente o poço e deixar para trás aquele Mundo Inferior, mas mesmo enquanto considerava essa ideia continuei descendo. Por fim, com imenso alívio, vi surgir, um pouco à minha direita, uma estreita abertura na parede. Girando o corpo, introduzi-me ali dentro e descobri que era a saída de um estreito túnel horizontal, no qual consegui deitar-me e descansar um pouco. Não era sem tempo: meus braços doíam, minhas costas estavam entevadas, e eu estava todo trêmulo devido ao medo persistente de me precipitar naquele abismo. Além disso, a escuridão total cansara meus olhos, e o ar estava cheio das pancadas e do zumbido das máquinas que sugavam o ar para dentro dos túneis.

“Não sei quanto tempo fiquei ali deitado. Fui despertado por uma mão suave que roçava em meu rosto. Com um sobressalto, puxei do bolso meus fósforos, e quando acendi um, vi três criaturas brancas, encurvadas, semelhantes à que eu vira nas ruínas da superfície, recuando às pressas diante da chama. Vivendo, como viviam, no que para mim era uma treva impenetrável, seus olhos eram anormalmente grandes e sensíveis, assim como são as pupilas dos peixes das profundezas abissais, e refletiam a luz do mesmo modo. Não duvido de que

fossem capazes de me ver naquela escuridão compacta, e não pareciam ter medo de mim, a não ser pela luz do fósforo. No momento em que acendi uma chama para enxergá-los, fugiram de imediato, desaparecendo em esgotos e túneis tenebrosos, de onde seus olhos ficaram me seguindo do modo mais estranho.

“Tentei chamá-los, mas aparentemente a língua deles era diferente da língua do povo do Mundo Superior, de modo que fiquei entregue aos meus próprios recursos, e a ideia de fugir antes mesmo de começar minha exploração voltou à minha mente. Mas pensei comigo mesmo: ‘Você agora não tem escolha’ e fui tateando ao longo do túnel, enquanto o ruído das máquinas se tornava cada vez mais alto. Por fim as paredes foram se afastando, e cheguei a um espaço aberto, onde, riscando mais um fósforo, percebi que estava numa vasta caverna abobadada, que se perdia em trevas além do alcance da minha luz, permitindo-me enxergar apenas o que podia ser visto à luz de um mero fósforo.

“Minha recordação daqueles momentos é necessariamente vaga. Vi formas enormes, como de máquinas colossais, elevando-se na penumbra e projetando sombras negras e grotescas, nas quais os vultos espectrais dos Morlocks se protegiam daquela pouca luminosidade. O local, aliás, era abafado e opressivo, e havia no ar um hálito de sangue fresco. A certa distância avistei uma mesa de metal branco, onde estava arrumado algo que me pareceu uma refeição. Os Morlocks, então, eram carnívoros! Lembro-me de ter pensado, mesmo naquele instante, que espécie de grande animal poderia ter sobrevivido para fornecer-lhes a peça de carne vermelha que avistei dali. Tudo era indistinto: o cheiro forte, as enormes formas desconhecidas, as repugnantes figuras que se escondiam nas sombras, esperando apenas pelo retorno das trevas para aproximar-se novamente de mim! Então o fósforo se apagou, depois de queimar-me os dedos, e caiu, uma pequena brasa avermelhada no meio da escuridão.

“Desde então tenho pensado no quanto eu estava mal-equipado para uma experiência como aquela. Quando parti na Máquina do Tempo, foi com a noção absurda de que os homens do futuro estariam sem dúvida muito à nossa frente em todos os aspectos práticos. Eu viera sem armas, sem remédios, sem nada para fumar — houve momentos em que o tabaco me fez uma falta angustiante — e até mesmo sem fósforos em quantidade suficiente. Se pelo menos eu tivesse me lembrado de trazer uma Kodak!⁹ Poderia ter registrado aquele vislumbre do Mundo Inferior em um segundo, para depois examiná-lo com calma. Mas, do jeito que tudo ocorreu, vi-me ali provido apenas das armas e dos poderes com que a Natureza me dotara: mãos, pés e dentes; e quatro palitos de fósforo, que eram tudo que me restava.

“Tive receio de avançar por entre toda aquela maquinaria em plena escuridão, e apenas com o último bruxulear da chama descobri que me restavam poucos palitos de fósforos. Jamais me ocorrera, até aquele momento, que havia necessidade de economizá-los, e eu tinha gasto metade da caixa divertindo os Eloi, para quem o fogo era uma novidade. Agora, como disse, restavam-me apenas quatro, e enquanto fiquei ali parado no escuro, uma mão tocou a minha, dedos macios apalparam meu rosto, e tive a consciência de um cheiro

peculiar e desagradável. Pareceu-me sentir a respiração de uma multidão daquelas pequenas e horrendas criaturas à minha volta. Senti que tentavam tirar da minha mão a caixa de fósforos, enquanto outros repuxavam minhas vestes. A sensação de ter aquelas criaturas invisíveis examinando-me era indescritivelmente desagradável. Percebi de súbito, ali na escuridão, o quanto eu desconhecia sua maneira de pensar e de agir. Gritei contra eles, o mais alto que pude. Eles recuaram aos tropeções, mas logo aproximaram-se de novo. Seguraram-me com mais ousadia, sussurrando uns para os outros com sonoridades esquisitas. Estremeci violentamente e voltei a gritar — mas sem a mesma firmeza. Dessa vez não se assustaram tanto e voltaram a me cercar, emitindo ruídos estranhos que lembravam risadas. Confesso que estava completamente apavorado. Resolvi acender mais um fósforo e fugir protegido por sua luz. Foi o que fiz, e, aumentando a chama com o auxílio de um pedaço de papel que achei no bolso, bati em retirada rumo ao túnel por onde viera. Porém, mal tinha entrado nele, minha chama apagou-se, e na escuridão eu podia ouvir um ruído como o do vento agitando as folhas ou da chuva caindo no chão: eram os Morlocks que vinham no meu encalço.

“Um instante depois fui agarrado por inúmeras mãos e não tive dúvidas de que tentavam me arrastar de volta. Risquei outro fósforo e o agitei diante de seus rostos espantados. Vocês não podem imaginar como eram repulsivos e não humanos, aqueles rostos lívidos e sem queixo, com olhos enormes, sem pálpebras, de cor cinza-avermelhada, que me fitavam com um espanto cego. Mas não me detive a contemplá-los, isso eu garanto: fui recuando, e quando meu segundo fósforo se extinguiu, acendi o terceiro. Ele estava quase no fim quando alcancei a abertura que dava acesso ao poço. Parei para repousar na borda, porque as batidas ritmadas da grande bomba de ar nas profundezas me produziam náuseas. Então estendi o braço até agarrar uma das barras de metal; quando o fiz, senti que meus pés eram agarrados por mãos que me puxavam de volta. Acendi meu derradeiro fósforo... e ele apagou-se no mesmo instante. Mas as barras de metal estavam ao meu alcance e, esperneando com violência, libertei-me das mãos dos Morlocks e logo estava escalando velozmente poço acima, enquanto eles permaneciam embaixo, espiando-me e piscando os olhos: todos menos um pobre diabo que tentou me seguir durante algum tempo, e por pouco não conseguiu arrancar minha botina e levá-la como troféu.

“A escalada me pareceu interminável. Nos últimos dez ou quinze metros uma náusea insuportável me dominou. Mal consegui segurar com firmeza os degraus. Os últimos metros foram uma luta terrível contra o desmaio que se aproximava. Várias vezes senti minha cabeça girar e tive a sensação de estar caindo. Mas, por fim, consegui transpor o parapeito do poço e cambaleei para fora das ruínas, sob um sol ofuscante. Caí de rosto no chão. A própria terra me parecia ter um cheiro limpo e saudável. Lembro-me de Weena beijando minhas mãos e minhas orelhas, e as vozes dos Eloi ao meu redor. Depois, perdi a noção do tempo e a consciência.”

— Minha situação agora parecia muito pior do que antes. Até então, com exceção da noite de angústia após o desaparecimento da Máquina do Tempo, eu vinha mantendo a firme esperança de que conseguiria ir embora dali, mas essa esperança agora fora abalada por minhas novas descobertas. Até então, eu tinha visto como único obstáculo a simplicidade infantil dos Elois, além de algumas forças desconhecidas que me bastaria compreender para poder superar. Agora, no entanto, surgira um elemento totalmente novo que era a natureza repugnante dos Morlocks, algo de inumano e maligno. Meu nojo por eles era instintivo. Antes, eu me sentia como um homem que caiu em um poço: minha única preocupação era o poço, e como sair de dentro dele. Agora eu me sentia como um animal preso numa armadilha, cujo inimigo virá em breve apanhá-lo.

“E o inimigo que eu mais temia vai deixá-los surpresos. Era a escuridão da lua nova. Weena tinha plantado este medo em minha mente ao fazer algumas referências, que a princípio me foram incompreensíveis, às Noites Negras. Agora, não me era difícil perceber o que a chegada dessas Noites Negras podia significar. A lua estava minguando; a cada noite, havia um intervalo maior de escuridão. E agora eu começava a entender, em certa medida, a razão por que os habitantes do Mundo Superior tinham tanto medo das trevas. Imaginei que coisas sinistras seriam praticadas pelos Morlocks nas noites de lua nova. A esta altura, eu já estava seguro de que a segunda teoria que eu formulara estava totalmente equivocada. As pessoas do Mundo Superior podiam ter sido em alguma época uma aristocracia privilegiada, e os Morlocks os servos encarregados das tarefas mecânicas; mas isso já havia mudado muito tempo antes. As duas espécies resultantes da evolução do ser humano estavam rumando para um tipo de relação totalmente novo, ou talvez já o tivessem atingido. Os Elois, como os reis carolíngios, tinham decaído até transformar-se numa casta bela e frívola. Ainda eram os donos do mundo da superfície, por mera tolerância dos Morlocks, que, vivendo nos subterrâneos por gerações imemoriais, achavam a luz do sol insuportável. Os Morlocks (deduzi) fabricavam suas roupas e proviam suas necessidades básicas, talvez como um hábito residual após séculos de serviços. Faziam-no do mesmo modo como um cavalo parado escarva o chão com a pata, ou como um homem gosta de matar animais por mero esporte: porque necessidades antigas e de há muito extintas deixaram uma marca em seu organismo. Mas era bastante claro que a antiga ordem das coisas tinha se revertido, pelo menos em parte. A Nêmesis dos delicados Elois crescia cada vez mais em poder. Muitas eras atrás, milhares de gerações atrás, os homens tinham exilado seus

semelhantes para longe do bem-estar e da luz do sol. E agora, esses semelhantes retornavam, e com que modificações! Os Elois estavam reaprendendo uma antiga lição. Estavam conhecendo de novo o Medo. E de súbito veio à minha memória a carne vermelha que eu havia avistado no Mundo Inferior. Estranho como aquilo me ocorreu de repente, não como algo sugerido pelo rumo das minhas meditações, mas quase como uma pergunta que alguém de fora me fizesse. Tentei lembrar-me do formato daquela peça de carne, que me parecia vagamente familiar, mas naquele momento não fui capaz de ter certeza.

“No entanto, por mais que aquele povo minúsculo fosse indefeso diante do seu misterioso Medo, eu era de constituição diferente. Minha origem era este nosso tempo, o auge do amadurecimento da raça humana, quando o Medo não paralisa e o mistério não traz consigo terrores. Eu podia me defender, pelo menos. Tomei a decisão de fabricar armas para mim e um abrigo para dormir. Tendo esse refúgio como minha base, poderia enfrentar esse mundo estranho com um pouco daquela autoconfiança que eu perdera ao perceber que estivera, noite após noite, exposto àquelas criaturas. Senti que não poderia mais dormir enquanto não tivesse certeza de que minha cama estaria fora do seu alcance. Estremeci de terror quando pensei que eles teriam mais de uma vez me examinado durante o sono.

“Passei a tarde vagando pelo vale do Tâmis, mas não encontrei nenhum lugar que pudesse ser considerado inacessível. Todos os prédios e árvores que eu via me pareciam facilmente ao alcance dos Morlocks, que, a julgar pelos poços de que se serviam, eram ágeis e habilidosos em escaladas. Então vieram à minha memória os elevados pináculos e as paredes polidas do Palácio de Porcelana Verde, e à tarde, carregando Weena como uma criança, montada em meus ombros, descí as colinas no rumo do sudoeste. A distância, pelo que eu lembrava, seria de onze ou doze quilômetros, mas acabou se revelando quase de trinta. Eu tinha avistado o local numa tarde úmida, quando as distâncias parecem enganosamente menores. Além disso, o salto de uma das minhas botinas tinha afrouxado, e havia um prego atravessando o solado — eu calçava um par de botinas velhas e confortáveis de se usar em casa —, de modo que eu mancava um pouco. Assim, já passava da hora do crepúsculo quando por fim avistei o Palácio, uma silhueta escura de encontro ao céu de um amarelo pálido.

“Weena tinha se deliciado enormemente quando comecei a carregá-la, mas depois de algum tempo pediu-me para pousá-la de volta no chão e vinha correndo ao meu lado, desviando-se de vez em quando para colher flores e enfiá-las nos meus bolsos. Estes sempre tinham sido uma fonte de perplexidade para ela, que acabou concluindo serem eles apenas um tipo excêntrico de vaso para decoração floral. Pelo menos era para este fim que ela os utilizava. Ah, a propósito, isso me lembra...”

O Viajante no Tempo fez uma pausa, enfiou a mão no bolso e em silêncio pousou duas flores ressequidas, não muito diferentes de grandes malvas brancas, sobre a mesinha. A seguir, retomou a narrativa.

— Quando os murmúrios do anoitecer se espalharam pelo mundo e escalamos a colina na direção de Wimbledon, Weena se cansou e manifestou o desejo de retornar para o

edifício de pedras cinzentas. Mas eu aponte para os pináculos distantes do Palácio de Porcelana Verde e consegui explicar que ali encontraríamos refúgio contra aquilo que lhe causava medo. Sabem aquela longa pausa que perpassa todas as coisas antes do anoitecer? Até mesmo a brisa deixa de agitar as árvores. Eu sempre sinto uma atmosfera de expectativa nessa calma do crepúsculo. O céu estava claro, remoto e vazio, salvo por algumas faixas horizontais na direção em que o sol se punha. Bem, naquela noite, a expectativa acabou sendo colorida pelos meus terrores. Naquela calma crepuscular meus sentidos pareciam sobrenaturalmente aguçados. Eu tinha a impressão de poder sentir a terra oca sob os meus pés; podia quase avistar os Morlocks em seu imenso formigueiro, correndo de um lado para o outro e esperando as trevas da noite. Na minha excitação, fantasiei que eles teriam interpretado minha invasão dos seus domínios como uma declaração de guerra. E por que teriam roubado minha Máquina do Tempo?

“E assim prosseguimos por entre a quietude, enquanto o crepúsculo se adensava em noite. O azul-claro da distância foi sumindo enquanto as estrelas surgiam de uma em uma. O chão tornou-se escuro, e as árvores, negras. O medo e o cansaço de Weena começaram a pesar sobre ela. Tomei-a nos braços e fiquei conversando, enquanto a acariciava. Então, quando a escuridão se tornou mais espessa, ela pôs os braços em volta do meu pescoço e, cerrando os olhos, apertou o rosto de encontro ao meu ombro. E assim descemos uma encosta suave que conduzia ao vale, onde, no lusco-fusco, quase caí dentro de um riacho. Atravessei-o pela parte mais rasa e subi pelo lado oposto, passando diante de algumas casas-dormitório e de uma estátua — um Fauno, ou uma figura semelhante — *sem* a cabeça. Ali também existiam acácias. Até então, eu não vira nenhum sinal dos Morlocks, mas ainda era cedo da noite, e estavam por vir as horas mais escuras antes de a lua se erguer.

“Do alto da colina seguinte avistei um bosque cerrado que se alongava à minha frente, largo e escuro. Hesitei. Não conseguia enxergar o seu fim, nem à esquerda nem à direita. Cansado — meus pés, principalmente, estavam muito machucados —, pousei Weena cuidadosamente no chão relvado e me sentei junto dela. Já não conseguia avistar o Palácio de Porcelana Verde e receava ter perdido a direção. Olhei para o mato fechado à minha frente e pensei no que poderia estar escondido em seu interior. Sob aquela densa ramaria de galhos seria impossível avistar as estrelas. Mesmo que não houvesse nenhum perigo à espreita ali dentro — um perigo sobre o qual eu não permitia que minha imaginação se estendesse —, haveria raízes em que tropeçar e troncos de árvore servindo de obstáculo. Eu estava muito fatigado por todos os acontecimentos do dia; portanto, decidi que não iria encarar o bosque e passaria a noite na colina, a céu aberto.

“Felizmente Weena já estava profundamente adormecida. Envolvi-a com cuidado no meu casaco e fiquei sentado ao seu lado esperando o nascer da lua. A encosta da colina estava silenciosa e deserta, mas no interior do bosque ouvia-se de vez em quando um movimento de seres vivos. As estrelas cintilavam no alto, pois a noite era muito clara. Seu brilho me dava uma sensação amistosa de conforto. As antigas constelações, contudo, já tinham desaparecido do céu; o seu lento deslocamento, imperceptível aos olhos humanos

mesmo ao longo de cem gerações, já as levava a reagrupar-se em novas combinações. Mas pareceu-me que a Via Láctea era ainda a mesma faixa esgarçada de poeira estelar de antigamente. Ao sul (pelo que calculei) havia uma estrela rubra, muito brilhante, que era nova para mim; era ainda mais esplêndida do que o brilho verde da nossa Sirius. E entre esses pontos cintilantes de luz um planeta reluzia, num brilho tranquilo e constante, como o rosto de um velho amigo.

“A contemplação desses astros teve o poder de minimizar meus problemas e todos os acidentes da vida terrena. Pensei na incalculável distância que nos separava, e no movimento vagaroso e inevitável de seu percurso desde o passado desconhecido até o desconhecido futuro. Pensei no grande ciclo de precessão que os polos terrestres descrevem.¹⁰ Quarenta vezes, apenas, essa revolução tinha ocorrido durante os anos que eu atravessara em minha jornada. E durante essas poucas revoluções todas as atividades, todas as tradições, as organizações complexas, as nações, línguas, literaturas, aspirações, a mera memória do Homem como eu o conhecera, tudo isso tinha sido varrido da existência. Em seu lugar estavam aquelas criaturinhas frágeis, sem recordações de seus nobres ancestrais; e as Coisas esbranquiçadas que me causavam terror. Pensei então no Grande Medo que vigorava entre aquelas duas espécies e, pela primeira vez, com um súbito calafrio, tive a visão clara do que seria aquela peça de carne que eu tinha avistado. Não, era horrível demais! Olhei a pequenina Weena adormecida ao meu lado, com seu rosto branco e pálido à luz das estrelas, e afastei aquela ideia.

“Durante toda a longa noite mantive minha mente afastada dos Morlocks tanto quanto pude e fiz passar o tempo tentando descobrir sinais das antigas constelações naquele céu confuso, que se manteve bastante claro, com exceção de alguma nuvem ocasional. Sem dúvida cochilei de vez em quando. À medida que minha vigília se prolongou, foi surgindo uma luminosidade débil ao leste, como o reflexo de um fogo sem cor, e então a velha lua se ergueu, esguia, pontuda e branca. E logo em seguida, envolvendo-a por completo, veio a aurora, pálida a princípio e depois tornando-se rosada e quente. Nenhum Morlock se aproximou de nós. Na verdade, não avistei nem um sequer durante a noite inteira. E, com a confiança renovada pelo nascer de um novo dia, cheguei até a pensar que meu medo tinha sido sem motivo. Quando fiquei de pé, descobri que meu pé em que o salto estava frouxo tinha inchado bastante à altura do tornozelo, e tinha o calcanhar ferido; então sentei-me de novo, arranquei as botinas e arremessei-as para longe.

“Acordei Weena e descemos na direção do bosque, que agora se apresentava verde e agradável, em vez de negro e ameaçador. Achamos algumas frutas que nos serviram para quebrar o jejum. Logo encontramos alguns Elois, rindo e dançando à luz do sol, como se em toda a Natureza não existisse uma coisa chamada noite. Então pensei mais uma vez na carne vermelha que vira no subsolo. Agora tinha certeza do que se tratava, e do fundo do meu coração compadeci-me desse último pequeno córrego que era tudo que restava do grande dilúvio da humanidade. Era óbvio que a certa altura do passado distante, durante a decadência da espécie humana, a comida dos Morlocks tinha escasseado. Talvez eles se

alimentassem de ratos e outros animais inferiores. Mesmo hoje o homem é menos exigente e seletivo com sua alimentação do que já foi um dia; menos ainda do que um macaco. Seu preconceito contra a carne humana não é um instinto profundamente arraigado. E quanto àqueles descendentes do homem, tão inumanos... Tentei encarar as coisas com espírito científico. Afinal de contas, eles eram menos humanos e mais remotos do que nossos ancestrais antropófagos de três ou quatro mil anos atrás. E a inteligência que poderia ter visto nesse estado de coisas um tormento tinha desaparecido. Por que motivo eu deveria me atormentar? Os Elois não passavam de um gado de engorda, que os Morlocks, como se fossem formigas, preservavam e devoravam, além de provavelmente administrar sua reprodução. E ali ao meu lado estava Weena, dançando!

“Tentei poupar-me da sensação de horror que tomava conta de mim, encarando tudo aquilo como um castigo ao egoísmo humano. O homem se dispusera a viver uma vida de tranquilidade e deleite explorando o trabalho duro de seus semelhantes. O homem usou o conceito de Necessidade como seu lema e sua desculpa, e agora a Necessidade se voltara contra ele. Tentei mesmo adotar uma atitude de escárnio como a de Carlyle, diante dessa aristocracia em declínio. Mas uma tal atitude mental me era impossível. Por maior que fosse sua degeneração intelectual, os Elois tinham conservado uma forma humana que não podia deixar de atrair minha simpatia, e de me fazer compartilhar sua degradação e seu Medo.

“Àquela altura, eu tinha apenas uma vaga ideia a respeito do que iria fazer em seguida. Meu primeiro objetivo era encontrar algum lugar seguro que pudesse transformar em meu refúgio e usar qualquer metal ou pedra que encontrasse para fabricar algum tipo de arma. Essa era minha tarefa mais imediata. Depois, eu pensava em descobrir alguma maneira de produzir fogo, para que pudesse ter à mão uma tocha como arma, porque nenhuma outra coisa, eu sabia, seria mais eficaz contra os Morlocks. Em seguida, eu precisava descobrir uma maneira de arrombar as portas de bronze no pedestal da Esfinge Branca. Pensei em algum tipo de aríete. Minha ideia era de que, se eu conseguisse transpor aquelas portas conduzindo algum tipo de archote aceso, poderia encontrar a Máquina do Tempo e escapar. Não achei que os Morlocks fossem fortes o bastante para poder arrastá-la para muito longe. Eu já tomara a resolução de trazer Weena comigo para a nossa época. E foi com todos esses planos turbilhonando em minha mente que percorri o caminho para aquele prédio que decidira transformar na minha moradia.”

— Encontrei o Palácio de Porcelana Verde, onde chegamos por volta do meio-dia, abandonado e parcialmente em ruínas. Nas suas janelas restavam apenas cacos irregulares de vidro, e enormes placas do seu revestimento verde tinham se desprendido dos suportes de metal corroídos. Ele se elevava num solo turfoso e, olhando na direção nordeste ao me aproximar, fiquei surpreso ao ver um grande estuário, ou mesmo uma enseada, onde eu supunha que deviam estar situados Wandsworth e Battersea. Pensei então — embora não chegasse a explorar melhor essa ideia — no que teria acontecido, ou estaria acontecendo, aos seres que habitam o oceano.

“Examinando melhor o material das paredes, percebi que era de fato porcelana, e na fachada avistei uma inscrição em caracteres desconhecidos. Imaginei, ingenuamente, que talvez Weena pudesse me ajudar a interpretá-los, mas pude apenas constatar que a mera ideia do ato de escrever jamais lhe passara pela cabeça. Ela sempre me pareceu, acho, mais humana do que de fato era, talvez porque seus sentimentos fossem tão humanos.

“Cruzei a entrada principal — cujas portas estavam abertas e despedaçadas — e ali encontramos, em vez do salão que seria de se esperar, uma longa galeria iluminada por numerosas janelas laterais. À primeira vista aquilo me lembrava um museu. O piso ladrilhado estava coberto por uma espessa camada de poeira, e via-se em volta uma grande variedade de objetos sepultados sob o mesmo lençol de pó acinzentado. Então avistei, de pé, descarnado, no centro daquele espaço, o que era claramente a parte inferior de um gigantesco esqueleto. Reconheci, pelas patas oblíquas, que era alguma criatura extinta, semelhante a um megatério. O crânio e os ossos da parte superior estavam caídos ao lado, sobre a poeira, e num ponto em que a água da chuva caía por uma fenda no teto o esqueleto estava corroído. Mais adiante, na galeria, via-se o esqueleto bojudo de um brontossauro. Minha ideia de que aquilo fosse um museu estava se confirmando. Caminhando para um dos lados, encontrei o que pareciam ser prateleiras inclinadas e, limpando a poeira, me deparei com vitrines transparentes, análogas às dos museus de hoje. Deviam ser hermeticamente fechadas, a julgar pelo bom estado de conservação de algumas de suas peças.

“Era evidente que estávamos nas ruínas de um descendente remoto do Museu de South Kensington! Aquela devia ser a Seção Paleontológica, e devia ter existido ali uma esplêndida coleção de fósseis, embora o inevitável processo de decomposição (que tinha sido detido por algum tempo, uma vez que, pela extinção das bactérias e dos fungos, perdera noventa e nove por cento de sua força) estivesse ainda agindo lentamente sobre aqueles

tesouros. Aqui e ali encontrei sinais dos Elois, sob a forma de raros fósseis despedaçados ou amarrados por barbantes. Algumas das vitrines tinham sido levadas dali, pelos Morlocks, pelo que imaginei. O lugar era muito silencioso. A poeira abafava nossos passos. Weena, que tinha ficado brincando de rolar um ouriço-do-mar pela rampa de vidro de uma das vitrines, veio finalmente postar-se ao meu lado, enquanto eu examinava o ambiente; tomou minha mão e não se afastou mais.

“E de início eu estava tão surpreso de encontrar esse antigo monumento de uma era intelectual que não liguei muito para as possibilidades que ele me sugeria. Até mesmo a preocupação com a Máquina do Tempo passou para segundo plano em minha mente.

“A julgar pelo tamanho, o Palácio de Porcelana Verde tinha dentro de si muito mais do que uma Galeria Paleontológica; talvez contivesse galerias históricas, quem sabe mesmo uma biblioteca! Para mim, pelos menos naquelas circunstâncias, isso seria muito mais interessante do que aquele espetáculo de antiga geologia em decadência. Continuando minha exploração, fui dar numa galeria menor que cruzava transversalmente a primeira. Esta parecia ser dedicada aos minerais, e a visão de um bloco de enxofre fez minha mente considerar a possibilidade de fabricar alguma pólvora. Mas não avistei nenhuma quantidade de salitre e, na verdade, nenhum nitrato de qualquer espécie. Sem dúvida tinham se decomposto havia muitas eras. Ainda assim, o enxofre não saía da minha mente e me sugeriu uma série de ideias. Quanto aos demais conteúdos daquela galeria, embora no cômputo geral fossem os mais bem-preservedos entre os que encontrei, não me despertaram maior interesse. Não sou especialista em mineralogia e assim dirigi-me ao longo de uma ala bem arruinada, paralela à primeira que encontrara. Aparentemente, aquela seção tinha sido dedicada à História Natural, mas tudo ali tinha ficado irreconhecível. Uns poucos resíduos ressequidos e negros do que um dia haviam sido animais empalhados, múmias desidratadas dentro de vasos que um dia contiveram álcool, montes de poeira escura que um dia foram plantas: isso era tudo. Lamentei esse fato, porque gostaria de poder reconstituir as lentas adaptações através das quais o homem conseguira conquistar a natureza viva. Depois, chegamos a outra galeria, de proporções colossais, mas estranhamente mal iluminada, e cujo piso estava levemente inclinado para baixo em relação ao lado pelo qual entramos. A intervalos regulares viam-se globos brancos pendurados no teto — muitos deles rachados e espatifados —, o que sugeria que originalmente aquele lugar fora iluminado artificialmente. Ali eu estava mais em meu elemento, porque de um lado e do outro erguiam-se máquinas enormes, muito enferrujadas e algumas delas feitas em pedaços, mas ainda havia algumas bem-conservadas. Vocês sabem que tenho um fraco pelos mecanismos, e senti-me tentado a demorar-me ali. Tanto mais que em sua maior parte elas me propunham um enigma, e eu podia apenas fazer as mais vagas conjeturas quanto a sua utilidade e função. Pensei também que, se fosse capaz de entender para que serviam, isso me daria recursos que poderiam ser empregados contra os Morlocks.

“De repente Weena chegou mais perto, ficando colada ao meu corpo, de modo tão repentino que me sobressaltou. Se não fosse por ela, talvez eu não tivesse percebido que o

piso daquele salão era inclinado.^[1] O lado pelo qual eu entrara situava-se acima do solo, e era iluminado por janelas altas e estreitas. À medida que avançávamos no salão, o chão ia descendo em relação a essas janelas, até que diante de cada uma delas havia um poço como a ‘área’ de uma casa londrina, e apenas uma faixa estreita de luz do dia no alto. Fui caminhando, ainda pensando nas máquinas, e estava concentrado demais nelas para perceber a gradual diminuição da luz, até que o receio demonstrado por Weena me chamou a atenção. Só então percebi que a galeria, no final, estava mergulhada em treva total. Hesitei e, olhando ao meu redor, vi que ali a poeira era menos abundante, e a superfície do chão menos regular. Adiante, na direção da parte mais escura, ela parecia estar marcada por numerosas marcas de pés pequenos. Tive de imediato a sensação da presença dos Morlocks. Achei que estava perdendo meu tempo em examinar com olhos acadêmicos aquela maquinaria. Forcei-me a considerar que a tarde já ia avançada e que eu ainda não dispunha de armas, nem de refúgio, nem de meios para produzir fogo. E então escutei, na parte mais remota e mais escura da galeria, um ruído de passos, os mesmos ruídos estranhos que tinha escutado na minha expedição ao fundo do poço.

“Tomei a mão de Weena e então, levado por uma ideia súbita, larguei-a e fui na direção de uma máquina da qual se projetava uma alavanca não muito diferente das que se usam na sinalização ferroviária. Escalando a plataforma e agarrando essa alavanca com ambas as mãos, empurrei-a para o lado com toda minha força. Nesse instante Weena, que eu tinha deixado sozinha na passagem central, começou a choramingar. Eu tinha avaliado corretamente a resistência da alavanca, porque depois de um minuto de esforço ela se partiu, e voltei a descer empunhando uma maça mais do que ameaçadora, calculei, para o crânio de qualquer Morlock que me aparecesse. E eu tinha uma ânsia de matar um ou dois Morlocks. Vocês irão pensar que não é muito humano alguém querer matar seus próprios descendentes! Mas era impossível, de certa maneira, ver algum traço de humanidade naqueles seres. A única coisa que conteve meu desejo de descer a galeria e massacrar os brutos foi meu receio de abandonar Weena, e a suposição de que, se eu comesse ali um morticínio, a minha Máquina do Tempo poderia sofrer as consequências.

“Bem, com minha clava numa mão e conduzindo Weena com a outra, deixei aquela galeria e adentrei outra, ainda maior, que à primeira vista me lembrou uma capela militar enfeitada com bandeiras em farrapos. Mas logo reconheci, nos trapos escuros e chamuscados que pendiam das prateleiras, os restos de livros em decomposição. Havia muito tempo tinham se desfeito em pedaços, e qualquer vestígio de texto impresso naquelas superfícies já desaparecera. Aqui e ali viam-se ainda encadernações amassadas e fechos metálicos partidos, que por si sós já diziam tudo. Se eu fosse um homem de tendência literária, poderia, talvez, ter filosofado um pouco sobre a futilidade de toda ambição. Mas a coisa que mais me impressionou foi o enorme desperdício de trabalho comprovado por aquela sombria floresta de volumes em decomposição. Confesso que pensei, naquele momento, nas *Transações Filosóficas*¹¹ e nos meus dezessete artigos sobre óptica física.

“Então, subindo uma larga escadaria, chegamos ao que parecia ter sido uma galeria

de experiências químicas. Ali eu esperava ter boas chances de encontrar algo que me fosse útil. Com exceção de uma extremidade em que o teto desabara, a galeria estava bem-preserveda. Comecei a examinar as vitrines ainda inteiras, e por fim, dentro de um daqueles mostruários hermeticamente selados, encontrei uma caixa de fósforos. Experimentei-os, ansioso, e vi que estavam em perfeitas condições. Não estavam sequer úmidos. Virei-me para Weena. ‘Dance!’ disse eu, em sua língua. Porque agora eu dispunha de uma arma contra as horríveis criaturas que nos ameaçavam. E assim, naquele museu dilapidado, sobre um tapete espesso de pó, para o deleite de Weena, eu executei solenemente uma mistura de passos de várias danças, assobiando *The Land of the Leal*¹² com toda alegria de que fui capaz. Em parte era um modesto canção, em parte um sapateado, em parte uma dança de saíote (até onde meu casaco me permitia), e em parte algo original. Porque, como vocês sabem, eu sou um sujeito naturalmente inventivo.

“Ainda creio que o fato de aquela caixa de fósforos ter escapado à ação do tempo por anos imemoriais era algo muito estranho, mas para mim não podia haver nada mais afortunado. E, por estranho que parecia, acabei encontrando ali uma substância ainda mais improvável: um pouco de cânfora. Encontrei-a num vidro fechado, que por sorte tinha sido de fato fechado hermeticamente. Julguei a princípio que era cera de parafina e quebrei o frasco, mas o odor de cânfora era inconfundível. No meio da decadência universal aquela substância volátil tivera a sorte de sobreviver, talvez durante milhares de séculos. Lembrei-me de uma pintura que vi certa vez, feita com a tinta sépia de um belemnite¹³ que devia ter morrido e sido fossilizado milhões de anos antes. Estive a ponto de jogá-la fora quando me lembrei de que ela era bastante inflamável e queimava produzindo uma chama forte e brilhante — daria, na verdade, uma excelente vela — e guardei-a em meu bolso. Não encontrei explosivos, no entanto, nem nada que me servisse para arrombar as portas de bronze. Até ali, minha barra de ferro era o instrumento mais útil que eu tinha encontrado, e em todo caso saí da galeria com um estado de espírito mais otimista.

“Não posso lhes contar a história de tudo que ocorreu naquela longa tarde. Seria preciso um enorme esforço de memória para reconstituir todas as minhas explorações na ordem correta. Lembro-me de uma comprida galeria com estandes de armas enferrujadas, e de como hesitei entre minha barra de ferro e opções como uma espada ou um machado; mas eu não podia carregar duas armas e acabei concluindo que minha barra seria mais útil contra as portas de bronze. Havia um bom número de revólveres, pistolas e fuzis. A maioria já tinha se desmanchado em ferrugem, mas alguns pareciam ser de uma nova liga metálica e estavam em boas condições. Mas todos os cartuchos que talvez houvesse ali já tinham virado poeira. Um recanto da galeria estava queimado e reduzido a pedaços; imaginei que algum tipo de munição tivesse explodido. Eu outro ponto, encontrei uma vasta coleção de ídolos — polinésios, mexicanos, gregos, fenícios, de qualquer lugar da Terra que me viesse à memória. Ali, cedendo a um impulso irresistível, rabisquei meu nome no nariz de um monstro de esteatita da América do Sul, que me chamou a atenção.

“A tarde foi passando, e meu interesse diminuindo. Percorri galeria após galeria,

todas empoeiradas, silenciosas, muitas vezes em ruínas, suas amostras às vezes reduzidas a montes de poeira e de lignito, outras vezes em relativo bom estado. A certa altura encontrei um cenário reproduzindo as instalações de uma mina de estanho, e, por mero acaso, descobri, num compartimento hermeticamente selado, duas bananas de dinamite! Gritei ‘Eureka!’ e arrebentei o vidro, cheio de entusiasmo. Então, veio-me a dúvida. Hesitei e, escolhendo uma pequena galeria lateral, fiz o teste. Nunca experimentei tamanho desapontamento quanto o daquela espera de cinco, dez, quinze minutos por uma explosão que nunca aconteceu. Claro que a dinamite era de imitação, como eu devia ter deduzido por sua presença naquele cenário. Acho que, se não tivesse sido assim, eu teria partido imediatamente de volta e explodido Esfinge, portas de bronze e (como vim a perceber depois) minhas chances de recuperar a Máquina do Tempo.

“Foi depois disso, acho, que eu e Weena chegamos a um pequeno pátio ao ar livre, no interior do palácio. Era um recanto coberto de grama, com algumas árvores frutíferas. Ali descansamos e fizemos um lanche. O pôr do sol se aproximava, e comecei a avaliar nossa situação. A noite começava a cair, e eu ainda não tinha encontrado um esconderijo inacessível. Mas isso me preocupava menos agora. Tinha em meu poder uma coisa que era, talvez, a melhor defesa contra os Morlocks — fósforos! Tinha também o pedaço de cânfora em meu bolso, se fosse necessário produzir uma chama maior. Achei que a melhor coisa a fazer seria passarmos a noite a céu aberto, protegidos por uma fogueira. Pela manhã, eu iria em busca da Máquina do Tempo. Para isso, tudo de que eu dispunha agora era a minha maça de ferro. Mas agora, mais bem-informado sobre aquele mundo, eu me sentia mais confiante em relação às portas de bronze. Até então, evitara forçá-las, em grande parte pelo mistério que existia do outro lado. Elas nunca me pareceram muito resistentes, e agora eu achava que aquela barra de metal não seria totalmente inadequada para o que eu tinha em mente.”

— Abandonamos o palácio quando o sol ainda estava parcialmente sobre a linha do horizonte. Eu estava decidido a chegar à Esfinge Branca na manhã seguinte, e antes de a noite cair tomei a resolução de atravessar o bosque que havia me detido na viagem de vinda. Meu plano era avançar naquela noite o mais longe que pudesse e, então, acendendo uma fogueira, dormir sob a sua proteção. Com isso em mente, enquanto caminhávamos, fui recolhendo todos os gravetos secos que pude encontrar, e em breve tinha os braços cheios deles. Carregado assim, acabamos avançando mais lentamente do que eu pretendia, e além do mais Weena estava cansada. Por fim, comecei a me sentir muito sonolento, de modo que já era noite alta quando chegamos ao bosque. Na colina que o bordeava, coberta de arbustos, Weena fez menção de se deter, temendo a escuridão à nossa frente; mas um singular pressentimento de uma calamidade próxima, que deveria ter me servido de alerta, me fez continuar avançando. Eu estava sem dormir havia dois dias e uma noite, estava inquieto e irritadiço. Sentia que o sono ia se abater sobre mim, e com ele os Morlocks.

“Enquanto hesitávamos, avistei, por entre os arbustos sombrios às nossas costas, pouco distintas de encontro à escuridão, três silhuetas agachadas. Por todo lado à nossa volta havia moitas e uma relva bastante alta, e eu não me sentia seguro contra aquela aproximação solerte. Calculei que a floresta tinha menos de um quilômetro de largura. Se pudéssemos atravessá-la e atingir a colina oposta, coberta de mato rasteiro, este seria um lugar mais seguro para descansarmos; achei que com meus fósforos e minha cânfora eu poderia manter o caminho iluminado através do bosque. No entanto, me parecia evidente que, se eu precisasse ficar agitando fósforos acesos, teria que soltar os gravetos que carregava, de modo que, com relutância, acabei largando-os ali no chão. Ocorreu-me então que eu poderia assustar os nossos amigos lá atrás se os incendiasse. Eu iria em breve perceber a enorme tolice dessa ideia, mas naquele momento me pareceu uma maneira engenhosa de cobrir nossa fuga.

“Não sei se já lhes ocorreu que coisa extraordinária pode ser um fogo na ausência do ser humano e num clima temperado. O calor do sol raramente é forte o bastante para incendiar algo, mesmo quando seus raios são focados através de gotas de orvalho, como ocorre às vezes em paisagens tropicais. Raios podem queimar e carbonizar, mas raramente desencadeiam incêndios. O mato em decomposição pode às vezes fumer devido ao calor da fermentação, mas isso raramente resulta na produção de chamas. E naquela época de decadência, a arte de fazer fogo tinha sido totalmente esquecida sobre a Terra. As línguas

vermelhas que começaram a se elevar do meu pequeno monte de gravetos eram, portanto, uma coisa completamente nova e estranha aos olhos de Weena.

“Ela correu para junto do fogo e queria brincar com ele. Acho que teria se atirado sobre as chamas, se eu não a segurasse. Mas agarrei-a e, mesmo com ela esperneando, entrei floresta adentro. Até certa distância, o brilho do fogo lá atrás nos iluminava o caminho. Virei-me a certa altura e vi, através dos ramos entrelaçados, que da minha pequena fogueira de gravetos o fogo tinha se alastrado para algumas moitas próximas, e uma linha curva de chamas começava a subir a encosta da colina. Ri com aquilo e voltei a mergulhar nas árvores sombrias à minha frente. Estava muito escuro ali, e Weena agarrava-se convulsivamente a mim, mas ainda havia, quando meus olhos se acostumaram à treva, luminosidade bastante para que eu conseguisse evitar os trincos e a ramaria. No alto, tudo era de um negror total, exceto quando a nesga de um céu azul e remoto brilhava lá em cima. Não risquei nenhum dos meus fósforos, porque minhas mãos estavam ocupadas. Carregava Weena com meu braço esquerdo, e na mão direita empunhava minha barra de ferro.

“Durante algum tempo não percebi nada senão o estralar dos ramos secos sob os meus pés, o farfalhar suave da brisa lá no alto, minha própria respiração e o zumbido do sangue em meus ouvidos. Então, comecei a ouvir algo como um ruído de passos à minha volta. Aumentei o ritmo, caminhando com firmeza. O ruído foi aumentando, e comecei a ouvir os sons esquisitos e as vozes que tinha escutado no Mundo Inferior. Eram evidentemente vários Morlocks, que estavam fechando o cerco sobre mim. E no instante seguinte senti um puxão no meu casaco. Weena estremeceu violentamente e depois ficou quieta.

“Estava na hora de acender um fósforo, mas para fazer isso eu tinha que colocá-la no chão. Foi o que fiz, e, enquanto remexia nos bolsos, percebi uma luta na escuridão, à altura dos meus joelhos, uma luta em que ela estava totalmente em silêncio, mas eu ouvia aqueles sons peculiares dos Morlocks. Mãos pequenas e macias também deslizavam sobre meu casaco e minhas costas e tocavam meu pescoço. Então o fósforo inflamou-se e crepitou. Peguei às pressas um pedaço de cânfora no bolso e me preparei para inflamá-lo assim que o fósforo começasse a enfraquecer. Baixei os olhos para Weena. Ela estava deitada, agarrada aos meus pés e completamente imóvel, com o rosto no chão. Tomado de receio, abaixei-me para abraçá-la. Ela mal conseguia respirar. Acendi o bloco de cânfora e o joguei no chão; quando ele ardeu, seu clarão fez os Morlocks recuarem para dentro das sombras. Ergui Weena nos braços. Tudo à minha volta parecia ressoar com a agitação e os murmúrios surdos de uma verdadeira multidão!

“Ela parecia desmaiada. Coloquei-a delicadamente sobre o ombro e me levantei para prosseguir e só então percebi algo terrível. Na minha agitação para acender os fósforos e para socorrer Weena, eu tinha dado a volta sobre mim mesmo várias vezes e agora não tinha a mais remota ideia de para onde deveria seguir! Naquele instante eu podia estar virado para trás, na direção do Palácio de Porcelana Verde. Senti-me suando frio. Tinha que decidir rapidamente o que fazer. Resolvi preparar uma fogueira e acampar ali mesmo. Coloquei

Weena, ainda imóvel, em cima de um tufo de relva, e, às pressas, enquanto meu primeiro pedaço de cânfora se consumia, comecei a recolher gravetos e folhas secas. Aqui e ali, na escuridão à minha volta, os olhos dos Morlocks luziam como carbúnculos.

“A cânfora bruxuleou e extinguiu-se. Acendi um fósforo, e ao fazê-lo, dois vultos brancos que estavam se aproximando de Weena bateram em retirada. Um deles estava tão ofuscado pela luz que veio direto sobre mim, e senti seus ossos rangerem de encontro ao meu punho fechado. Ele soltou um ronco de susto, cambaleou e caiu por terra. Acendi outro pedaço de cânfora e continuei a preparar minha fogueira. Por fim percebi como a folhagem por sobre a minha cabeça estava ressequida, porque desde o dia da minha chegada com a Máquina do Tempo, cerca de uma semana antes, não havia chovido. Assim, em vez de ficar vagueando entre as árvores à procura de galhos caídos, comecei a dar saltos e puxar para baixo os galhos ao meu alcance. Logo eu dispunha de uma pequena fogueira, bem fumacenta, feita com madeira verde e galhos secos, e pude economizar minha cânfora. Então me virei para Weena, que jazia deitada, ao lado da minha barra de ferro. Fiz o que pude para despertá-la, mas ela estava como morta. Não pude nem ter certeza de que continuava respirando.

“Agora a fumaça era soprada na minha direção, deixando-me tonto de repente, sem falar no vapor de cânfora que ainda pairava no ar. Minha fogueira duraria uma hora ou mais antes de precisar ser realimentada. Depois de todo aquele esforço, eu me sentia exausto e sentei no chão. O bosque, também, estava tomado por um murmúrio difuso e incompreensível. Pareceu-me que apenas fechei os olhos e os abri novamente, mas quando o fiz, tudo estava escuro, e os Morlocks estavam sobre mim. Desvencilhando-me dos dedos que me agarravam, apalpei o bolso em busca da caixa de fósforos — e ela tinha sumido! Então eles caíram sobre mim de novo, e percebi o que tinha acontecido. Eu tinha adormecido, o fogo se apagara, e uma amargura mortal se abateu sobre minha alma. A floresta estava invadida pelo cheiro de madeira queimando. Fui agarrado pelo pescoço, pelos cabelos, pelos braços, e derrubado. Era um horror indescritível sentir, na escuridão, todas aquelas criaturas flácidas amontoadas sobre mim. Eu me sentia como se estivesse preso em uma monstruosa teia de aranha. Fui subjugado e desabei. Senti dentes minúsculos mordiscando meu pescoço. Rolei para o lado, e minha mão tocou na barra de ferro. Isso me deu forças. Lutei até conseguir ficar de pé, jogando aqueles ratos humanos para longe de mim, e, agarrando firme na barra, bati na direção de onde seriam seus rostos. Pude sentir o impacto suculento afundando carne e osso, e logo eu estava livre.

“Senti-me invadido pela estranha euforia que tantas vezes sucede a um combate violento. Sabia que tanto eu quanto Weena estávamos perdidos, mas decidi fazer os Morlocks pagarem caro pela sua refeição. Encostei-me a uma árvore, agitando a barra de ferro à minha frente. O bosque inteiro ressoava com a agitação e os gritos deles. Um minuto se passou. Suas vozes pareceram atingir um clímax de excitação, e eles se moviam mais depressa, mas nenhum se aproximou até ficar ao meu alcance. Fiquei em guarda, na escuridão total. De súbito veio-me uma esperança. E se os Morlocks estivessem

amedrontados? E logo em seguida surgiu algo estranho. A escuridão pareceu ganhar uma luminosidade vaga. Passei a perceber difusamente as silhuetas dos Morlocks que corriam. Três deles jaziam aos meus pés. E percebi, com uma surpresa incrédula, que os demais estavam correndo, num fluxo incessante, surgindo às minhas costas e desaparecendo na mata à minha frente. E suas costas não pareciam mais brancas, mas avermelhadas. Enquanto eu estava ali, boquiaberto, vi uma fagulha rubra esvoaçando por entre os galhos, numa brecha por onde brilhava o céu. E então entendi o cheiro de madeira queimada, o murmúrio contínuo que agora já se elevava em clamor, a luz avermelhada e a fuga em pânico dos Morlocks.

“Afastando-me da árvore e olhando para trás, vi, através dos pilares escuros das árvores mais próximas, o clarão da floresta em chamas. O fogo que eu acendera estava vindo ao meu encalço. Olhei à procura de Weena, mas ela tinha sumido. O chiado e o estralejar do fogo às minhas costas, além do ruído surdo das árvores que se inflamavam, não me deram tempo para mais reflexões. Ainda segurando minha clava, corri acompanhando a fuga dos Morlocks. Era uma disputa acirrada. Em certo ponto as chamas avançaram tão depressa pelo lado direito que me vi ultrapassado por elas e tive que derivar para a esquerda. Por fim emergi numa pequena clareira e, quando o fiz, um Morlock veio aos trambolhões na minha direção, ultrapassou-me e correu direto para dentro do fogo!

“E então eu tive a visão mais estranha e horrível de quantas com que me deparei naquela época futura. Todo aquele espaço estava claro como o dia pelo clarão do incêndio. No centro havia uma elevação, ou *tumulus*, tendo alguns espinheiros chamuscados na parte superior. Para além, avançava outro trecho da floresta incendiada, com línguas amarelas de fogo já se elevando em seu interior e cercando por completo aquele espaço como se fosse uma parede de fogo. Na encosta viam-se os vultos de trinta ou quarenta Morlocks, ofuscados pela luz e pelo calor do fogo, cambaleando e esbarrando uns nos outros, completamente desorientados. A princípio não percebi que estavam cegos e ataquei-os violentamente com minha clava, no frenesi de terror, quando se aproximavam, matando um deles e inutilizando vários outros. Mas quando notei os gestos de um que tateava por entre o espinheiro e ouvi seus gemidos, percebi o quanto estavam indefesos e miseráveis naquela fornalha, e não os ataquei mais.

“Ainda assim, de vez em quando um deles vinha na minha direção, eu não conseguia evitar um estremecimento de horror e procurava esquivar-me depressa. A certa altura as chamas pareceram arrefecer o seu ímpeto, e temi que aqueles monstros acabassem sendo capazes de me avistar. Pensei em tomar a iniciativa e começar a abatê-los antes mesmo que isso acontecesse, mas em seguida o fogo recrudesceu, e me contive. Caminhei em torno da colina, evitando-os, procurando algum sinal de Weena, mas ela desaparecera.

“Por fim sentei-me no topo da colina e fiquei observando aquela estranha, inacreditável multidão de criaturas cegas aos trancos e barrancos, fazendo ruídos estranhos uns para os outros, banhados pelo clarão do fogo. Turbilhões de fumaça desdobravam-se de encontro ao céu, e por entre as raras brechas daquela cúpula fervilhante e rubra, brilhavam

as estrelas, remotas como se pertencessem a outro universo. Dois ou três Morlocks, tropeçando, vieram diretamente sobre mim, e eu, trêmulo, os enxotei para longe aos socos.

“Durante a maior parte daquela noite eu me convenci de que estava vivendo um pesadelo. Mordi meu braço e gritei, num esforço demente para despertar. Esmurrei o chão, levantei-me, sentei de novo, andei de um lado para o outro, voltei a sentar. E então esfregava os olhos e implorava a Deus para que me despertasse. Por três vezes vi Morlocks abaixando a cabeça numa espécie de agonia e correndo direto para dentro do fogaréu. Mas finalmente, por cima do clarão vermelho do fogo que começava a amainar, por cima das massas revolteantes de fumaça negra, dos tocos de árvores esbranquiçados de cinza, e da quantidade cada vez menor daquelas criaturas horrendas, foi surgindo a luz clara do dia.

“Voltei a procurar qualquer indício do que teria acontecido a Weena, mas nada encontrei. Tive certeza de que eles tinham abandonado seu pobre corpo na floresta. Não posso descrever o alívio que senti ao pensar que ela tinha escapado ao destino horrível que parecia aguardá-la. Quando pensei nisso, estive a ponto de promover um massacre entre as criaturas abomináveis que vagueavam em torno, mas me contive. Aquela colina, como já disse, era como uma espécie de ilha no meio da floresta. Do seu topo eu conseguia avistar por entre o véu de fumaça o Palácio de Porcelana Verde, e tomando-o como ponto de referência, pude dirigir-me para a Esfinge Branca. Assim deixei para trás os remanescentes daqueles seres condenados, vagando sem rumo e gemendo, e à medida que o dia clareava, amarrei punhados de grama aos meus pés e avancei mancando por entre as cinzas fumegantes e tocos enegrecidos, nos quais o fogo ainda bruxuleava, na direção do local onde estava escondida a minha Máquina do Tempo. Eu caminhava devagar, porque estava quase exausto, além de machucado, e sentia-me cada vez mais deprimido pela morte horrível da pobre Weena. Para mim era uma catástrofe esmagadora. Agora, quando estou de volta a esta minha sala que me é tão familiar, parece-me mais a tristeza que nos fica de um sonho do que uma perda real. Mas, naquele amanhecer, deixou-me numa solidão absoluta — numa solidão terrível. Comecei a pensar nesta casa, na minha lareira, em alguns de vocês, e com essas lembranças veio-me uma ansiedade que era quase dolorosa.

“Mas, enquanto caminhava sobre as cinzas fumegantes, sob a luz radiante daquela manhã, fiz uma descoberta. No bolso da minha calça havia ainda alguns palitos soltos de fósforos. A caixa devia ter-se aberto antes que eu a perdesse.”

— Seriam umas oito ou nove horas da manhã quando cheguei à mesma cadeira de metal amarelo da qual eu observara o mundo ao meu redor, na primeira tarde depois da minha chegada. Pensei nas conclusões apressadas a que chegara naquele entardecer e não pude evitar uma gargalhada cheia de amargura diante do meu excesso de confiança. Agora, ali estava a mesma bela paisagem, a mesma vegetação abundante, os mesmos esplêndidos palácios e magníficas ruínas, o mesmo rio prateado correndo entre as margens férteis. As roupas de cores alegres dos Elois podiam ser vistas quando eles se moviam por entre as árvores. Alguns se banhavam no rio, no mesmo local em que eu tinha salvo Weena, e isso me trouxe uma pontada súbita de dor. E, como manchas sobre aquele panorama, erguiam-se as cúpulas que protegiam as entradas para o Mundo Inferior. Eu entendia agora o que toda aquela beleza do mundo da superfície encobria. Os dias de suas vidas eram muito agradáveis, tão agradáveis quanto os dias do gado sobre as pastagens. Assim como o gado, eles não tinham inimigos e não precisavam trabalhar pela subsistência. E o fim de ambos era o mesmo.

“Fiquei abatido ao pensar em como o sonho do intelecto humano havia sido breve. Tinha cometido suicídio. Tinha se aplicado com toda energia à busca do conforto e do lazer, à busca de uma sociedade equilibrada cujas palavras de ordem eram segurança e estabilidade, e atingira o objetivo — desse modo. Em algum momento, a vida e a propriedade deviam ter alcançado um estado de absoluta segurança. Os ricos tinham certeza de sua riqueza e seu conforto, os operários tinham a mesma certeza quanto a sua vida e seu trabalho. Sem dúvida, naquela sociedade perfeita não havia problemas como o desemprego, e nenhuma questão social deixava de ser resolvida. E uma grande paz se seguira.

“É uma lei da natureza, de que tantas vezes descuidamos: que a versatilidade intelectual é a nossa compensação por enfrentar as mudanças, os perigos, os problemas. Um animal em perfeita harmonia com seu ambiente é um mecanismo perfeito. A natureza nunca apela para a inteligência senão quando o hábito e o instinto são incapazes de resolver um problema. Não existe inteligência onde não existe mudança ou a necessidade de mudança. Os únicos animais que demonstram inteligência são aqueles que tiveram de enfrentar uma grande variedade de necessidades e de perigos.

“Assim, conforme vejo as coisas, os homens do Mundo Superior tinham derivado na direção daquela beleza frágil, e os do Mundo Subterrâneo, para a mera habilidade mecânica. Mas esse estado de coisas ideal tinha se ressentido da falta de uma coisa necessária à

perfeição mecânica — a estabilidade permanente. Aparentemente, com o passar do tempo, a alimentação do povo do subsolo, fosse qual fosse o processo pelo qual era provida, tinha se desorganizado. A Mãe Necessidade, que tinha sido aposentada por alguns milhares de anos, voltou a atuar e começou pelo subsolo. Seus habitantes haviam permanecido em contato com as máquinas, as quais, por mais perfeitas que fossem, ainda assim exigiam hábitos mentais que iam além da mera rotina, e com isso eles tinham conservado maior senso de iniciativa, mesmo que em detrimento de outros traços humanos, do que os habitantes da superfície. E quando outros tipos de alimentação lhes faltaram, retornaram a antigos hábitos que lhes tinham sido proibidos. Foi essa a minha última visão sobre o mundo do ano Oitocentos e Dois Mil, Setecentos e Um. Pode ser uma explicação tão equivocada quanto a habilidade humana seja capaz de produzir. Mas foi assim que a ideia tomou forma em minha mente, e é assim que a apresento a vocês.

“Depois do cansaço, da excitação e dos terrores daqueles últimos dias, e a despeito da minha tristeza, aquele assento, a vista pacífica e a cálida luz do sol eram muito agradáveis. Eu estava exausto e sonolento, e logo minhas elucubrações se transformaram num cochilo. Percebendo o que acontecia, resolvi obedecer ao pedido do corpo e, estirando-me na relva, mergulhei num sono longo e repousante.

“Acordei um pouco antes do pôr do sol. Sentia-me seguro de que não seria surpreendido pelos Morlocks em pleno sono e, espreguiçando-me, desci a colina rumo à Esfinge Branca. Numa mão segurava a barra de ferro, e os dedos da outra brincavam com os fósforos guardados em meu bolso.

“E então ocorreu algo totalmente inesperado. Ao me aproximar do pedestal da Esfinge, vi que as placas de bronze estavam abertas! Tinham deslizado para dentro de sulcos no chão.

“Parei diante delas, hesitando antes de entrar.

“Lá dentro via-se um pequeno aposento, e numa parte elevada a um canto estava a Máquina do Tempo. Eu trazia no bolso as alavancas. Depois de meus elaborados preparativos para tomar de assalto a Esfinge Branca, eu me via diante de uma rendição abjeta. Joguei a barra de ferro para longe, sentindo-me quase triste por não ter que usá-la.

“Um pensamento súbito me ocorreu quando me abaixei para cruzar o portal. Pelo menos desta vez eu era capaz de compreender como raciocinavam os Morlocks. Contendo a vontade de rir, cruzei a abertura de bronze e subi até onde estava a Máquina do Tempo. Fiquei surpreso ao ver como tinha sido limpa e lubrificada com óleo. Suspeito desde então que os Morlocks a tinham desmontado e remontado parcialmente, tentando entender, com suas mentes confusas, sua finalidade.

“Agora, quando parei ao lado dela e a examinei, sentindo prazer no mero fato de tocá-la, o que eu esperava aconteceu. Os painéis de bronze deslizaram para cima até chocar-se com um clangor na parte superior do portal. Eu estava no escuro — aprisionado. Ou pelo menos é o que imaginavam os Morlocks. Dei uma risada divertida.

“Eu já podia ouvir seus risos murmurantes quando começaram a se aproximar de

mim. Calmamente tentei acender um fósforo. Precisava apenas afixar as alavancas e partir dali, sumindo como um fantasma. Mas eu tinha esquecido um pequeno detalhe. Eles eram daquele tipo abominável de fósforos que só podem ser acesos se riscados de encontro à caixa!

“Podem imaginar como toda minha calma se evaporou. Os brutos estavam praticamente sobre mim. Um deles me tocou. Desferi um golpe largo à minha volta usando as alavancas, e comecei a me instalar no assento da máquina. Então outra mão caiu sobre mim, e depois mais outra. Logo eu estava lutando apenas para evitar que seus dedos incansáveis se apoderassem das minhas alavancas, enquanto ao mesmo tempo procurava no escuro as ranhuras em que elas se encaixavam. Uma delas quase me foi arrebatada. Quando senti que me fugia por entre os dedos, tive que dar uma cabeçada no escuro — pude ouvir o crânio do Morlock ressoar —, e consegui recuperá-la. Acho que essa derradeira escaramuça foi um perigo ainda maior do que a batalha da floresta.

“Mas finalmente a alavanca foi encaixada e consegui empurrá-la para a frente. As mãos que me agarravam deslizaram do meu corpo e sumiram. A escuridão desapareceu ao meu redor. Vi-me mergulhado naquela mesma luz acinzentada e no mesmo tumulto que já lhes descrevi.”

— Já lhes falei da sensação de desorientação e de náusea produzida pela viagem no Tempo. E dessa vez eu não estava corretamente sentado, mas caído meio de lado, numa posição instável. Durante um tempo que não pude calcular agarrei-me à máquina que balançava e trepidava, sem ter noção de para onde estava indo, e quando tive condições de olhar os mostradores, fiquei espantado ao ver onde chegara. Há um mostrador para registrar os dias, outro para os milhares de dias, outro para milhões, e outro para milhares de milhões. No momento da fuga, em vez de puxar as alavancas para trás eu as empurrara para a frente e, quando olhei os mostradores, vi que o ponteiro dos milhares girava à velocidade do ponteiro dos segundos de um relógio — rumo ao futuro.

“Enquanto eu avançava, uma mudança peculiar se processava no ambiente à minha volta. A luminosidade cinza foi se tornando mais escura; então, embora eu continuasse a viajar com uma velocidade prodigiosa, voltei a perceber a sucessão piscante do dia e da noite, o que indicava em geral uma diminuição da velocidade, e isso foi se acentuando cada vez mais. A alternância do dia e da noite ficou cada vez mais vagarosa, bem como o trajeto do sol através do céu, até que pareciam durar séculos. Por fim um crepúsculo contínuo pareceu imperar sobre a terra, um crepúsculo cuja luminosidade se modificava apenas quando um cometa cortava a sombria abóbada celeste. A faixa luminosa que indicava o sol já desaparecera havia muito, porque o sol tinha deixado de ir do nascente ao poente, ele se limitava a erguer-se e se pôr no oeste, e estava ficando cada vez maior e mais avermelhado. Não havia mais sinal da lua. O carrossel das estrelas, que tinha se tornado cada vez mais lento, deu lugar a pontos de luz que pareciam se arrastar. Por fim, pouco antes do momento em que detive a máquina, o sol, vermelho e enorme, estacionou imóvel sobre o horizonte, como uma vasta redoma exalando um calor abafadiço, e de vez em quando sofrendo breves apagões. A certa altura seu brilho pareceu reacender-se, mas logo se abateu e retornou ao mesmo clarão melancólico e rubro. Percebi, pela diminuição gradual do ciclo do amanhecer e entardecer, que o movimento de empuxo entre a Terra e a lua tinha se extinguido. A Terra jazia agora com uma face perpetuamente voltada para o sol, assim como em nosso tempo está a lua em relação ao nosso planeta. Com muito cuidado, tendo na lembrança a capotagem ocorrida durante a primeira parada, comecei a reduzir meu avanço. Os ponteiros foram girando cada vez mais devagar, até que o dos milhares de anos pareceu imóvel e o dos dias não era mais um círculo enevoadado por sobre os números. Reduzi ainda mais, até que avistei os contornos indistintos de uma praia deserta.

“Parei com todo cuidado e fiquei sentado na Máquina do Tempo, olhando à minha volta. O céu já não era azul. Na direção nordeste era de um negror retinto, e nessa escuridão cintilavam pálidas estrelas brancas. Por cima de mim, era de um vermelho profundo e sem astros, e no rumo sudoeste ia se tornando de um escarlate vívido, no qual, cortado pela linha do horizonte, erguia-se a enorme cúpula do sol, rubro e imóvel. As rochas à minha volta eram de uma cor avermelhada, e os únicos traços de vida que eu podia perceber à primeira vista eram a vegetação de um verde vivo que cobria todas as elevações do lado sudeste. Era o mesmo verde brilhante que vemos nos musgos da floresta ou nos líquens das cavernas: o das plantas que vicejam onde existe um crepúsculo eterno.

“A máquina estava pousada numa encosta suave que descia até a praia. O mar se estendia para sudoeste até a linha nítida do horizonte, de encontro a um céu esmaecido. Não havia ondas nem arrebentação, pois não se sentia o menor sopro de vento. Percebia-se apenas um ondular viscoso quando ele se elevava e se abaixava, como uma respiração tranquila, mostrando que o velho oceano continuava vivo e em movimento. E ao longo da orla, onde a água às vezes produzia uma pequena arrebentação, via-se uma espessa camada de sal, a que o sol dava um tom cor-de-rosa. Minha cabeça sentia um peso opressivo, e percebi que eu estava respirando muito depressa. Isso me trouxe à mente uma experiência de alpinismo que fiz certa vez, e avaliei que o ar desse tempo era muito mais rarefeito que o de agora.

“Ao longe, além da encosta desolada onde eu jazia, ouvi um grito áspero e vi uma criatura que lembrava uma grande borboleta branca esvoaçando em diagonal e, fazendo uma curva muito larga, desapareceu por trás de uns morrotes distantes. O som de sua voz era tão lúgubre que estremeci, e me ajeitei com mais firmeza em meu assento. Voltando a olhar em torno, vi que, não muito longe de onde eu estava, o que a princípio eu tomara por um aglomerado de rochas avermelhadas estava se movendo devagar na minha direção. Percebi então que se tratava de uma enorme criatura semelhante a um caranguejo. Tentem imaginar um caranguejo tão grande quanto aquela mesa ali do canto, com suas numerosas pernas mexendo-se devagar e sem firmeza, suas enormes pinças balançando, suas longas antenas, parecendo chicotes de cocheiros, oscilando e esquadrinhando o ambiente, e seus olhos como longos pendões brilhando de cada lado daquela carapaça. Sua parte traseira, toda corrugada, exibia mossas irregulares e era manchada em vários pontos por incrustações esverdeadas. Eu podia avistar os numerosos palpos de sua boca, movendo-se e experimentando o ar enquanto ele avançava.

“Enquanto eu observava essa sinistra aparição que se encaminhava para mim, senti uma cócega no rosto, como se uma mosca tivesse pousado ali. Tentei afugentá-la com a mão, mas ela voltou, e logo em seguida outra veio sobre minha orelha. Dei-lhe um tapa e senti na mão algo que parecia um filamento, que logo foi rapidamente puxado de entre os meus dedos. Como um calafrio de terror, virei-me e vi que o que eu tinha agarrado era a antena de outro monstro semelhante que estava bem às minhas costas. Seus olhos malignos oscilavam na ponta dos pedúnculos, sua boca movia-se cheia de apetite, e suas enormes pinças

desajeitadas, manchadas do lodo das algas, desciam sobre mim. Num instante minha mão estava na alavanca, e consegui colocar um mês de distância entre mim e aquelas criaturas. Mas eu continuava na mesma praia e pude avistá-las a distância no momento em que parei. Dúzias delas pareciam vaguear por todos os lados, naquela luz sombria, por entre as camadas de vegetação de um verde intenso.

“Não posso reproduzir para vocês a sensação de desolação abominável que pairava sobre aquele mundo. O céu avermelhado do leste, a escuridão ao norte, aquele Mar Morto rodeado de sal, a praia pedregosa onde rastejavam aqueles monstros vagarosos e repulsivos, o verde uniforme e de aparência venenosa dos líquens, o ar escasso que fazia doer os pulmões; tudo contribuía para produzir um efeito arrasador. Avancei cem anos, e ali estava o mesmo sol vermelho — um pouco maior, um pouco mais fosco —, o mesmo mar sem vida, o mesmo ar frio, a mesma multidão de crustáceos arrastando-se entre o verde do musgo e o vermelho das rochas. E na direção do oeste, no céu, vi uma pálida linha curva como se fosse uma imensa lua nova.

“E assim continuei minha viagem, fazendo uma parada de vez em quando, em avanços de até mil anos ou mais, seduzido pelo mistério do destino final da Terra, e vendo, com uma estranha fascinação, o sol tornar-se maior e menos brilhante a oeste, e a vida na velha Terra extinguir-se aos poucos. Por fim, a mais de trinta milhões de anos no futuro, a vasta cúpula rubra do sol já chegava a cobrir um décimo da abóbada celeste. Parei mais uma vez, pois a multidão de seres rastejantes já desaparecera, e a praia avermelhada parecia sem vida, a não ser pela cobertura lívida e esverdeada dos líquens. E agora se viam manchas brancas. Um frio violento se apossou de mim. Flocos de neve esvoaçavam devagar até cair. Na direção nordeste, avistava-se o reluzir da neve sob a luz das estrelas do céu negro, bem como a silhueta ondulada de uma serra onde a neve tinha um brilho róseo. Havia crostas de gelo ao longo da margem do oceano e blocos que flutuavam mais além; mas a massa oceânica principal, com um brilho sanguíneo sob o eterno crepúsculo, ainda não tinha se congelado.

“Procurei à minha volta algum indício remanescente de vida animal. Uma apreensão indefinível ainda me mantinha preso ao assento da máquina. Mas nada vi que se movesse, na terra, no céu ou no mar. Somente o musgo verde que cobria as rochas mostrava que a vida não se extingira por completo. Um banco raso de areia surgira no mar, e a água estava cada vez mais distante de onde fora a praia. Imaginei ter visto alguma coisa negra rolando sobre o banco de areia, mas ele estava imóvel quando fixei sobre ele o meu olhar; acabei achando que meus olhos tinham me enganado, e aquilo não passava de uma rocha. As estrelas no céu tinham um brilho cada vez mais intenso e pareciam quase não piscar.

“De repente notei que o círculo do sol no ocidente tinha se modificado: havia nele como que uma concavidade, uma baía. Vi que aquilo parecia aumentar a olhos vistos. Por um minuto, talvez, fiquei observando essa escuridão que se alastrava sobre a luz do dia e então percebi que era a fase inicial de um eclipse do sol. A lua ou o planeta Mercúrio estava cruzando o disco solar. De início, naturalmente, imaginei ser a lua, mas agora estou inclinado a crer que o que vi era o trânsito de um dos planetas interiores, que agora orbitava

muito próximo à Terra.

“A escuridão foi se alastrando, um vento frio começou a soprar em rajadas refrescantes, vindo do leste, e os flocos de neve que revolteavam no ar foram ficando mais numerosos. Da orla do mar chegou até meus ouvidos um marulho leve, quase um sussurro. Afora esses sons sem vida, o mundo estava silencioso. Silencioso? É difícil dar uma ideia da imobilidade daquele ambiente. Todos os sons humanos, os balidos de ovelhas, o canto dos pássaros, o zumbido dos insetos, toda a agitação que percebemos ao fundo durante nossas vidas — tudo se extinguiu. A escuridão foi se tornando mais densa, e os flocos de neve mais abundantes, dançando diante dos meus olhos; e o ar foi ficando mais gelado. Por fim, de um em um, em rápida sucessão, os cumes brancos das colinas distantes foram sendo absorvidos pelas trevas. A brisa se encorpou num vento lamentoso. Vi a sombra central do eclipse deslizando sobre o solo na minha direção. Um instante depois, apenas as estrelas pálidas no alto ficaram visíveis. Tudo o mais era uma obscuridade sem nenhum raio de luz. O céu era de um negror total.

“Apossou-se de mim um horror diante dessa enorme escuridão. Fui dominado pelo frio, que me gelava até a medula, e pela dor que a simples respiração me causava. Estremeci, tomado por uma náusea mortal. Então, como um arco flamejante, voltou a surgir no céu uma borda do sol. Levantei-me da máquina, tentando me recuperar. Sentia-me tonto e incapaz de enfrentar a viagem de volta. Quando fiquei de pé, zozado e vacilante, vi novamente a coisa que se movia sobre o banco de areia — agora tive certeza de que era algo se movendo —, destacando-se contra a água avermelhada do mar. Era um ser arredondado, do tamanho de uma bola de futebol, talvez, ou um pouco maior, com tentáculos espalhando-se à sua volta; parecia negro de encontro à água rubra que oscilava à sua volta e dava pequenos saltos bruscos. Senti nesse momento que estava para desmaiar, mas me mantive consciente pelo medo terrível de tombar indefeso naquele crepúsculo remoto e assustador, e consegui instalar-me de novo no assento.”

— E vim embora. Durante muito tempo devo ter ficado semidesacordado sobre a máquina. Percebi mais uma vez o pisca-pisca da sucessão dos dias e das noites, e logo o sol tornou-se dourado novamente, e o céu voltou a ser azul. Voltei a respirar normalmente. Os contornos flutuantes do terreno iam e vinham. Os ponteiros giravam velozmente para trás nos mostradores. Por fim voltei a avistar silhuetas indistintas de casas, os sinais de uma humanidade decadente. Essas, também, modificaram-se e desapareceram, e outras vieram em seu lugar. Quando o ponteiro dos milhões atingiu o zero, comecei a reduzir a velocidade. Passei a reconhecer nossa arquitetura familiar e banal, o ponteiro dos milhares de anos voltou ao ponto zero, o dia e a noite sucediam-se cada vez mais devagar. Por fim as paredes tão familiares do laboratório surgiram ao meu redor. Com todo cuidado, reduzi ainda mais a marcha do mecanismo.

“Vi então algo que me pareceu estranho. Acho que lhes falei que, no momento da minha partida, antes que a máquina atingisse as velocidades mais altas, eu vira a sra. Watchett atravessando o laboratório, com uma velocidade, segundo me pareceu, semelhante à de um foguete. No meu regresso pelo tempo, cruzei de novo aquele minuto em que ela fizera esse percurso. Mas agora seu movimento pareceu-me ser o contrário do anterior. A porta do jardim se abriu, e ela entrou no aposento, andando de costas, e desapareceu pela porta por onde havia entrado antes. Um pouco antes disso pensei ter visto Hillyer por um instante,¹⁴ mas ele passou como um relâmpago.

Então parei a máquina e vi novamente ao meu redor o meu velho e familiar laboratório, meus instrumentos, minhas máquinas exatamente como as deixara. Ergui-me da máquina bastante abalado e sentei-me à mesa de trabalho. Por vários minutos fiquei ali, com meu corpo percorrido por violentos tremores. Por fim fui me acalmando. Devo ter cochilado um pouco ali, e quem sabe tudo aquilo não passou de um sonho.

“E contudo... nada disso! Quando parti, a máquina estava na extremidade sudeste do laboratório. E na volta ela viera parar na extremidade noroeste, bem ali onde vocês a viram. Essa distância corresponde exatamente à distância entre o pequeno relvado onde parei e o pedestal no interior da Esfinge Branca, para onde os Morlocks carregaram a Máquina.

“Durante algum tempo minha mente ficou parada, embrutecida, até que consegui me erguer e caminhei ao longo do corredor, mancando, porque meu calcanhar ferido ainda me incomodava, e sentindo-me sujo dos pés à cabeça. Vi o *Pall Mall Gazette* na mesa junto à porta. Verifiquei que a data era sem dúvida a de hoje e, olhando o relógio, constatei que

eram quase oito horas. Ouvi as vozes de vocês e o barulho dos pratos. Hesitei, porque me sentia muito machucado e enfraquecido. Então senti o cheiro delicioso da carne e abri a porta para vir ao encontro de vocês. Bem, o resto já sabem. Tomei banho, jantei, e agora estou aqui, contando a minha história.”

— Eu sei — disse ele, após uma pausa — que tudo isso parecerá absolutamente inacreditável para vocês. Para mim, a única coisa incrível é que eu esteja aqui, esta noite, nesta minha velha sala tão aconchegante, olhando para o rosto dos meus amigos e contando as estranhas aventuras por que passei.

Ele olhou para o Médico.

— Não, não espero que acreditem em mim. Recebam isso tudo como uma mentira, ou uma profecia. Digam que foi um sonho que eu tive em meu laboratório. Levem em conta que eu fiquei imaginando o destino futuro da nossa raça até conceber essa ficção. Considerem que minha afirmação de que tudo isso aconteceu não passa de um mero recurso da imaginação para lhe dar maior interesse. E, supondo que tudo isso não passe mesmo de uma história, o que me dizem dela?

Ele pegou seu cachimbo e começou, como era seu hábito, a bater nervosamente com ele nas grades da lareira. Por um instante ficamos todos imóveis. Depois, cadeiras foram movidas, pés se arrastaram no tapete. Afastei meus olhos do rosto do Viajante no Tempo e observei a plateia. Estavam todos na penumbra, e diante dos seus rostos pareciam bailar manchas coloridas de luz. O Médico parecia absorvido na contemplação do rosto do nosso anfitrião. O Editor fitava a extremidade do seu charuto — o sexto que fumava. O Jornalista brincava com seu relógio de algibeira. Os outros, pelo que me recordo, estavam imóveis.

O Editor ficou de pé com um suspiro.

— Que pena que você não é um autor de ficção! — disse ele, pousando a mão no ombro do Viajante no Tempo.

— Então não acredita em mim?...

— Bem...

— Eu sabia que não.

O Viajante no Tempo virou-se para nós.

— Onde estão os fósforos? — perguntou. Riscou um deles e continuou, enquanto soltava algumas baforadas. — Para falar a verdade, eu mesmo mal posso crer no que aconteceu... E mesmo assim...

Seus olhos pousaram com inquietação sobre as flores brancas e ressequidas sobre a mesinha. Então ele girou a mão que empunhava o cachimbo e percebi que observava algumas feridas mal cicatrizadas nos nós dos dedos.

O Médico levantou-se, veio até perto da lâmpada e examinou as flores.

— Têm um gineceu estranho — disse ele. O Psicólogo inclinou-se para diante, estendendo a mão para apanhar outra flor.

— Diabos me levem se já não são quinze para uma! — disse o Jornalista. — Como iremos para casa?

— Há muitos carros de aluguel na estação aqui perto — disse o Psicólogo.

— É curioso — disse o Médico —, mas eu não consigo identificar a ordem natural destas flores. Posso levá-las comigo?

O Viajante no Tempo hesitou e disse bruscamente:

— Claro que não.

— Onde as conseguiu, de fato? — perguntou o Médico.

O Viajante no Tempo apoiou a cabeça na mão e falou como alguém que tenta fixar uma ideia que lhe foge: — Foram colocadas no meu bolso por Weena, quando viajei no Tempo — disse ele, e olhou em volta do aposento. — Diabos, parece que tudo aquilo está sumindo. Esta sala, e a presença de vocês, e esta atmosfera familiar... Tudo é forte demais para minha memória. Será que eu construí mesmo uma Máquina do Tempo, ou mesmo um modelo de uma Máquina do Tempo? Ou terá sido tudo um sonho? Dizem que a vida é um sonho, um sonho bem pobre às vezes... mas não posso suportar um que não faça sentido. É loucura. E de onde terá vindo esse sonho? Preciso dar uma olhada na minha máquina. Se é que existe uma de verdade!

Ele ergueu a lâmpada com decisão e a levou consigo, num halo de luz avermelhada, pela porta que levava ao corredor. Nós o seguimos. E ali, à luz vacilante da lâmpada, estava de fato a Máquina, feia, atarracada, posta em diagonal; uma coisa feita de latão, ébano, marfim, e quartzo translúcido e cintilante. Firme ao toque dos dedos — porque pousei minha mão sobre ela e senti sua solidez —, coberta de manchas marrons nas partes de marfim, suja de relva e de musgo na parte inferior e com uma das barras amassada.

O Viajante no Tempo pousou a lâmpada sobre a mesa de trabalho e correu os dedos sobre a barra amassada.

— Agora tudo está certo — disse. — O que lhes contei aconteceu de fato. Lamento tê-los trazido até este local tão frio. — Ele voltou a erguer a lâmpada e, em completo silêncio, nós o seguimos de volta à sala de fumar.

Ele nos acompanhou até o saguão e ajudou o Editor a vestir o sobretudo. O Médico o encarou de frente e, com alguma hesitação, disse que talvez o excesso de trabalho o tivesse deixado com estafa — o que só lhe provocou uma gargalhada. Lembro-me de sua imagem à porta, acenando para nós e desejando boa-noite.

Entrei num carro com o Editor, que declarou considerar tudo aquilo “uma formidável invenção”. De minha parte, eu me sentia incapaz de chegar a uma conclusão. A história toda era fantástica e inacreditável; o modo de contá-la fora tão verossímil e tão sóbrio! Passei grande parte daquela noite em claro, revolvendo tudo em minha memória. Tomei a decisão de voltar lá no dia seguinte e reencontrar o Viajante no Tempo.

Disseram-me que ele estava no laboratório, e, tendo intimidade suficiente naquela casa, me encaminhei até lá para encontrá-lo. O laboratório, contudo, estava vazio. Olhei a Máquina do Tempo por cerca de um minuto até que, estendendo a mão, toquei a alavanca. Nesse instante aquela coisa pesadona e maciça oscilou como um ramo de árvore agitado pelo vento. Sua instabilidade me surpreendeu enormemente, e tive um rápido vislumbre dos

meus tempos de criança, quando me proibiam de mexer nos objetos dos adultos. Voltei pelo corredor e encontrei o Viajante no Tempo na sala de fumar. Ele estava vindo da parte principal da casa. Tinha uma câmara fotográfica embaixo de um braço e, embaixo do outro, uma mochila. Deu uma risada ao deparar comigo e estendeu o cotovelo para me cumprimentar.

— Estou ocupadíssimo — disse ele — com aquela coisa lá atrás.

— Mas não se trata de um embuste? — perguntei. — Você viajou mesmo através do Tempo?

— Real e verdadeiramente — confirmou ele. Olhou nos meus olhos com toda franqueza. Hesitou por um instante, e depois seus olhos vaguearam pelo aposento.

— Preciso apenas de meia hora — disse. — Sei por que você veio até aqui, e foi muito bom que viesse. Há algumas revistas ali. Se quiser ficar um pouco, até o almoço, vou lhe dar provas irrefutáveis da viagem no Tempo, inclusive trazendo amostras. Agora, dê-me licença por algum tempo.

Concordei, mal podendo assimilar a importância do que ele me dissera; ele fez um aceno e sumiu pelo corredor. Ouvi a porta do laboratório bater, sentei numa cadeira e abri um jornal do dia. O que ele estaria planejando fazer antes do almoço? Nesse momento lembrei-me, de repente, vendo um anúncio, que eu tinha combinado de encontrar com o editor Richardson às duas horas. Olhei meu relógio e vi que mal teria tempo de comparecer ao encontro. Levantei-me e entrei pelo corredor, para avisar o Viajante no Tempo.

Quando peguei na maçaneta, ouvi lá dentro uma exclamação bruscamente interrompida, um estalido e depois um baque surdo. Uma rajada de vento me envolveu quando abri a porta, e do interior do laboratório veio o som de vidro estilhaçando-se ao cair no chão. O Viajante no Tempo não estava lá. Tive a impressão de ver por um momento a imagem fantasmagórica de uma figura sentada no centro de uma massa turbilhonante, escura, com reflexos de bronze — uma figura tão transparente que a mesa de trabalho por trás dela ela plenamente visível, com suas folhas cobertas de diagramas; mas esse fantasma se desvaneceu assim que esfreguei os olhos. A Máquina do Tempo sumira. A não ser por um pouco de poeira em suspensão, a extremidade do laboratório estava vazia. Uma das vidraças da claraboia tinha, aparentemente, se espatifado no chão.

Senti um espanto despropositado. Sabia que algo estranho acabara de ocorrer, e por um momento não pude conceber que coisa estranha seria aquela. Enquanto fiquei ali parado, a porta do jardim se abriu e surgiu ali um criado.

Olhamos um para o outro. Então, minhas ideias voltaram a se pôr em movimento.

— Será que o sr.... saiu por essa porta? — perguntei.

— Não, senhor. Ninguém saiu por aqui. Pensei que ele estivesse aqui dentro.

Nesse momento compreendi. Correndo o risco de aborrecer Richardson, permaneci ali, esperando pelo Viajante no Tempo; esperando pela sua segunda narrativa, talvez mais estranha que a primeira, e pelos espécimes e fotografias que ele certamente traria. Mas agora começo a temer que tenha de esperar pelo resto da vida. O Viajante no Tempo já

desapareceu há três anos. E, até onde qualquer um de nós saiba, nunca mais voltou.

Epílogo

Não nos resta escolha senão imaginar. Voltará ele algum dia? Talvez tenha partido rumo ao passado e perecido em meio aos selvagens peludos, bebedores de sangue, da Idade da Pedra; ou nos abismos dos mares do Cretáceo; ou entre os sáurios grotescos, os gigantescos répteis dos tempos jurássicos. Talvez ele esteja agora mesmo — se é que posso usar esta expressão — vagando por entre recifes de coral infestados de plessiossauros, ou ao lado dos lagos salgados e desertos do Triássico. Ou talvez tenha partido rumo ao futuro, para alguma das épocas mais próximas, na qual os homens ainda são homens, mas os enigmas da nossa época tenham sido decifrados e nossos cansativos problemas resolvidos? Talvez tenha ido em busca da fase mais madura de nossa raça; porque eu, de minha parte, não posso crer que estes tempos mais recentes, com experiências banais, teorias incompletas e discórdia recíproca, sejam o apogeu de nossa era. É o que penso, de minha parte. Porque ele, sei muito bem — essa é uma questão muitas vezes discutida entre nós, antes mesmo da construção da Máquina do Tempo —, tinha uma fé limitada no progresso da Humanidade, e via o crescimento de nossa civilização apenas como um amontoado de insensatez, que no final acabaria inevitavelmente desmoronando sobre a espécie humana, destruindo-a. Se assim for, cabe a nós levar nossa vida adiante como se não fosse verdade. Mas para mim o futuro é ainda obscuro e em branco — uma vasta ignorância, aqui e acolá iluminada pela lembrança da história que ele nos contou. E tenho ainda comigo, para meu consolo, duas estranhas flores brancas — ressequidas agora, escuras, secas e esfarelado-se — para testemunhar que, mesmo quando a inteligência e a força tiverem desaparecido, a gratidão e a ternura mútua ainda encontrarão espaço nos corações humanos.

Apêndice: Prefácio da edição de 1931

A Máquina do Tempo foi publicado em 1895. É, evidentemente, obra de um escritor sem muita experiência, mas certos aspectos originais a salvaram da extinção, e ainda existem editores e quem sabe até leitores que se interessem por ela após um terço de século. Sua versão final, a não ser por algumas pequenas correções, foi escrita numa pousada em Sevenoaks, em Kent. Seu autor, na época, ganhava a vida, mal e mal, como jornalista. A certa altura deparou-se com um mês de vacas magras, quando praticamente nenhum dos seus artigos foi publicado ou pago em qualquer dos jornais de que era colaborador habitual; e uma vez que todas as redações londrinas que o viam com bons olhos já estavam de posse de um amplo acervo de artigos seus ainda inéditos, pareceu-lhe inviável produzir outros antes que a fila andasse. Desse modo, em vez de queixar-se do momento pouco propício, escreveu a presente história, com a esperança de encontrar um mercado para ela em alguma área editorial pouco explorada. Ele guarda lembranças de escrevê-la a altas horas de uma noite de verão, junto a uma janela aberta, enquanto uma senhoria mal-humorada resmungava na escuridão contra o uso excessivo de sua lâmpada, comunicando a toda a vizinhança sua decisão de não ir deitar-se enquanto a tal lâmpada continuasse acesa; ele escrevia ao som dessas reclamações; e também lembra de discutir essa história e suas ideias principais durante caminhadas em Knole Park com a querida companheira que lhe dava um apoio muito firme durante aqueles anos aventureiros de poucas posses e de uma incerteza repleta de esperanças.

Naquele momento, a ideia central desta narrativa parecia-lhe ser sua única ideia. Ele a vinha poupando havia algum tempo, na esperança de que um dia ela pudesse render-lhe um livro muito mais substancial do que foi *A Máquina do Tempo*, mas a necessidade urgente de algo que pudesse ser oferecido ao mercado o obrigou a explorá-la sem mais delongas. Como o leitor mais atento poderá perceber, trata-se de um livro bastante desigual: a discussão inicial é planejada e redigida de modo muito mais eficaz do que os capítulos seguintes. É uma pequena história que brota de raízes profundas. A primeira seção, em que a ideia central é explicada, já viera à luz em 1893 no *National Observer* editado por Henley. Foi a segunda metade que acabou sendo escrita com tamanha urgência em Sevenoaks em 1894.

Aquela ideia única é hoje uma ideia de domínio público. Nunca chegou a ser especial para o seu próprio autor. Outras pessoas acabavam de descobri-la. Ela brotou na mente do autor em discussões com outros estudantes nos laboratórios e nos debates do Royal College of Science na década de 1880, e já fora experimentada por ele de diferentes maneiras antes

de prestar-se àquele uso específico. Essa ideia é a noção de que o Tempo é uma quarta dimensão, e que o nosso presente é uma secção tridimensional em um universo quadridimensional. A única diferença entre a dimensão do Tempo e as demais, desse ponto de vista, jaz no movimento de nossa consciência ao longo dele, que acaba produzindo a nossa impressão de um presente que avança. Evidentemente, pode haver vários “presentes” de acordo com a direção em que se faça o corte dessa secção móvel, um método de estabelecer o conceito de relatividade que não entraria em uso corrente na linguagem científica senão muito tempo depois, e, como também é óbvio, desde que essa secção chamada de “presente” é real e não uma mera abstração matemática, ela possuiria uma certa profundidade que pode variar de caso para caso. O “agora”, portanto, não é instantâneo, é uma grandeza de tempo maior ou menor, um ponto que ainda precisa ser examinado com mais atenção pelo pensamento contemporâneo.

Minha história, contudo, não se dedica a examinar essas ou outras possibilidades; eu não tinha então a menor noção de como explorá-las. Não era suficientemente educado nessa área do conhecimento, e decerto uma simples história não seria o veículo adequado para investigações mais profundas. Assim, minhas teorias expostas no início da narrativa se transformam, paradoxalmente, num romance imaginativo marcado pelas características do período em que foi escrito, em que predominavam um Stevenson ou um Kipling em princípio de carreira. O autor já fizera uma experiência prévia, num estilo pseudogermânico, ao modo de Nathaniel Hawthorne, num texto publicado no *Science Schools Journal* (1888-1889) e que agora, felizmente, se tornou inacessível. Todo o dinheiro de um colecionador de livros como o sr. Gabriel Wells não é capaz de adquirir um exemplar dessa versão. Havia também outro registro da mesma ideia, destinado à publicação na *Fortnightly Review* em 1891, mas que permaneceu inédito. Intitulava-se “O Universo Rígido”. Também este texto está irremediavelmente perdido, embora um seu predecessor mais ortodoxo, “A Redescoberta do Único”, insistindo na individualidade dos átomos, tivesse vindo à luz no número de julho daquele mesmo ano. Foi então que o editor, o sr. Frank Harris, despertou para o fato de que estava publicando certos assuntos com vinte anos de antecipação, passou uma tremenda descompostura no autor e mandou desfazer o texto antes da impressão. Se alguma prova dele sobreviveu, deve estar nos arquivos da *Fortnightly Review*, mas duvido que isso ocorra. Durante anos imaginei ter uma cópia em meu poder, mas, quando a procurei, tinha desaparecido.

A história de *A Máquina do Tempo*, diferentemente de sua ideia, encontra-se datada, não apenas em seu tratamento mas em sua concepção. Parece uma performance bastante amadora aos olhos do escritor agora amadurecido, quando ele a relê. Mas ela vai tão longe quanto ia naqueles dias a sua visão filosófica sobre a evolução da humanidade. A ideia de uma diferenciação social dos seres humanos em Elois e Morlocks parece-lhe agora um pouco mais que tosca. Uma das grandes influências em sua adolescência foi a leitura de Swift, e o pessimismo ingênuo de seu retrato do futuro humano é, tal como outra história que se lhe assemelha, *A Ilha do Dr. Moreau*, um tributo canhestro a um mestre ao qual ele muito

deve. Além do mais, os geólogos e astrônomos daquela época nos diziam mentiras terríveis sobre o inevitável “resfriamento” do mundo — bem como dos humanos e de todos os seres vivos. Não parecia haver escapatória. O jogo da vida chegaria ao fim dentro de um milhão de anos ou menos. Eles nos impuseram esta ideia com todo o peso de sua autoridade, sendo que agora Sir James Jeans, no seu sorridente *Universo ao Nosso Redor*, nos acena com milhões e milhões de anos pela frente. Com uma tal dianteira, o homem será capaz de realizar qualquer coisa e de ir a qualquer parte, e o único traço de pessimismo que ainda colore hoje suas perspectivas futuras é um leve sabor amargo de que talvez tenha nascido cedo demais. E mesmo este dissabor pode ser contornado com o auxílio da moderna filosofia psicológica e biológica.

Temos que errar se queremos evoluir, e este autor não se arrepende desta sua obra da juventude. Na verdade, às vezes sua vaidade se sente agradavelmente recompensada quando ele vê sua velha e querida Máquina do Tempo voltar a ser referida em ensaios e conferências, ainda uma maneira prática e conveniente de fazer retrospectos ou profecias. *A Viagem no Tempo do Dr. Barton*, com data de 1929, está aberta sobre sua mesa enquanto ele escreve — contendo inúmeras coisas com as quais ele não seria capaz de sonhar, trinta e seis anos atrás. Assim, a Máquina do Tempo provou ter a mesma longevidade da bicicleta de segurança, que surgiu por volta da data de sua primeira publicação. Agora, está para ser editada e impressa de um modo tão admirável que o autor tem certeza de que ela virá a lhe sobreviver. Há muito ele abandonou o hábito de escrever prefácios para quaisquer livros, mas esta é uma ocasião excepcional, e ele se sente orgulhoso e feliz em poder dizer uma ou duas palavras de reminiscência e de elogio fraterno sobre aquele seu homônimo pobretão e feliz, que viveu num ponto remoto da dimensão do Tempo, trinta e seis anos atrás.

H. G. WELLS

Notas

1. Wells se refere provavelmente a uma conferência real do astrônomo e matemático Simon Newcomb (1835-1909), em dezembro de 1893, sobre a possibilidade de construção de uma geometria quadridimensional. A conferência foi transcrita na revista *Nature* em fevereiro de 1894. Newcomb escreveu também um romance de ficção científica, *His Wisdom, the Defender* (1900).
2. A Linnaean (ou Linnean) Society of London, fundada em 1788, é uma entidade voltada para o estudo das ciências biológicas, história natural, taxonomia etc.
3. Archibald Primrose, Conde de Rosebery (1847-1929) foi primeiro-ministro britânico em 1894.
4. Os estudiosos da obra de Wells debatem até hoje quem teria sido essa pessoa, aparentemente bem popular na época em que o livro foi escrito. É possível que se trate de uma atriz de teatro ou music--hall que depois passou para o cinema, pois há menção de uma atriz chamada “Hetty Potter” nos filmes *Prehistoric Peeps* (1905) e *The Tramp’s Dream* (1906).
5. A Esfinge Branca imaginada por Wells dá uma impressão inicial de exotismo futurista, mas a escritora Marina Warner, prefaciando uma edição de *A Máquina do Tempo*, lembra que o parque de Kew Gardens abriu ao público seu pagode japonês nos anos 1870, e a Agulha de Cleópatra (na verdade um obelisco sem relação direta com a rainha) foi instalada em 1878 no Victoria Embankment, ladeado por esfinges. Tanto a Esfinge Branca quando o Palácio de Porcelana Verde, que aparece mais adiante, são imagens muito próximas da época do próprio Wells.
6. Grant Allen (1848-1899), amigo de Wells, escreveu numerosos livros sobre ciência (principalmente evolucionismo), além de romances policiais e de ficção científica. No mesmo ano de *A Máquina do Tempo*, 1895, ele lançou *The British Barbarians*, em que um historiador do futuro visita a Inglaterra vitoriana. A ideia da Terra superpovoada pelos fantasmas das gerações já mortas aparece em seu conto “Pallinhurst Barrow” (1892).
7. O jovem é George Howard Darwin (1845-1912), filho do autor de *A Origem das Espécies*. Ele propôs a teoria de que a distância entre a Terra e a Lua era afetada pela “fricção das marés”, responsável pela velocidade da rotação da Terra. Para ele, a Lua se originara da Terra e com o tempo voltaria a cair sobre ela.
8. O metrô de Londres, que entrou em funcionamento em 1863, foi a primeira ferrovia subterrânea do mundo e também em 1890 o primeiro a empregar trens elétricos.
9. A primeira câmara fotográfica portátil da Kodak entrou no mercado em 1890.
10. O ciclo referido é a rotação do polo terrestre, que descreve um cone invertido a cada 26 mil anos, aproximadamente. Na época futura a que chegou o Viajante no Tempo, no entanto, isso só teria acontecido trinta e uma vezes, e não quarenta.
11. *Philosophical Transactions* é o nome da publicação oficial da Royal Society britânica; foi criada em 1665.
12. Uma canção escocesa, escrita por Caroline Oliphant, Lady Nairne (1766-1845).
13. Uma espécie extinta de molusco.
14. Essa é a única vez em todo o livro em que surge o nome deste personagem; há um consenso de que se trata do próprio narrador. O instante em que o Viajante no Tempo acredita tê-lo avistado seria, logicamente, o momento em que ele abre a porta do laboratório e avista “... a imagem fantasmagórica de uma figura sentada no centro de uma massa turbilhonante, escura, com reflexos de bronze...”.

[1] Pode ser, é claro, que o piso em si não fosse inclinado, mas o museu tivesse sido construído na encosta de uma colina.